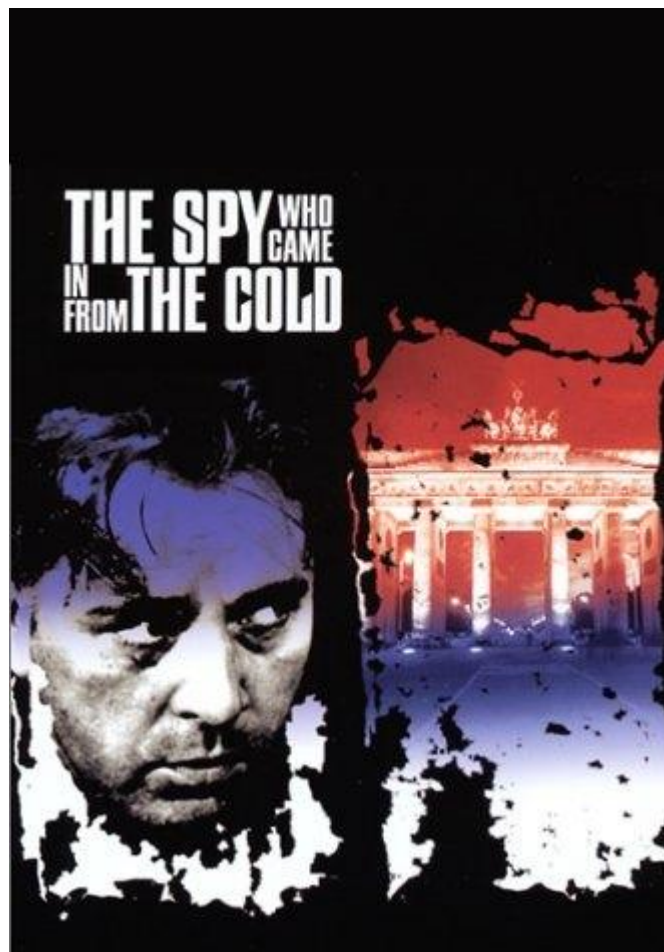
**O Espião que Veio do Frio [John le Carré]**

þþTalvez a melhor história de espionagem que já alguém leu.
Orvifle Prescoa, The New York

þþUma história plausível, uma acção maravilhosa e engenhosamente intrincada que mantém o leitor suspenso até à última página."
Chicago Triþ þþ

Só raramente aparece um livro desta qualidade - uma obra inspirada.
Dorothy B. Hughes, Book

Þþ Praticamos actos desagradáveis para que o homem comum possa dormir sossegado toda a noite na sua camaþþ, diz o chefe dos Serviços Secretos Britânicos em O Espião Que Veio do Frio Porque no campo da espionagem a guerra-fria deixa de ser fria e trava-se, impiedosa, de parte a parte. Neste caso, o þþacto desagradável" é um projecto de assassínio diabolicamente subtil, cuja prossecução mantém o leitor suspenso e expectante até final.

A obra-prima de John le Carré foi a sensação literária de 1964. Contada com realismo e autoridade incontestáveis -- o autor, um diplomata britânico, trabalhou nos Serviços Secretos, na  ustria -, proporciona uma leitura excitante e de profundo suspense.

1 O POSTO DE POLÍCIA

O funcionário da CIA passou a Jeamas uma chávena de café e disse: - Porque é que não volta para a cama e dorme sossegado?
Telefonamos-lhe logo que ele dê sinal de vida.
Jeamas não respondeu. Contemplou, através da janela do posto da polícia de trânsito de Berlim Ocidental a rua deserta que se prolongava até ao sector de Berlim Oriental.
- Nãoþ pode ficar aí eternamente à espera. Talvez ele nem apareça agora. A Polizei pode contactar consigo; em vinte minutos o senhor põe-se cá.
- Não - respondeu Jeamas. - Está a começar a escurecer.
- Mas o tipo tem nove horas de atraso. Quanto tempo vai esperar?
- Até que ele chegue. Se você quiser ir, vá. Já trabalhou bastante. - Leamas dirigiu-se à janela da vigia e postou-se entre os dois polícias imóveis, de binóculo assestado para o posto do sector oriental. - O tipo está à espera da noite - murmurou. - Sei que está.
- De manhã o senhor disse que ele vinha com os operários -- observou o americano.
Leamas irritou-se.
- Os agentes não são aviões. Não têm horários. Foi descoberto por alguém e fugiu. Está assustado. Neste momento Mundt persegue-o. Só lhe resta uma oportunidade. Ele que escolha a hora.
- O funcionário mais novo hesitava, ansioso por se ir embora e sem encontrar um pretexto.
Soou uma campainha de aviso no interior do posto, e Jeamas e eleþ aguardaram, subitamente tensos. Um dos polícias de serviço disse em alemão: - Um Opel Rekord preto. Registo federal.
Saiu do posto e dirigiu-se para a plataforma -- bamcada que ficava a pouco mais de meio metro da linha de demarcação branca que atravessava a estrada.
O outro polícia esperou até o companheiro se agachar atrás do telescópio, na plataforma após o que retirou o binóculo e ajustou cuidadosamente o capacete preto. Algures, por sobre o posto da polícia de trânsito, os projectores acenderam-se, iluminando a estrada para lá do Muro com fachos espectaculares.
O polícia iniciou um comentário em alemão: - Um carro estaciona no primeiro posto. Só um ocupante, uma mulher. Escoltada até ao posto da Vopo para verificação de documentos.
- Que é que ele está a dizer? - perguntou o americano.
Leamas não respondeu. Agarrando num binóculo, assestou-o em direcção ao posto da Alemanha Oriental.
- Terminou a verificação dos documentos. Foi admitida ao segundo posto.
- _ o seu homem? - perguntou o americano a Leamas. - Tenho de telefonar à Agência.
- Espere.
- Onde está agora o carro? Que está a fazer?
- Verificação do dinheiro. Alfândega - respondeu Leamas em voz sacudida.
Observava o automóvel. Dois vopos - Volkspolizei, ou Polícia do Povo - à porta do carm, um dos quais falava; um terceiro, que evolucionava em torno do veículo, deteve-se

junto da mala e regressou depois para junto do motorista. Queria a chave da mala.

Abriu-a, examinou-lhe o interior, fechou-a, devolveu a chave e avançou uns trinta metros, até ao local onde, a meia distância entre os dois postos fronteiriços, se encontrava uma solitária sentinela da Alemanha de Leste, um vulto atarracado, de botas e calças largas.

Ambos conversaram durante uns momentos, iluminados pelo clarão dos holofotes.

Com um gesto rotineiro, os vopos fizeram sinal ao motorista para prosseguir. Quando chegou junto dos polícias postados a meio da estrada, o veículo parou de novo. Os dois contornaram o carro afastaram-se e trocaram algumas palavras; por fim, quase que relutantemente, deixaram o automóvel atravessar a linha rumo ao sector ocidental.

Levantando a gola do casaco, Leamas saiu para o exterior, onde o vento gélido de Outubro o fustigou. Viu o habitual grupo de þrones do sector ocidental de Berlim; dentro do posto esqueciam-se esses rostos estupefactos; os espectadores mudavam, mas as expressões eram as mesmas; como a multidão que geralmente se forma em torno de um acidente de viação - cada qual a perguntar a si próprio e se deve ou não remover o cadáver. Leamas encaminhou-se para o automóvel e perguntou à mulher que o conduzia:   - Onde está ele?

- Vieram perguntar por ele e ele fugiu. Levou a bicicleta.

Não desconfiam de mim, de certeza.

- Para onde foi?

- Tínhamos um quarto perto de Brandenburg. Deve ter ido para lá. Disse que esperava pela noite. Os outros foram todos apanhados: 'aul, Viereck, Lãndser. Ele já não tem muito tempo.

Leamas fitava-a.

- Lþndser também?

- A noite passada.

Um dos policias do posto aproximou-se de Leamas.

- Têm de se afastar. _ proibido obstruir o ponto de cruzamento.

Leamas deu meia volta:   - Vá para o inferno - explodiu.

O alemão empertigou-se, mas a mulher disse a Leamas   - Entre. Vamos para ali para a esquina.

Seguiram lentamente até um atalho.

- Não sabia que tinha carro - comentou Leamas.

- _ do meu marido - replicou numa voz indiferente. - Karl nunca lhe disse que eu era casada, pois não? - Leamas permaneceu silencioso. - Meu marido e eu trabalhamos numa firma de aparelhagem óptica. Deixam-nos atravessar o Muro por razões profissionais. Karl só lhe disse o meu nome de solteira. Não me queria envolver com. . . consigo.

Leamas retirou uma chave do bolso.

- Você precisa de um sítio onde ficar - disse. - Há um apartamento em Albrecht D_rer Strasse, vinte e oito A.

Encontra lá tudo o que precisar. Telefono-lhe assim que ele chegar.

- Fico aqui consigo.

- Eu não vou ficar aqui. Agora não vale a pena esperar.

- Mas ele vem por aqui.

Leamas olhou-a, surpreendido.

- Foi ele quem lho disse?

- Foi. Ele conhece um desses vopos, o filho do senhorio.

:Sempre pode ajudar. _ por isso que escolheu este caminho.
- E disse-lhe a si?
- Ele confia em mim. Disse-me tudo.
- Meu Deus !
Entregou-lhe a chave e regressou ao posto, fugindo ao frio.
O mais velho dos polícias encarou-o com uma expressão pouco amistosa.
- Desculpe por lhe ter falado daquela maneira.
Rebuscou numa pasta velha e gasta, da qual retirou meia garrafa de whiskey. Com um aceno, o policia aceitou-a, encheu três canecas até metade e acabou de as encher com café forte. O funcionário da CIA desaparecera.
Leamas perguntou:   - Em que condições podem disparar de modo a proteger uma pessoa que venha a atravessar? Um fugitivo.
O polícia mais novo respondeu:   - Só podemos fazer fogo se os vopos atirarem para o nosso sector.
O mais velho acrescentou:   - Na realidade não podemos disparar para proteger, Mr. .
- Thomas - elucidou Leamas.
. Mr. Thomas. Dizem que se o fizermos há guerra.
- Disparate - comentou o polícia mais novo, encorajado pelo whiskey. - Se osþ Aliados não estivessem aqui, o Muro já tinha desaparecido.
- E Berlim também - murmurou o mais velho.
- Há um tipo que vai atravessar esta noite. _ importante que consiga. _ procurado pelos homens de Mundt.
- Há ainda sítios por onde se pode trepar - informou o polícia mais novo.
- Ele não é desse género. Tem habilidade para enganar as autoridades, e tem papéis, se é que ainda são válidos. Traz uma bicicleta.
Embora existisse apenas uma lâmpada no posto - um candeeiro com um abat-jour verde -, o clarão dos projectores, tal como um luar artificial, inundava tudo. A noite caíra. Leamas aproximou-se da janela e esperou.   sua frente estendia-se a estrada, e de ambos os lados o Muro, uma estrutura feia e suja de blocos cinzentos e arame farpado, iluminada por uma pálida luz amarela como o cenário de um campo de concentração. Tanto a leste como a oeste do Muro estendia-se a zona não restaurada de Berlim, isto é, meio mundo em ruínas. þ   .þAquela maldita mulher" pensava Leamas, þþe aquele louco do Karl, que mentia a seu respeito. Mentia por omissão, como fazem os agentes de todo o Mundo. Ensinamo-los a enganar, a disfarçarem as suas pistas, e enganam-nos a nós também.þþ Exibira a mulher apenas uma vez após um jantar na Primavera passada. Karl acabara de realizar com êxito uma operação, e o chefe de Londres, o þþControle Operacional,þ, que eles tratavam simplesmente por Controle, quisera conhecê-lo. Controle surgia sempre nos momentos de êxito.
Haviam jantado juntos: Leamas, Controle e Karl. Karl parecia um rapazinho da escola dominical, escovado e reluzente, a tirar respeitosamente o chapéu.
Controle apertara-lhe a mão durante cinco minutos.
- Quero que saiba como estamos satisfeitos consigo, Karl.
Imensamente satisfeitos.
Assim que haviam terminado o jantar, Controle apertara

de novo as mãos dos dois e, insinuando que tinha de ir para arriscar a vida algures, regressara ao seu automóvel, conduzido por um motorista.

Karl rira-se, e Leamas rira com ele, e haviam terminado o champanhe. Haviam-se dirigido então para o Alter Fass a insistência de Karl, onde Elvira os esperava - uma loura de quarenta anos, dura como couro.

- Isto é o meu segredo mais bem guardado, Alec - dissera Karl, e Leamas ficara furioso. Pouco depois haviam discutido.

- Que é que ela sabe? Quem é ela? Como a conheceu?

Karl retraíra-se e recusara-se a responder.

- Se não confia nela, de qualquer modo é tarde demais.

Leamas percebera e calara-se, mas a partir de então começara a ser cuidadoso, a contar muito menos a Karl e a utilizar mais frequentemente os truques da técnica de espionagem. E ali estava ela, no seu carro, sabendo de tudo, da rede, da casa de segurança, tudo. E Leamas jurou, não pela primeira vez, que nunca mais confiaria num agente secreto.

- Olhe, Herr Thomas! - sussurrou o polícia mais novo. Um homem com uma bicicleta.

Leamas agarrou no binóculo.

Era Karl - mesmo à distância, a sua figura era inconfundível -, envolto numa gabardina, a empurrar a bicicleta.

þ.Conseguiu!þþ, pensou Leamas. þþJá atravessou o posto de verificação dos documentos; só Lhe falta a alfândega. þ, Leamas observava Karl que encostara a bicicleta ao gradeamento e se dirigia com ar descontraído para o posto da alfândega. þþNão exageresþþ, dizia Leamas para consigo.

Finalmente Karl saiu, acenou uma alegre despedida ao funcionário e  o varão vermelho e branco ergueu-se lentamente. Atravessara;  aproximava-se deles. Conseguira. Faltava apenas o vopo a meio da estrada, a linha-limite - e a segurança!

Nesse momento Karl pareceu ouvir qualquer som, pressentir qualquer perigo; olhou por sobre o ombro e começou a pedalar furiosamente, curvando-se sobre o guiador. Restava apenas a sentinela solitária da estrada, que se virara e observava Karl.

Súbita e inesperadamente, os projectores brancos e cintilantes apanharam Karl e fixaram-no com o seu facho, como um coelho encandeado pelos faróis de um automóvel. Silvou uma sirene e soaram vozes de comando. Em frente de Leamas os dois polícias caíram de joelhos, perscrutando a cena através das fendas da bamcada e carregando rapidamente as suas armas automáticas.

A sentinela da Alemanha Oriental abriu fogo - disparando cautelosamente no seu próprio sector. O primeiro tiro pareceu empurrar Karl para a frente, o segundo puxá-lo para trás. De qualquer maneira, ele continuava a avançar, mantendo-se sobre a bicicleta, passando defronte da sentinela, que continuava a disparar sobre ele.

Por fim caiu, rolando pelo chão, e ouviu-se o estrondo da bicicleta que tombara. Leamas pediu a Deus que ele estivesse morto.

## 2 O CIRCO

LEAMAS era um homem baixo, de cabelo grisalho cortado rente e o físico de um nadador. A sua grande força notava-se-lhe nos

ombros, no pescoço e nas mãos e dedos curtos. Tinha um rosto atraente e musculoso, olhos castanhos e um perfil que denotava obstinação.

Dizia-se que era irlandês, embora não fosse fácil localizá-lo.

Se entrasse num clube londrino, o porteiro certamente não o confundiria com qualquer dos membros, mas num clube nocturno em Berlim davam-lhe geralmente a melhor mesa. Presentemente no avião, contemplando a pista do aeroporto de Tempelhof a afundar-se lá em baixo, parecia um homem que podia ser perigoso.

A hospedeira achou-o interessante. Calculou acertadamente que deveria orçar pelos cinquenta anos, e erradamente que era rico.

Sup“s que fosse solteiro, o que não deixava de corresponder parcialmente a verdade. Leamas divorciara-se há muito tempo; tinha filhos, algures, agora adolescentes.

Leamas não era um homem meditabundo. Sabia que fora banido pelos superiores - um facto com que tinha de viver; tal como se vive com cancro ou na prisão. Conhecera o fracasso como um dia  conheceria a morte, com um cínico ressentimento e a coragem dos solitários. Durara mais do que a maioria, mas agora estava derrotado, e fora Mundt quem o vencera.

Dez anos atrás podia ter seguido outro rumo - um lugar nos escritórios desse anónimo edifício governamental do Circo de Cambridge; não era, todavia, a sua vocação. Esperar que Leþþ þþþ a vida operacional pelos escritórios daquilo que se chamava simplesmente o.þCircoþþ era como pedir a um jockey que se tornasse apostador. Permanecera em Berlim, ciente de que o Serviço de Pessoal marcava a sua ficha para revisão ao fim de cada ano: obstinado, voluntarioso, desdenhoso de instrução. O trabalho dos Serviços Secretos tem uma lei moral - justifica-se pelos resultados.

Leamas obteve resultados. Até ao aparecimento de Mundt.

þ Era estranho como Leamas percebera de imediato que Mundt era um mau presságio.

Hans-Dieter Mundt nascera há quarenta e dois anos em Leipzig.

Leamas conhecia o seu dossier, conhecia a fotografia na contracapa, o rosto duro e impassível sob o cabelo louro; sabia de cor a historia da subida de Mundt ao poder como director-adjunto e chefe efectivo de operações do Departamento dos Serviços Secretos da Alemanha Oriental, a que os agentes chamavam simplesmente o þþDepartamentoþþ - o Abteilung.

Até 1959 Mundt não passara de um funcionário menor do Abteilung que operara em Londres sob a protecção da Missão dþ Aço da Alemanha Oriental. Regressou apressadamente à Alemanha depois de matar dois dos seus próprios agentes para salvar a pele, e ninguém soube dele durante mais de um ano. Então, subitamente reapareceu na sede do Abteilung em Leipzig como director de Modos e Meios - a secção responsável pela distribuição de dinheiro, equipamento e pessoal para þþtarefas especiais". No fim desse ano deu-se no Abteilung a grande luta pelo poder. Reduziu-se o número e a influência dos funcionários ligados à Rússia e emergiram dois homens: Fiedler, como director da Contra-Espionagem, e o próprio Mundt.

Iniciou-se então o novo estilo. O primeiro agente que Leamas perdeu foi uma rapariga que fora usada para þþsþþe de mensagensþ os homens de Mundt liquidaram-na a tiro, na rua, quando ela saía de um cinema em Berlim Ocidental. A polícia

nunca descobriu o assassino.
Um mês depois um carregador do caminho-de-ferro de Dresden um agente despedido da rede de Peter Guillam foi encontrado morto junto da via ferrea. Logo a seguir, dois membros de outra rede que trabalhava sob a chefia de Leamas foram presos na zona oriental e sumariamente sentenciados à morte. E assim sucessivamente: inexorável e assustadoramente.
E agora tinham apanhado Karl Riemeck, e Leamas abandonava Berlim sem um único agente válido. Mundt vencera.
FAwLEY da Secção do Pessoal, estava à sua espera no aeroporto e conduziu-o de carro até Londres.
- Controle está bastante aborrecido por causa de Karl - comentou, olhando de lado para Leamas. Este acenou com a cabeça. - Como é que foi?
- Foi atingido a tiro. Mundt apanhou-o.
- Morto?
- Creio que sim. Nunca devia ter-se apressado; eles não podiam ter a certeza. O Abteilung chegou ao posto da polícia logo a seguir a Karl atravessar. Ligaram a sirene e um vopo atirou sobre ele a uns vinte metros da linha.
- Pobre diabo!
- Isso mesmo.
Fawley considerava Leamas suspeito, mas era-lhe indiferente que Leamas o soubesse. Fawley pertencia a clubes, usava as gravaþ respectivas e mencionava o seu posto na correspondência do escritório. Leamas considerava-o um cretino.
- Para onde vou agora? - perguntou Leamas. - Deferido?
- _ melhor que Controle lhe diga, meu velho.
- Você sabe?
- Claro.
- Então por que diabo não me diz?
- Desculpe mas não digo, meu velho - replicou Fawley.
Leamas esteve prestes a exaltar-se. Depois reflectiu que provavelmente Fawley mentia.
- Bem, diga-me uma coisa: preciso de procurar um desses malditos apartamentos em Londres?
Fawley coçou a orelha.
- Não me parece, meu velho.
CONTROLE apertou-lhe a mão cuidadosamente, como um médico a apalpar os ossos.
- Deve estar exausto. Sente-se.
A voz de sempre, monótona e pedante.
Leamas sentou-se numa cadeira defronte de um radiador eléctrico sobre o qual baloiçava um recipiente de água.
- Tem frio? - perguntou Controle debruçando-se sobre o calorífero e esfregando as mãos.
Vestia uma camisola de lã castanha, gasta, sob o casaco preto.
Leamas lembrou-se da mulher de Controle, pequenina e estúpida, chamada Mandy, que parecia julgar que o marido pertencia à Direcção das Minas de Carvão. Sup“s que fora ela quem lhe tricotara a camisola. Controle continuou: - O mal é este tempo seco. Quando se combate o frio seca-se a atmosfera, o que é igualmente perigoso. - Dirigiu-se à secretária e premiu um botão. - Vamos tentar arranjar café - disse. - O problema é a minha secretária estar de folga; deram-me outra, mas é francamente má.
Correspondia totalmente à imagem que Leamas dele conservava, excepto no respeitante à estatura, pois era mais baixo do que o agente imaginara. De resto o mesmo

desprendimento afectado, o mesmo horror às correntes de ar, o mesmo sorriso amarelo, a mesma desconfiança e cortesia pouco frontais, o mesmo apego a um convencional código de comportamento que fingia considerar ridículo.

Controle sentou-se, e fez-se um silêncio. Por fim Leamas disse: - Mataram Karl Riemeck.

- Sim, eu sei - declarou Controle, como se Leamas tivesse ganho um tento. - Foi um grande azar. Suponho que foi essa rapariga quem deu cabo dele: Elvira.

- Creio que sim.

Leamas não ia perguntar-lhe como é que ele sabia da existência de Elvira.

- Que sentiu? Quero dizer, quando liquidaram Riemeck?

Leamas encolheu os ombros.

- Fiquei terrivelmente aborrecido.

Controle inclinou lateralmente a cabeça e semicerrou os olhos.

- Certamente sentiu mais do que isso. Ficou preocupado, não?

- Sim, fiquei preocupado. Quem não ficaria?

- Gostava de Riemeck, como homem?

- Acho que sim - respondeu Leamas em tom desanimado. -- Mas não vale a pena falar agora nisso - acrescentou.

- Como é que passou a noite, o resto da noite, depois de Riemeck ter sido abatido?

Leamas exaltou-se: - Onde quer chegar?

- Riemeck foi o último, o último de uma série de mortes. Se a memória me não trai, começou com a rapariga que eles mataram à saída do cinema. Depois o tipo de Dresden e as prisões em Jena.

Agora, Paul, Viereck e Lãndser. . . e finalmente Ríemeck. Sorriu com uma expressão depreciativa. - Uma média de perdas muito pesada. Pergunto a mim mesmo se não lhe parece que isto já chega.

- Que quer dizer com þþjá chega"?

- Se não estará cansado. Queimado.

Seguiu-se um longo silêncio.

- Isso é consigo - acabou por dizer Leamas.

- Tentamos viver sem compaixão, não é? Mas é impossível, claro. Agimos dessa forma uns com os outros, com essa dureza; mas de facto não somos assim. Quero dizer, não é possível ficar todo o tempo lá fora ao frio. Tem de se entrar e fugir do frio. Está a compreender onde quero chegar?

Leamas compreendia.

- Não sei falar assim, Controle - declarou finalmente. - Que quer que eu faça?

- Quero que fique um pouco mais tempo lá fora ao frio.

Como não obtivesse qualquer comentário de Leamas, prosseguiu: - A ética do nosso trabalho baseia-se na suposição de que nunca seremos agressores. Está de acordo?

Leamas acenou em concordância.

- Assim praticamos actos desagradáveis, mas por defesa.

Praticamos actos desagradáveis para que o homem comum possa dormir sossegado toda a noite na sua cama. Romantismo? Claro, de vez em quando praticamos actos de uma extrema crueldade. - Arreganhou os dentes, num sorriso de garoto de escola. - Mas não podemos ser menos cruéis do que a oposição só porque a politica do nosso ovento é de benevolência; não é verdade? - Soltou uma gargalhada silenciosa. - Isso nunca resultaria.

Leamas sentia-se perdido. Era como trabalhar para um

maldito dérigo. Nunca ouvira Controle exprimir-se dessa maneira. Que planos teria ele em mente?

= _ por isso - prosseguiu Controle - que penso que devíamos tentar livrar-nos de Mundt. . . Mas quando é que chega esse maldito café? - disse, virando-se irritado para a porta.

Ergueu-se, abriu-a e falou com uma rapariga na sala contígua. Quando regressou, disse: - Penso realmente que, se conseguíssemos, devíamos libertar-nos dele.

- Porquê? Já não nos resta nada na Alemanha de Leste. Karl Riemeck foi o último. Não há nada que proteger.

Controle sentou-se e fitou as mãos.

- isso não é totalmente verdade. Mas não me parece necessário maçá-lo com pormenores.

Leamas encolheu os ombros.

- Diga-me - continuou Controle. - Está cansado de ser espião? Compreendemos que esteja. _ como os aviões. . . fadiga metálica, penso que é este o termo. Se está cansado, temos de descobrir outra maneira de nos encarregarmos de Mundt. A minha ideia é um pouco fora do comum.

A empregada entrou com o café e encheu duas chávenas. Controle esperou até que ela saísse.

- Parva de rapariga. . . - disse, quase como que falando para consigo. - _ espantoso que já não se arranjem melhores. - Durante alguns minutos mexeu desconsoladamente o café. - Temos de facto de desacreditar Mundt - continuou. - Diga-me, bebe muito?

Whiskey ou bebidas desse género?

Leamas pensava até então que conhecia Controle.

- Bebo um bocado. Mais do que o normal das pessoas.

Controle acenou a cabeça em sinal de assentimento.

- Que sabe acerca de Mundt?

- Sei que é um assassino; quando esteve cá com a Missão de Aço da Alemanha de Leste perseguiu um agente, a mulher daquele homem do Ministério dos Negócios Estrangeiros: Fennan.

Matou-a.

- E tentou matar George Smiley. E, claro, liquidou também o Fennan. _ um ex-nazi, um homem detestável. George Smiley conheceu bem o caso Fennan. Já não está connosco, mas penso que você podia interrogá-lo. Vive em Chelsea. Bywater Street, sabe onde é?

- Sei.

- E Peter Guillam também estava dentro do caso. Está agora nos Satéliies Quatro, primeiro andar. Passe um dia ou dois com eles. eles sabem dos meus planos. Depois, não quererá passar comigo um fim-de-semana? A minha mulher - acrescentou apressadamente  está a olhar pela mãe. Sou só eu e você.

- Obrigado. Tenho muito gosto.

- E então poderemos conversar à vontade. Vai ser um fim-de-semana agradável. Creio que poderá ganhar umas massas.

Depende   do que fizer.

- Obrigado.

- Claro que só se você quiser mesmo colaborar. Se não estiver cansado disto. . .

- Se o objectivo é matar Mundt, estou pronto.

- _ de facto essa a sua posição? - perguntou Controle polidamente. E depois de o olhar com ar meditativo, declarou: - Sim, acredito que seja. Mas não deve julgar que tem de o dizer.

Isto é, no nosso mundo passamos tão rapidamente para lá

do þþódioþ, ou do þþamorþ,. E no fim só nos resta uma espécie de náusea; não nos apetece mais causar sofrimento. Desculpe-me, mas não foi a sensação que teve quando Karl Riemeck foi abatido? Nem ódio a Mundt nem amor-a Karl, antes um acesso de náuseas, brusco como uma palmada num corpo entorpecido. Contaram-me que você caminhou toda a noite pelas ruas de Berlim. _ verdade?

- _ verdade que fui dar um passeio.
- Durante toda a noite?
- Sim.
- Que aconteceu a Elvira?
- Deus o sabe. Bem gostava de enforcar Mundt.
- Bom. . . bom. Olhe, se entretanto encontrar alguns dos seus velhos amigos, não discuta este assunto com eles. De facto -- acrescentou Controle -, o melhor é não falar muito com eles.

Deixe-os pensar que nós o tratamos mal. _ o princípio do que se pretende continuar, não Lhe parece?

3 O DECLÖNIO

NÇo causou surpresa a ninguém que Leamas fosse arrumado na prateleira. Dizia-se: Berlim há anos que constitui um fracasso, e alguém tinha de as pagar. Além do mais, Leamas estava velho para trabalho operacional, que requer frequentemente reflexos tão rápidos como os de um jogador profissional de ténis. Era um facto conhecido que Leamas fizera um bom trabalho na Noruega e na Holanda durante a guerra. E no fim entregaram-lhe uma medalha e dispensaram-no. Mais tarde, claro, convidaram-no a regressar.

Com a reforma teve pouca sorte. A Elsie, da Contabilidade, divulgou a notícia, dizendo na cantina que o pobre Alec Leamas só receberia quatrocentas libras por ano devido à interrupção no serviço.

Na opinião de Elsie, esta regra devia ser alterada; no final de contas Mr. Leamas fizera o serviço, não é verdade?

Durante o tempo em que ainda vigorava o contrato de Leamas, colocaram-no na Secção Bancária. A Secção Bancária era encarregada dos pagamentos no ultramar e do financiamento de agentes e operações. Na sua maior parte as tarefas poderiam ser executadas por qualquer escriturário, não fosse o seu carácter altamente secreto.

A Secção Bancária era considerada uma sepultura para funcionários prestes a serem enterrados.

Leamas envelhecera. Na opinião dos colegas transformara-se num homem arruinado, bêbedo e ressentido - e num espaço de poucos meses. Especialmente quando sóbrios, os bêb dos caracterizam-se por um determinado tipo de estupidez: uma espécie de incoerência que um observador pouco atento interpreta como inexactidão e que Leamas parecia adquirir com uma invulgar rapidez. Praticava pequenas desonestidades: pedia emprestado às secretárias somas insignificantes que se esquecia de devolver; chegava tarde ao serviço ou saía antes da hora, tartamudeando um pretexto.

Inicialmente os colegas trataram-no com indulgência; talvez o seu declínio os assustasse, como nos assustam os aleijados por recearmos ficar um dia como eles. Mas finalmente a sua negligência e a sua malícia brutal e irracional isolaram-no.

Para surpresa geral, Leamas não parecia importar-se por ter sido arrumado na prateleira. Dir-se-ia que a sua vontade

sucumbira repentinamente. As jovens secretárias, relutantes em acreditar que os funcionários dos Serviços Secretos são simples mortais alarmavam-se ao notar o envelhecimento prematuro de Leamas. Este almoçava na cantina, habitualmente reservada ao pessoal mais jovem, e era evidente que bebia. Tornou-se um solitário, um homem pertencente a essa classe trágica dos activos prematuramente privados de actividade - nadadores excluídos da água ou actores expulsos do palco.

þ Alguns diziam que ele cometera um erro em Berlim, razão por que a sua rede de espionagem fora destruída. Mas ninguém o sabia ao certo. Todos concordavam em que fora tratado com excessiva dureza, mesmo pelo departamento do pessoal, que não gozava da fama de filantrópico. Apontavam-no disfarçadamente quando lá passava, como se aponta um antigo atleta: þþ_ o Leamas.

Cometeu um erro em Berlim. _ terrível o modo como se deixou assim afundar. ,þ E então, um dia, antes de terminar o contrato, Leamas desapareceu sem se despedir de ninguém. nem mesmo, segundo parecia, de, Controle. O facto em si não era de surpreender: os Serviços baniam despedidas formais e ofertas de relógios de ouro. Não obstante, a partida de Leamas parecia abrupta. Elsie, da Contabilidade, conseguiu algumas escassas informações: Leamas levantara o saldo do seu ordenado, o que, na opinião de Elsie, significava que estava a ter problemas com o banco. E a sua remuneração devia ser paga no fim do mês. Não sabia ao certo o montante do ordenado, mas não chegava a quatro algarismos, pobre dele.

Seguidamente, divulgou-se a história do dinheiro. Começou a correr - ninguém, como de costume, sabia de que fonte - que a súbita partida de Leamas se relacionava com irregularidades nas contas da Secção Bancária. Faltara uma larga soma, tinham-na recuperado quase na totalidade e o restante ia ser retirado da pensão dele. Alguns não acreditaram. Argumentavam que se Alec tivesse querido roubar a caixa teria meios mais eficazes de o fazer do que mexer nessas contas. Outros, contudo, lembravam o seu vasto consumo de álcool, as despesas de manutenção de uma casa independente e, acima de tudo, as tentações que podiam assaltar um homem que lidasse com tanto dinheiro sabendo que os seus dias nos Serviços estavam contados. E todos concordavam em que, se Alec Leamas cometera uma fraude, estava arrumado para sempre. A Secção do Pessoal não forneceria quaisquer referências sobre ele, ou fá-lo-ia tão reticentemente que nenhum patrão o aceitaria.

Durante uma ou duas semanas após o seu desaparecimento, alguns ainda perguntaram o que seria feito dele. Os seus antigos amigos, porém, já tinham decidido afastar-se. Leamas tornara-se enfadonho e ressentido, constantemente a atacar os Serviços e a sua administração. Não perdia nunca a oportunidade de criticar os Americanos e as suas agências de espionagem. Parecia odiá-los mais do que ao Abteilung e insinuava que haviam sido eles quem lhe comprometera o trabalho. Parecia dominado por uma obsessão e quaisquer palavras de consolação resultavam vãs. Tornou-se pois um mau companheiro, e até aqueles que o haviam conhecido e mesmo criado amizade com ele o foram pondo de parte. A partida de Leamas não passou, portanto, de um incidente, e em breve foi esquecida.

O apartamento de Leamas, pintado de castanho e dando directamente para as traseiras cinzentas de um armazém de

pedra, era pequeno e sujo. Por cima do armazém morava uma família italiana que discutia toda a noite e batia os tapetes de manhã. Leamas tinha poucos objectos com que ornamentar a sala e o quarto. Comprou abat-jours para as lâmpadas e dois pares de lençóis para substituir os quadrados de algodão grosseiro fornecidos pelo senhorio. O resto tolerava-se: as cortinas desbotadas e a carpete esfiapada como de uma hospedaria de marinheiros.

Precisava de um emprego. Não tinha dinheiro. Daí talvez as histórias de apropriação fraudulenta serem verdadeiras. Uma firma de fabricantes de cola, que não pareceu preocupar-se com as inadequadas referências apresentadas pelos Serviços, ofereceu-lhe o posto de inspector do pessoal. Ficou uma semana, finda a qual o cheiro fétido do óleo de peixe lhe impregnara de tal modo as roupas e o cabelo que teve de se desfazer de dois fatos e rapar a cabeça. Passou outra semana a tentar vender enciclopédias a donas de casa suburbanas, mas não era o género de homem que as donas de casa apreciassem ou entendessem.

Noite após noite regressava, cansado, a casa, a amostra ridícula debaixo do braço.

No fim da semana telefonou à companhia comunicando que não vendera nada. Sem revelarem surpresa, lembraram-Lhe a obrigação de devolver a amostra. Furioso, Leamas saiu da cabina telefónica a passos largos, deixando atrás de si a enciclopédia que servia como   amostra, dirigiu-se a um bar em Bayswater e embebedou-se.

Puseram-no fora por ter increpado violentamente uma mulher q tentara relações amistosas com ele. Começava a ser conhecidoþ   A sua figura grisalha e vacilante era já conhecida em todo þ Bayswater. Pronunciava apenas as palavras estritamente necessárias não tinha um amigo. Calculavam que tinha problemas. Provávelmente abandonara a mulher. Nunca sabia o preço de nada, nunca se recordava quando lho diziam. Rebuscava em todos os bolsos à procura de trocos, esquecia-se sempre de trazer um saco e de todas as vezes comprava sacos de plástico. Não gostavam dele, embora quase o lamentassem. Andava sujo, não se barbeava aos fins-de-semana e tinha as camisas enxovalhadas. Uma tal Mrs. McCaird fez-lhe durante algum tempo a limpeza do apartamento, mas como nunca recebesse dele uma única palavra de cortesia deixou de lá ir.

Essa mulher tornou-se uma importante fonte de informação para os comerciantes, que transmitiram uns aos outros o que sabiam, prevendo a hipótese de ele pedir crédito, que Mrs. McCaird desaconselhava. Era do conhecimento geral que Leamas bebia como um odre.

Nunca recebia uma carta - contava ela; e todos concordavam que se tratava de um caso sério. Em sua opinião, Leamas possuía alguns fundos, de que vivia, mas esses rendimentos deviam estar prestes a esgotar-se. Sabia que ele recebia o subsídio às quintas-feiras. Bayswater estava pois avisado, e não precisava de segundo aviso.

## 4 LIZ

F×NALMENTE arranjou emprego numa biblioteca. O Serviço de Empregos sugeria-lho todas as quintas-feiras de manhã, quando ia receber o subsídio de desemprego, mas ele sempre o recusara.

- Não é realmente o ideal para si - disse Mr. Pitt -, mas pagam bem e o trabalho é fácil para um homem instruído.

- Que espécie de biblioteca? - perguntou Leamas.
- A Biblioteca de Bayswater para Investigação Psíquica. Uma doação. Tem milhares de volumes, de todos os géneros, e deixaram-lhes muitos mais. Precisam de outro ajudante. Os funcionários são um pouco excêntricos, mas acho que devia experimentar.
Leamas interrogava-se onde já vira Pitt. Talvez no Circo, durante a guerra.
A biblioteca era como a nave gelada de uma igreja. Os fogões a petróleo, em ambas as extremidades, espalhavam um cheiro a querosene. A meio, num cubículo semelhante ao de uma cadeira eléctrica, sentava-se Miss Crail, a bibliotecária.
- Sou o novo ajudante - disse-lhe. - Chamo-me Leamas.
Entregou-lhe um impresso com o seu curriculum, que ela agarrou e começou a examinar.
- O senhor é Mr. Leamas. - Não era uma pergunta, mas a primeira conclusão de uma laboriosa investigação. - E vem por parte do Serviço de Empregos.
- Venho. Disseram-me que a senhora precisava de um ajudante.
- Compreendo.
Um sorriso estúpido.
Nesse momento o telefone tocou; ela ergueu o auscultador e, furiosa, iniciou uma acesa discussão com um interlocutor desconhecido. Leamas afastou-se em direcção às estantes. Em cima de uma escada, num dos compartimentos, uma rapariga retirava das prateleiras grossos volumes.
- Sou o empregado novo - disse ele. - E o meu nome é Leamas.
Ela desceu a escada e apertou-lhe formalmente a mão.
- Chamo-me Liz Gold. Já falou com Miss Crail?
- Já, mas ela está ao telefone.
- A discutir com a mãe, deduzo. Que vai fazer?
- Não sei. Nunca fiz um trabalho destes.
- Estamos a marcar; Miss Crail começou um novo índice.
Era alta, de busto e pernas longas. Usava sapatos de ballet para reduzir a altura, e o rosto, tal como o corpo, tinha uma configuração que parecia hesitar entre a fealdade e a beleza. Leamas sup“s que ela teria vinte e dois ou vinte e três anos e que era judia.
- _ só verificar se todos os livros estão nas prateleiras explicou ela. - Depois de verificar, marca neles a lápis a nova referência e elimina-os do índice.
- E depois?
- Só Miss Crail tem licença de marcar a referência a tinta.
_ esta a regra..
- A regra de quem?
- De Miss Crail. Porque não começa pela arqueologia?
Leamas acenou com a cabeça num gesto de concordância e dirigiram-se para o compartimento seguinte, onde se via uma caixa de sapatos cheia de cartões. A rapariga deixou-o ali, e, após um momento de hesitação, Leamas retirou um livro das prateleiras.
Intitulava-se Descobertas Arqueológicas na sia Menor, Quarto Volume. Parecia que existia apenas o quarto volume.
Cerca da uma hora, sentindo-se esfomeado, Leamas aproximou-se de Liz Gold e perguntou: - E quanto ao almoço?
- Oh, eu trago sanduíches. - Pareceu um pouco embaraçada. - Posso dar-lhe algumas. Não há nenhum café aqui perto.

Leamas abanou a cabeça.
- Vou lá fora, obrigado.
s duas e meia regressou, a cheirar a whiskey. Pousou dois sacos de compras num canto do compartimento e recomeçou a marcar os livros de arqueologia com ar enfastiado.
Decorridos dez minutos, reparou que Miss Crail o observava: - Mister Leamas I   Como se encontrava a meio da escada, olhou por sobre o ombro e respondeu: - Diga, Miss Crail.
- Sabe donde vieram estes sacos de compras?
- São meus.
- Ah, são seus. . . - Learnþ esperou. - Lamento muito - - disse ela finalmente -, mas não é permitido guardar sacos de compras aqui na biblioteca.
- Não tenho outro sítio.
- Se o senhor fizer o intervalo normal para o almoço não lhe sobra tempo para compras. Nem eu nem Miss Gold fazemos compras.
- E porque é que não tiram mais meia hora? - perguntou leamas. - Podiam trabalhar mais meia hora à tarde.
Ela olhou-o durante alguns minutos, obviamente tentando encontrar uma resposta. Por fim declarou: - Vou discutir o caso com Mr. Ironside.
E afastou-se.
s cinco e meia em ponto, Miss Crail vestiu o casaco e com um enfático þþBoa noite, Miss Goldþþ, saiu.
Leamas dirigiu-se ao compartimento contíguo, onde Liz, sentada no último degrau da escada, lia algo semelhante a um panfleto.
Ao vê-lo, guardou apressadamente o impresso na carteira e ergueu-se.
- Quem é Mr. Ironside? - perguntou Leamas.
- é de quem ela se vale quando não sabe responder.
Perguntei-lhe uma vez quem era. E ela respondeu, com ar de mistério: þþNão importa." Creio que ele nem existe.
- Duvido até que Miss Crail saiba - retorquiu Leamas, e Liz Gold sorriu.
s seis horas ela fechou a porta à chave.
- Mora longe? - perguntou Leamas.
- Vinte minutos a pé. Vou sempre a pé. E você?
- Não é longe - respondeu Leamas. - Boa noite.
Caminhou devagar até ao seu apartamento, entrou e acendeu a luz. Nada de novo. No tapete da porta, uma carta. Apanhou-a e observou-a à luz pálida da escada. Era da companhia de electricidade a avisar que não tinham outra alternativa senão cortar-lhe a luz, até ele pagar a conta.
Do dia seguinte em diante Miss Crail começou a odiar tanto leamas que não conseguia sequer comunicar com ele. Ou o censurava ou o ignorava, e assim que ele se aproximava começava a tremer, a olhar para a direita e para a esquerda, como se à procura de algo com que se defender ou talvez com que escapar.
Ocasionalmente ofendia-o mesmo, como, por exemplo, quando =ele pendurou a gabardina no cabide dela. Tremeu durante todo o dia e cochichou ao telefone durante metade da manhã.
- Está a contar à mãe - disse Liz. - Conta sempre tudo à mãe. Também lhe fala de mim.
Nos dias de pagamento, ao regressar do almoço, Leamas encontrava no terceiro degrau da sua escada um envelope com o seu nome.

Da primeira vez que tal aconteceu, levou-lhe o envelope com o dinheiro: - _ L-e-a, Miss Crail, e só um s.

Perante tal atitude Miss Crail foi atacada por uma autêntica paralisia, rolando os olhos e remexendo no lápis até Leamas se afastar. Em seguida conspirou ao telefone durante horas.

Decorridas cerca de três semanas desde que Leamas começara a trabalhar na biblioteca, Liz convidou-o para jantar. Fingiu que a ideia lhe acudira de repente, às cinco horas da tarde; como se adivinhasse que, se o convidasse para o dia seguinte, ele se esqueceria ou simplesmente não iria.

Embora parecesse relutante em aceitar o convite Leamas acabou por anuir. Seguiram em direcção ao apartamento dela debaixo de chuva, e era como se estivessem em Berlim ou em Londres ou noutra cidade qualquer, onde as pedras dos passeios se transformam em poças de luz sob a chuva da noite e o tráfego se arrasta pelas ruas molhadas.

O apartamento de Liz Gold tinha apenas uma divisão. Essa foi a primeira de muitas refeições que Leamas ali tomou. Quando constatou que ele aceitava os convites, ela começou a convidá-lo com frequência. Punha a mesa de manhã, antes de sair para o trabalho, com velas, porque adorava a luz de velas. Leamas nunca era demasiado loquaz, e Liz sabia que existia um mistério nele, e que um dia, por qualquer razão ignorada, ele. desapareceria para sempre.

Tentou dizer-lhe que o sabia.

- Vai-te embora quando quiseres, Alec. Eu nunca irei atrás de ti. .

Os olhos castanhos de Leamas pousaram-se nos dela por um instante: - Quando for, aviso-te - replicou.

Após o jantar Leamas deitava-se no sofá e Liz ajoelhava-se a seu lado a conversar, segurando-lhe a mão contra o rosto.

Uma noite perguntou-Lhe: -Alec, em que é que acreditas? Não te rias... Diz-me.

Esperou, e finalmente ele respondeu: - Acredito que o autocarro número onze me leva a Hammersmith. Não acredito que seja guiado pelo Pai Natal.

- Tens de acreditar em alguma coisa - insistiu ela. - Qualquer coisa como Deus. Tenho a certeza, Alec.  s vezes tens o ar de quem tem uma missão a cumprir, como um padre. Não sorrias, Alec.

E verdade.

Ele sacudiu a cabeça sem sorrir.

- Desculpa, Liz, mas não gosto de conversar sobre a vida.

- Mas, Alec. . .

- E devia ter acrescentado - interrompeu Leamas - que não gosto de pessoas que me dizem o que eu devo pensar.

Sabendo embora que o estava a irritar, Liz já não conseguia calar-se.

- Isso é porque não queres pensar. Não te atreves! Há uma espécie de veneno no teu espírito, um ódio. _s como um homem que. . . jurou vingança, ou uma coisa no género.

Os seus olhos castanhos pousaram-se nela. Quando falou, a ameaça que transparecia na sua voz assustou-a.

- Se fosse a ti - disse asperamente - tratava da tua vida. .

E depois sorriu, com o seu travesso sorriso irlandês. Liz percebeu que ele estava a tentar agradar.

- E em que é que a Liz acredita? - perguntou.

- Não me é fácil responder, Alec.

Mais tarde o próprio Leamas retomou a questão, perguntando-lhe se era religiosa.

- Enganas-te - respondeu ela. - Não acredito em Deus.

- Então em que é que acreditas?

- Na História.

Ele fitou-a, estupefacto, e depois riu-se.

- Oh, Liz. . . oh, não! Tu não és com certeza comunista.

Ela acenou afirmativamente, ruborizada como uma criança pelo seu riso, irritada mas também aliviada por ele não se importar.

Nessa noite amaram-se pela primeira vez. Liz não compreendeu a situação. Sentia-se tão orgulhosa, e Leamas parecia envergonhado.

Quando deixou o apartamento de Liz estava nevoeiro. Uns vinte metros adiante recortava-se o perfil difuso de um homem de gabardina, baixo e entroncado, apoiado à grade que delimitava o parque.

Quando Leamas se aproximou o nevoeiro pareceu adensar-se em torno do vulto, e assim que clareou o homem desaparecera.

CERTo dia, decorrida cerca de uma semana, Leamas não apareceu na biblioteca. Miss Crail, encantada, postou-se diante das prateleiras dos livros de arqueologia e investigou cuidadosamente as filas de tomos. Liz percebeu que ela estava a verificar se Leamas roubara algum.

Liz trabalhou todo o dia assiduamente, ignorando a sua superiora. Ao cair da tarde dirigiu-se para casa e chorou até adormecer.

Na manhã seguinte chegou cedo à biblioteca. De qualquer modo sentia que quanto mais cedo chegasse mais cedo Leamas apareceria.

Mas à medida que a manhã se arrastava as esperanças foram-se-lhe desvanecendo, e convenceu-se de que ele nunca mais viria.

Esquecera-se de fazer as sanduíches do seu almoço e sentiaþse doente e vazia, mas sem fome. Deveria ir procurá-lo? Prometera-lhe que nunca o seguiria, mas também ele lhe prometera que a avisaria antes de partir. A hora de almoço chamou um táxi e deu o endereço de  Atravessou uma tabacaria, subiu umas escadas sujas e premiu o botão da campainha. Percebeu que a campainha não funcionava.

Havia três garrafas de leite sobre o tapete e uma carta da companhia de electricidade. Após um momento de hesitação, desferiu várias pancadas na porta e ouviu um débil gemido. Desceu precipitadamente as escadas e irrompeu pela sala das traseiras da loja, onde uma velha descansava a um canto, numa cadeira de baloiço.

- O apartamento lá em cima! = gritou Liz. - Está lá alguém muito doente! Quem tem uma chave?

A velha olhou-a durante um momento e depois chamou para dentro da loja: - Anda cá, Arthur. Está aqui uma pequena!

Um homem de fato-macaco castanho e chapéu de feltro cinzento assomou à porta e perguntou: - Uma pequena?

- Está uma pessoa muito doente no andar de cima - explicou Liz. - Não pode abrir a porta. O senhor tem uma chave?

- Não - replicou o homem -, mas arranjo um martelo.

E ambos subiram apressadamente as escadas, o homem de martelo em punho. O dono da tabacaria bateu fortemente à porta, mas não obteve resposta.

- Tenho a certeza de que ouvi um gemido - disse Liz.
- A menina paga a porta, se eu a escavacar?
- Pago.
O martelo estrondeava.   terceira pancada a moldura soltou-se e a fechadura veio agarrada. Liz entrou, seguida pelo homem.
O quarto estava frio e escuro, mas na cama, ao canto, divisaram o vulto do homem.
þþMeu Deus", pensou Liz, þþse está morto acho que é melhor não lhe tocar. Afastou as cortinas e ajoelhou-se à beira da cama.
Estava vivo.
- Eu chamo-o, se precisar - disse, sem olhar para trás, e o dono da tabacaria desceu as escadas.
- Que tens, Alec? Estás doente?
Leamas moveu a cabeça. Os olhos encovados mantinham-se fechados. A barba negra destacava-se na palidez do rosto.
- Alec, tens de me dizer. Por favor!
Com as lágrimas a correr-lhe pelo rosto, Liz perguntava a si mesma, desesperada, o que deveria fazer. Depois ergueu-se,.
precipitou-se para a exígua cozinha e p"s água ao lume numa chaleira. Não sabia bem para que lhe serviria þa água, mas confortava-a fazer alguma coisa. Deixando a chaleira ao lume, pegou na carteira, desceu rapidamente as escadas e dirigiu-se a uma loja.
Comprou gelatina de mão de vitela, peito de galinha, essência de carne, biscoitos e aspirinas. Pagou pelo total dezasseis xelins; restavam-lhe mais quatro xelins na carteira e onze libras na caixa económica dos correios. Quando regressou ao apartamento de Leamas, a água na chaleira fervia.
Fez chá de essência de carne como a sua mãe costumava fazer, num copo em que introduzira uma colher de chá para evitar que o vidro rachasse. E não cessava de olhar para Leamas, como se receasse que ele morresse.
Teve de o levantar para lhe dar a infusão. Assustou-sé quando lhe tocou: estava tão encharcado em suor que lhe sentiu o cabelo grisalho e curto húmido e escorregadio quando lhe segurou a cabeça.
Depois de o ter feito engolir algumas colheradas, esmagou duas aspirinas e deu-lhas na colher. Falava-Lhe como se ele fosse uma criança, sentando-o na cama, percorrendo-Lhe com os dedos o muito e os cabelos, repetindo-Lhe o nome baixinho.
Gradualmente, a respiração de Leamas tornou-se mais regular e o corpo mais lasso, como se a tensão da dor ou da febre começasse a  ser substituída pela calma do sono. Liz sentia que o pior estava passado e subitamente constatou que era quase noite.
Sentiu-se então envergonhada; ainda não limpara a casa.
Erguendo-se de um salto, agarrou na vassoura e num pano do pó que encontrou na cozinha e lançou-se ao trabalho com uma energia febril. Lavou chávenas e pires desirmanados espalhados pela cozinha. Quando terminou eram oito e meia. Colocou de novo a chaleira ao lume e regressou para junto de Leamas, que a seguia com o olhar.
- Não te zangues, Alec - disse-lhe. - Eu vou-me embora, mas deixa-me cozinhar-te uma refeição a sério. Estás doente, não podes continuar assim. Oh, Alec!
E rompeu num choro convulsivo, cobrindo o rosto com as mãos, as lágrimas correndo-lhe entre os dedos, como uma criança.

Ele deixou-a chorar, com os seus olhos castanhos pousados nela, as mãos a segurar o lençol.

A jovem ajudou-o a lavar-se e a barbear-se e mudou-lhe a roupa da cama. Deu-lhe gelatina de mão de vitela e peito de frango.

E enquanto o observava, pensava que nunca fora tão feliz na sua vida. Pouco depois ele adormeceu, e ela puxou-Lhe o cobertor para os ombros.

Liz dormiu num cadeirão e só despertou, enregelada, de madrugada. Aproximou-se da cama. Leamas mexeu-se e ela tocou-lhe nos lábios com a ponta dos dedos. Sem abrir os olhos, Leamas pegou-lhe ternamente no braço e puxou-a para a cama. Tudo o resto deixou de ter importância. Liz cobriu-o de beijos, e, quando olhava para parecia-lhe que ele sorria.

LIZ veio durante seis dias. Leamas nunca falava muito, e uma vez em que ela lhe perguntou se a amava, respondeu que não acreditava em histórias de fadas. Ela deitava-se sobre a cama, encostando þ cabeça ao peito dele, e por vezes ele agarrava-lhe os cabelos com força, e Liz ria e dizia-lhe que a estava a magoar.

Na sexta-feira à noite foi encontrá-lo vestido, mas não perguntou a si própria por que razão ele não se barbeara. Por qualquer motivo ignorado sentia-se alarmada. Faltavam no quarto pequenas coisas: o relógio e o rádio portátil, barato. Quis fazer perguntas, mas não ousou. Cozinhou o fiambre e os ovos que comprara enquanto Leamas, sentado na cama, fumava cigarro após cigarro. Assim que o jantar ficou pronto, Leamas dirigiu-se à cozinha, de onde regressou com uma garrafa de vinho tinto.

Durante a refeição quase não conversou, e o medo dela cresceu até que, sem conseguir aguentar mais, explodiu: - Alec. . . oh, Alec. . . o que é? _ a despedida?

Ele ergueu-se, pegou-Lhe nas mãos, beijou-a como até então nunca a beijara e falou-lhe docemente durante muito tempo, dizendo-lhe coisas que ela só entendia confusamente e de que só ouvia metade, porque a única coisa certa é que o fim chegara e nada mais importava.

- Adeus, Liz - disse ele finalmente. - Adeus. - E continuou: - Não me sigas. Nunca mais.

Liz acenou em sinal de assentimento. Já na rua, sentiu-se grata pelo frio que a penetrava e pela escuridão que lhe escondia as lágrimas.

FOI na manhã do dia seguinte, um sábado, que Leamas pediu crédito na mercearia de Ford. Fê-lo de um modo mal calculado para resultar. Comprou meia dúzia de géneros, que não custavam mais que uma libra, e quando o merceeiro os embrulhou num saco, disse: - Mande-me a conta um destes dias.

Mr. Ford sorriu, contrafeito, e replicou: - Não posso fazer isso.

Omitia a palavra þþsenhor".

- Por que diabo é que não pode? - inquiriu Leamas, e a bicha de pessoas atrás dele agitou-se pouco à vontade.

- Não o conheço - retorquiu o merceeiro.

- Não se faça de parvo - explodiu. - Há meses que venho cá.

O merceeiro enrubesceu.

- Exigimos sempre uma referência bancária antes de conceder;þos crédito.

Leamas exaltou-se.

- Não diga disparates! - gritou. - Metade dos seus clientes nunca entraram nem entrarão num banco!

Estas palavras, porque verdadeiras, eram um acinte e uma ofensa.

- Não o conheço e não gosto de si - repetiu Ford secamente. - Saia já da minha loja!

E tentou recuperar o saco, que infelizmente Leamas segurava.

Mais tarde as opiniões divergiram sobre o que se passara a seguir. Segundo uns, o merceeiro, ao esforçar-se por reaver o saco, empurrara Leamas; outros afirmavam que não empurrara. Quer tivesse ou não empurrado, Leamas agrediu-o, seþundo a maior parte dos presentes duas vezes, sem deixar de segurar o saco na mão direita. Pareceu desferir o soco não com o punho, mas com a zona lateral da mão esquerda, e depois, na sucessão desse movimento fenomenalmente rápido, com o cotovelo; o merceeiro caiu pesadamente e ficou imóvel. Afirmou-se em tribunal, e a defesa não refutou a acusação, que a vítima apresentava duas lesões: o malar fracturado, em consequência do primeiro soco, e o maxilar deslocado em resultado do segundo.

A reportagem na imprensa diária, exacta embora, não foi pormenorizada.

## 5 O CONTACTO

noite, deitado na tarimba, Leamas escutava os presos. Havia um rapaz que soluçava e um antigo cadastrado que cantava, marcando o compasso na lata da comida. O guarda da prisão berrava, ao fim de cada verso: þþCala a boca, George, mas ninguém ligava.

Durante o dia Leamas praticava tantos exercícios quantos podia, na esperança de conseguir dormir à noite; mas em vão.   noite sabe-se que se está na cadeia; nada eliminava a sensação de estar encarcerado, a visão dos uniformes, o cheiro intenso das sanitas desinfectadas, o ruído dos presos. Era à noite que a indignidade do cativeiro se Lhe tornava insuportável e que Leamas tinha de dominar a vontade de forçar as grades a murro, de quebrar a cabeça dos carcereiros e de se lançar, livre, nas ruas de Londres. Por vezes pensava em Liz. Recordava, por um instante, o seu longo corpo simultaneamente duro e meigo. Depois afastava-a da memoria.

Não estava acostumado a viver de sonhos.

Desprezava os seus companheiros de cela e estes odiavam-no   precisamente por ele conseguir ser aquilo que cada um deles secretamente desejava ser: um mistério. Os novos prisioneiros são geralmente de duas espécies: aqueles que, por vergonha, medo ou   angústia aguardam, num fascínio horrorizado, a iniciação na vida da   prisão, e aqueles que se empenham em cativar a comunidade.

Leamas não pertencia a uns nem a outros, e odiavam-no porque, tal   como o mundo exterior, não precisava de ninguém. þ   Ao fim de dez dias o ódio contido explodiu, e os companheiros   empurraram-no na bicha para o jantar. Empurrar é um ritual þ   cadeia. Tem a virtude de simular um acidente em que a lata do preso   se vira e o seu conteúdo se espalha pelo seu uniforme.

Leamas foi   empurrado de um lado, enquanto do outro uma mão lhe assentava   sobre o antebraço. Resultou. Sem pronunciar uma palavra, Leamas   observou atentamente os dois homens que o ladeavam e aceitou em   silêncio a repreensão ríspida do carcereiro, que sabia muito bem o que acontecera.

Quatro dias depois, ao cavar um canteiro dos jardins da

cadeia, pareceu tropeçar. Segurava a enxada com ambas as mãos e a extremidade do cabo saía-lhe uns quinze centímetros fora do punho direito. Ao procurar equilibrar-se, o preso à sua direita dobrou-se com um grito de dor, os braços cruzados sobre o est“mago. A partir desse momento acabaram os empurrões.

O pormenor mais estranho do seu tempo de prisioneiro foi talvez o embrulho de papel párdo que lhe entregaram quando ele saiu e que continha tudo quanto possuía no Mundo. Fizeram-no assinar um documento de como lho haviam entregue. Leamas considerou esse o momento mais desumanizante do seu período de encarceramento e decidiu lançar fora o embrulho logo que se visse na rua.

- Que vai fazer agora? - perguntou o director da cadeia.

Leamas retorquiu, sem um sorriso, que ia tentar recomeçar a vida, o que o director considerou uma excelente ideia. O supervisor sugeriu a Leamas que concorresse para enfermeiro de um manicómio, e Learnas concordou em tentar, acabando mesmo por apontar ó endereço.

Entregaram-lhe então o embrulho. Quando saiu, tomou um autocarro para Marblé Arch e caminhou através do Hyde Park. Tinha no bolso uma pequena quantia e tencionava oferecer a si próprio uma boa refeição.

Nesse dia Londres exibia o seu encanto. A Primavera chegara atrasada e por todo o parque desabrochavam flores de açafrão.

soprava do sul uma brisa fresca e limpa. Pensou que podia caminhar todo o dia. Mas segurava ainda o embrulho de que se queria libertar.

os caixotes do lixo eram demasiado pequenos. Sentou-se num banco, pousou o pacote a seu lado, não muito perto, e afastou-se um pouco. Decorridos uns minutos seguia em direcção ao carreiro, deixando atrás de si o maldito embrulho. Acabara de alcançar o carreiro quando ouviu chamarem-no. Voltou-se, irritado, e viu um homem de gabardina com o embrulho de papel pardo uma mão a acenar-lhe.

De mãos enfiadas nos bolsos, Leamas permaneceu imóvel, a olhar por cima do ombro. O homem hesitou, obviamente à espera que o outro revelasse qualquer interesse. Leamas, porém, encolheu os ombros e prosseguiu ao logo do carreiro. Ouviu novo grito, que ignorou, e percebeu que o homem o seguia. As suas passadas rápidas soavam no cascalho e depois ouviu-se uma voz um pouco ofegante, denotando uma leve irritação: - Oh, senhor. . .

Leamas deteve-se. Voltou-se e olhou-o:  - Que é?

- Este embrulho é seu, não é? Porque é que não parou quando chamei por si?

Alto, cabelo castanho encaracolado, gravata cor de laranja e camisa verde-claro; algo petulante, um pouco efeminado pensou Leamas. Podia ser um mestre-escola. Era míope.

- Torne a p“-lo lá. Não o quero - disse Leamas.

O rosto do homem ruborizou-se.

- Não pode deixar isto ali. _ lixo.

- Posso, sim senhor. Alguém lhe dará uso. - Preparava-se   para prosseguir caminho, mas o desconhecido estava firmemente   postado à sua frente. - Importa-se de não me tirar a luz?  perguntou Leamas.

- Olhe lá - a voz do estranho alterara-se. - Eu estou a fazer  -lhe um favor. Porque é que você é tão malcriado?..

- Se tem assim tanto desejo de me fazer um favor - replicou Leamas -, porque é que anda atrás de mim há quase meia hora?

þþ_ dos bons, pensou Leamas, þþnem vacilou, mas deve ter ficado abalado. ,þ - Julguei que você era um tipo que uma vez conheci em Berlim, se quer saber. . .

- E é por isso que me seguiu durante meia hora? - a voz de þ þLeamas era sarcástica e os seus olhos castanhos não largavam o seu þ interlocutor.

- Durante meia hora, não. Avistei-o em Marble Arch e pensei que você era Alec Leamas, um homem a quem pedi dinheiro emprestado quando trabalhava com a BBC de Berlim. Ficou-me esse espmho na consciência, e foi por isso que o segui. Queria ter a a certeza.

Leamas continuava a observá-lo, pensando que, embora ele não correspondesse à elevada opinião que dele formara, era bastante bom. A improbabilidade da história que forjara não importava: A verdade e que o tipo inventara novo recurso e agarrara-se a ele apenas Leamas inviabilizara o que prometera ser uma abordagem clássica.

- Eu sou Leamas - disse finalmente. - Quem diabo é você?

O homem identificou-se como Ashe, acrescentando rapidamente que se escrevia com þþeþþ, e Leamas percebeu que ele mentia.

Foram almoçar ao Soho. Ashe simulava não ter a certeza de que Leamas fosse realmente Leamas, de modo que, no fim dos aperitivos, abriram o embrulho e examinaram a sua apólice de seguros tal como - pensou Leamas - dois estudantes a contemplar um postal pornográfico. Ashe encomendou o almoço sem se preocupar grandemente com os preços e beberam Frankenstein para recordar os velhos dias em Berlim.

Leamas começou por insistir que não conseguia lembrar-se de Ashe, e este, num tom magoado, mostrou-se surpreendido.

Haviam-se conhecido numa festa que Drrek Williams organizara no seu apartamento nos arrabaldes de Ku-damm (era verdade), em que haviam estado presentes todos os jornalistas - era impossível que Alec não se recordasse. Não, não se recordava. . . Lembrava-se então com certeza de Derek Williams, do Observer? Leamas tinha dificuldade em recordar nomesþ afinal estavam a falar de 1954. . .

Ashe (o seu primeiro nome era William, e habitualmente tratavam-no por Bill) lembrava-se Kcomo se fosse hoje". Haviam todos bebido demais e Derek presenteara-os com umas pequenas sensacionais, metade do cabarer de Malkasten. Alec tinha forçosamente de se lembrar. Leamas redarguiu que pensava que talvez estivesse a começar a recordar-se e pediu-lhe mais pormenores.

Bill continuou, sem duvida a improvisar, mas fazia-o habilmente: tinham acabado a noite numa boite com três dessas raparigas, Bill extremamente embaraçado por não ter dinheiro, e Alec a pagar.

. .

- Ah! - exclamou Leamas. - Já me lembro! Claro!

- Sabia que se ia lembrar - disse Ashe em tom satisfeito, acenando a Leamas por sobre o copo. - Olhe, vamos pedir mais meia garrafa. Isto esta a ser divertido!

Ashe conduzia as relações humanas de acordo com um princípio de desafio e de réplica. Quando se lhe deparava brandura, avançava; quando sentia resistência, recuava. Como

não possuía opinião nem gostos próprios, confiava nos do companheiro. Essa passividade, que Leamas considerava repelente, despertou nele o seu instinto de perversidade. E conduzia Ashe para uma posição de compromisso, retirando-se em seguida, de modo que o seu interlocutor estava constantemente a tentar fugir de um cul-de-sac para onde Leamas o atraíra.

Em determinados momentos Leamas era tão descaradamente perverso que Ashe teria todos os motivos para p“r ponto final na conversa - especialmente por ser ele quem pagava; mas não o fazia. Um homem de aspecto insignificante e expressão triste, de óculos, sentado sozinho na mesa contígua, profundamente absorvido na leitura de um livro sobre manufactura de suportes de esferas, poderia ter deduzido, caso estivesse a ouvir, que Leamas possuía uma natureza sádica; ou eventualmente, caso possuísse uma certa subtileza, que Leamas queria provar, para sua própria satisfação, que só alguém com um forte motivo extrínseco aguentaria tal forma de tratamento.

Eram quase quatro horas quando pediram a conta. Ashe liquidou-a e puxou do livro de cheques para saldar a sua dívida para com Leamas.

- Pelo menos vinte - disse, e datou o cheque.

Depois ergueu os olhos para Leamas, com um olhar obsequiosamente interrogativo: - Acha bem um þcheque?

Ligeiramente enrubescido, Leamas respondeu: - De momento não tenho banco. . . Acabo de chegar do estrangeiro. Mas dê-me o cheque, que eu levanto-o no seu banco.þ - Meu caro amigo, nem sonhar em dar-lhe esse trabalho.

Leamas encolheu os ombros e combinaram encontrar-se na mesmo local no dia seguinte, à uma hora, quando Ashe já tivesse o dinheiro em mão.

Ashe tomou um táxi à esquina de Old Compton Street. Assinþ que ele partiu, Leamas consultou o relógio. Eram quatro horas,; Calculando que continuava a ser seguido, desceu a Fleet Street a tomou uma bica num café. Foi vendo as livrarias e lendo os jornais da tarde expostos nos balcões dos quiosques e papelarias e de repente, como se um pensamento súbito lhe ocorresse, saltou para um autocarro. Quando o autocarro parou num engarrafamento de trânsito perto de uma estação de metropolitano, desceu e apanhou o metro. Ficou na última carruagem e desceu na estação mais próxima.

Tomou outro comboio para Euston e regressou lentamente a Charing Cross. Escurecera quando chegou à estação. Havia uma carrinha estacionada no exterior, cujo motorista estava semiadormecido.

Leamas relanceou a matrícula e chamou pela janela: - Vem da parte de Clements?

O motorista acordou com um sobressalto e perguntou: - Mr. Thomas?

- Não - respondeu Leamas. - Thomas não p“de vir. Sou Amies, de Hounslow.

- Entre, Mr. Amies - replicou o motorista, abrindo a porta.

Seguiram para oeste, em direcção a Chelsea. O motorista conhecia o caminho.

FOI Controle quem abriu a porta.

- George Smiley está fora --disse. - Pedi esta casa emprestada. Entre.

Só depois de fechar a porta é que Controle acendeu a luz do vestíbulo.

Entraram na exígua sala, agradável de pé-direito elevado, com molduras do século dezoito, janelas altas e uma

boa lareira.
Havia livros por toda a parte.
- Apanharam-me hoje de manhã - disse Leamas. - Um homem que se apresentou como Ashe. Ficámos de nos encontrar outra vez amanhã.
; Controle escutou com atenção a história de Leamas, desde o dia þn que este agredira o merceeiro até ao encontro que tivera lugar essa manhã.
- Que tal a cadeia? - perguntou como quem perguntaria se Leamas passara bem as férias. -Lamento não termos podido melhorar-lhe as condições, fornecer-lhe uns pequenos confortos exþa, mas era impossível.
- Claro que era.
- _ preciso ser-se firme em todas as circunstâncias. Além disso Beria errado alterarmos os planos. Já sei que esteve doente.
Lamento.
Que é que teve?
- Foi só febre. Fiquei de cama cerca de uma semana.
- Que maçada; e claro que não tinha ninguém a olhar por si.
Fez-se um longo silêncio.
- Sabe que ela está no Partido, não sabe? - perguntou Controle calmamente.
- Sei - respondeu Leamas. Outro silêncio. - Não a quero metida nisto.
- E porque é que a havíamos de meter? - perguntou asperamente Controle, e por um instante, por um instante apenas, Leamas pensou que trespassara a superficialidade da indiferença académica. - Quem sugeriu que ela fosse metida nisto?
- Ninguém - retorquiu Leamas. - Mas conheço bem todas essas operações ofensivas. Tomam subitamente rumos inesperados.
Julga-se que se caçou uma presa e caçou-se outra. Quero que ela fique absolutamente fora disto.
- Com certeza, com certeza.
- Quem é aquele homem do Serviço de Empregos, um tal Pin?
Não pertenceu ao Circo durante a guerra?
- Não conheço ninguém com esse nome. Disse Pitt?
- Sim.
- Não, o nome não me diz nada. No Serviço de Empregos?
. - Oh, por amor de Deus! - murmurou Leamas em voz audível.
= Desculpe. - Controle levantou-se. - Estou a descurar os meus deveres de anfitrião. Que bebe?
- Nada. Quero ir-me embora esta noite, Controle. Ir até ao campo e fazer exercício. A casa está aberta?
- Arranjei um carro. Vou telefonar a Haldane e dizer-lhe que você quer jogar squash amanhã de manhã.
Controle preparou um whiskey para si próprio e começou a inspeccionar negligentemente os livros na estante de Smiley.
- Porque é que Smiley não está aqui? - quis saber Leamas.
- Acha a operação desagradável - respondeu Controle com indiferente. - Compreende a necessidade dela, mas não quer participar.
- A verdade é que não me recebeu de braços abertos.
- Sim. Mas contou-lhe de Mundt; deu-lhe o pano de fundo
- Sim.

- Mundt é um homem muito duro - reflectiu Controle. -þ Não podemos nunca esquecer isso. E é um bom espião.
- Smiley conhece o motivo da operação? Que interesse especial" ?
Controle acenou afirmativamente e bebeu um gole de whiskey: - E mesmo assim não lhe agrada?
- Ele é como um cirurgião cansado de ver sangue. Prefere que outros operem.
- Diga-me - prosseguiu Leamas. - Como é que está tão seguro de que isto nos vai levar onde queremos? Como é que sabe que são os Alemães de Leste que estão metidos no caso e não os Checos ou os Russos?
- Sossegue - tranquilizou-o Controle numa voz levemente pomposa -, que tomámos todas as precauções.
Ja à porta, Controle pousou levemente a mão no ombro de Leamas : - _ o seu último trabalho - disse. - Depois pode vir do frio.
Quanto a essa rapariga. . . quer que a ajudemos com dinheiro ou qualquer outra coisa?
- Quando isto acabar eu próprio trato do assunto.
- Está bem. Seria muito arriscado fazer qualquer coisa agora.
- Quero que a deixem em paz - repetiu Leamas com ênfase. - Nem admito sequer que façam uma ficha dela. Quero que a esqueçam.
Com um aceno para Controle, esgueirou-se para o ar da noite.
Para o frio.

## 6 KIEVER

NO dia seguinte, Leamas chegou vinte minutos atrasado para o almoço com Ashe, e cheirava a whiskey. Não se barbeara e tinha o colarinho da camisa amarrotado. Não obstante, o prazer que Ashe revelou ao vê-lo não pareceu diminuído pelo facto. Afirmou que ele próprio acabara de chegar e entregou a Leamas um envelope.
- Notas de cinco libras - declarou. - Está bem.   - Obrigado - agradeceu Leamas. - Vamos tomar um copo.
Saborearam um excelente almoço, abundantemente regado de vinho, e foi Ashe quem conduziu a conversa. Conforme Leamas esperava, começou por falar de si, um truque velho mas eficaz.
- Meti-me num negócio bastante bom recentemente - disse Ashe. - Artigos, free lance para a imprensa estrangeira. Depois de Berlim, as coisas não me correram bem: a BBC não me renovar o Contrato. Recebi então uma carta de um velho amigo, Sam Kiever que estava a lançar uma agência para pequenos artigos sobre a vida inglesa especialmente destinados a jornais estrangeiros. Você sabe como é: seiscentas palavras sobre morris dancing ( ). Sam recorri ainda a outro truque: vendia o trabalho já traduzido. Um editor que procura um artigo de meia coluna não quer perder tempo nem dinheiro na tradução. E pagam muitíssimo bem.
Ashe calou-se, esperando que Leamas falasse de si. Este, porém, þlimitou-se a acenar melancolicamente com a cabeça, comentando: - àptimo.
Bebera quatro whiskies duplos e não parecia em muito boa forma: tinha o hábito dos bebedores de mergulhar a boca na borda do copo imediatamente antes de beber, como se a mão lhe pudesse falhar e a bebida escapar.
- Não conhece o Sam, pois não? - perguntou Ashe.

- Sam?
A voz de Ashe reflectiu uma leve irritação: - Sam Kiever, o meu patrão. O tipo de quem lhe 'estava a falar.
Fez uns artigos free lance na Alemanha. Podia tê-lo conhecido.
- Não me parece.
Uma pausa.
- Que é que faz agora meu velho? - perguntou Ashe.
Leamas encolheu os ombros.
- Estou na prateleira - replicou.
- Esqueci-me do que você estava a fazer em Berlim. Não era um daqueles misteriosos veteranos da guerra-fria?
Leamas pensou: þþEstás a acelerar as coisas.þþ E após uma leve hesitação, respondeu violentamente: - Era empregado desses malditos Americanos, tal como os þ outros.
(') Uma antiga dança folclórica inglesa que se realizava principalmente nas festividades do primeiro dia de Maio. (N. do E.). , - Sabe - disse Ashe, como se a ideia Lhe tivesse ocorrido algum tempo -, você devia conhecer o Sam. Havia de gostar dele. - E depois, como que aborrecido: - Sabe que mais, Alecþ nem sequer sei como apanhá-lo!
- Nem pode - retorquiu Leamas com ar indiferente.
- Não quero apanhá-lo, meu velho. Onde vive agora?
- Por ai. A passar um mau bocado. Ainda não arranjei emprego e eles não me dão uma reforma decente.
Ashe assumiu uma expressão indignada: - Mas, Alec, isso é horrível! Porque é que não me disse? Olhe; porque não se instala em minha casa? _ pequena, mas você cabe, se não se importar de dormir numa cama de campanha.
- Por agora não estou mal - e Leamas bateu no bolso que continha o envelope. - Vou ver se arranjo trabalho. - Abanou a cabeça com determinação. - Arranjo emprego dentro de uma ou duas semanas. Depois os problemas acabam-se. . .
- Que espécie de emprego?
- Ora, não sei. Qualquer coisa. Tenho feito de tudo. Já vendi enciclopédias para uma maldita firma americana, já furei senhas de trabalho numa fedorenta fábrica de cola. Que diabo posso eu fazer?
Não olhava para Ashe, mas para a mesa diante dele.
Ashe respondeu com ênfase, quase triunfante: - Mas, Alec, você fala alemão como um alemão! Lembro-me perfeitamente! Você só precisa de contactos. Sei o que isso é.
Eu também passei tempos difíceis. Não sei o que você estava a fazer em Berlim, mas não era o género de emprego onde se conhece gente importante, pois não? Se eu não tivesse conhecido o Sam há cinco anos, ainda hoje estava na miséria. Olhe, Alec, venha para a minha casa por uma ou duas semanas. Convida-se o Sam e talvez um ou dois desses velhos jornalistas de Berlim.
Astþ tinha um apartamento em Dolphin Square. Precisamente como Leamas calculara - pequeno e anónimo, com alguns objectos sem dúvida reunidos à pressa e trazidos da Alemanha: canecas de cerveja, um cachimbo de camponês e algumas peças de cerâmica de Nymphenburg em segunda mão. Armaram a cama de campanha na exígua sala. Eram cerca de quatro e meia.
- Há quanto tempo está cá? - perguntou Leamas.
- Há cerca de um ano ou mais. Passo os fins-de-semana com a minha mãe, em Cheltenham; aqui só fico durante a semana.
_ cómodo - acrescentou despreocupadamente.
Fez chá e beberam-no, Leamas taciturno, como um homem

pouco habituado a conforto. Em seguida Ashe disse: - Vou sair e fazer umas compras antes que as lojas fechem.
depois decidimos o que vamos fazer. Posso dar uma telefonadela ao Sam esta noite. Acho que quanto mais cedo se conhecerem melhor.
Porque não dorme um bocado? Parece estafado.
leamas aceitou.
- _ muito amável da sua parte - e fez um gesto com a mão; abarcando a sala. - Tudo isto. . .
Ashe deu-lhe uma leve palmada no ombro e saiu.
þ Apenas Ashe se afastou, Leamas deixando a porta da rua encostada, dirigiu-se ao vestíbulo central, onde havia duas cabinas telefónicas. Discou um número e perguntou pela secretária de HIr. Thomas. Ouviu imediatamente uma voz feminina: - _ a própria.
- Estou a telefonar em nome de Mr. Sam Kiever - disse Leamas. - Ele aceitou o convite e espera contactar com Mr.
Thomas pessoalmente esta noite.
- Eu dou o recado a Mr. Thomas. Ele sabe onde pode contactá-lo?
- Dolphin Square - respondeu Leamas, dando o endereço.
Depois de fazer algumas perguntas na recepção, Leamas voltou para o apartamento e deitou-se na cama de campanha. Decidira aceitar o conselho de Ashe e dormir um bocado. Ao fechar os olhos recordou-se de Liz e pensou no que seria feito dela.
Foi acordado por Ashe, que estava acompanhado por um homem baixo, obeso, de cabelos compridos e grisalhos. Falava com um leve sotaque da Europa Central, talvez alemão. Apresentou-se como Sam Kiever.
Tomaram um gim tónico, enquanto Ashe falava pelos três. Era como nos velhos tempos de Berlim - disse: os rapazes reunidos e a noite deles. Combinaram jantar num restaurante chinês que Ashe conhecia e onde se podia levar o vinho. Por um estranho acaso Ashe tinha na cozinha umas garrafas de Borgonha, que levaram com eles no táxi.
. Beberam as duas garrafas de vinho ao jantar. Kiever tornou-se mais loquaz depois da segunda. Acabara de chegar de uma viagem à Alemanha Ocidental e à França. A França estava num caos, e só Deus sabia o que aconteceria quando De Gaulle morresse. Talvez o fascismo.
- E o que pensa da Alemanha? - Ashe incitava-o.
- _ uma questão de os Americanos poderem ou não aguentá-los.
, Kiever olhou para Leamas como que a convidá-lo a participar na conversa.
- Que quer dizer com isso? - perguntou Leamas.
- O que estou a dizer. Os Americanos dão hoje aos Alemães uma política estrangeira, e amanhã retiram-Lha. Os Alemães estão a ficar irritados.
Leamas assentiu abruptamente com um aceno de cabeça, exclamando: - Tipicamente americano!
- Alec não simpatiza com os nossos primos americanos - interveio significativamente Ashe.
Kiever comentou, num murmúrio desinteressado: - Ah, sim?
þþKiever jogou a longo prazo,þ, reflectiu Leamas. þ.Tal como alguém habituado a lidar com cavalos, deixou que fosse eu a aproximar-me dele. Conduziu na perfeição um homem que suspeitava lhe ia pedir um favor e que não foi vencido com facilidade."   No fim do jantar Ashe sugeriu: - Conheço um

sítio em Wardour Street. . . Você já lá esteve, Sam. Porque não tomamos um táxi e vamos até lá?

- Um minuto só - disse Leamas. - Quem vai pagar esta noite?

- Eu - respondeu Ashe rapidamente.

- _ que eu não tenho dinheiro, bem sabe. Pelo menos não tenho dinheiro para desperdiçar.

- Claro, Alec. Até agora tenho olhado por si, não tenho?

- Tem, claro que tem.

Pareceu prestes a acrescentar qualquer coisa e depois mudar de ideias. Ashe mostrou-se preocupado, mas não ofendido. Kiever, impenetrável como antes.

Tomaram um táxi para Wardour Street e Ashe conduziu-os ao longo de uma estreita ruela, ao fundo da qual brilhava um cintilante letreiro a néon:.þPussywillow Club - Só para sócios." De ambos os lados da porta viam-se fotografias de mulheres sobre as quais fora pregada uma estreita tira de papel onde fora escrito à mão: Estudo da natureza - Só para sócios."   Ashe premiu a campainha e a porta foi imediatamente aberta por um homem corpulento de camisa branca e calças pretas.

- Eu sou sócio - disse Ashe. - Estes senhores vêm comigo.

Retirou da carteira um cartão amarelo e entregou-o.

- Os seus convidados pagam uma libra cada um, como sócios temporários.

Enquanto o homem segurava o cartão, Leamas avançou, pegou no cartão; verificou-o e passou-o a Ashe.

Retirando duas libras do bolso, introduziu-as na mão do porteiro, dizendo:  - Duas libras pelos convidados.

E ignorando os protestos de Ashe, que ficara estupefacto, conduziu-os através da porta com reposteiro até ao escuro vestíbulo do clube. Voltou-se para o porteiro.

- Arranje-nos uma mesa e uma garrafa de whiskey. E queremos ficar sós.

Após uma breve hesitação, o homem acompanhou-os pelas escadas abaixo. Arranjaram uma mesa ao fundo da sala. Tocavam dois instrumentos e em várias mesas espalhadas pela sala sentavam-se raparigas em grupos de duas ou três. Duas delas ergueram-se quando eles entraram, mas o porteiro abanou negativamente a cabeça.

Ashe fitou Leamas pouco à vontade, enquanto esperavam pelo whiskey. Kiever parecia levemente aborrecido. O criado de mesa trouxe uma garrafa e os três homens observaram-no em silêncio, enquanto ele servia três copos. Leamas pegou na garrafa e acrescentou- outro tanto a cada copo. Depois debruçou-se sobre a mesa e disse a Ashe: - Agora talvez já me possa dizer que diabo se passa.

- Que quer dizer, Alec? - a voz de Ashe denotava incerteza.

- Você seguiu-me quando saí da cadeia - começou Leamas calmamente -, com uma estúpida história de me ter conhecido em Berlim. Deu-me dinheiro que não me devia. Ofereceu-me refeições caras e agora vai hospedar-me no seu apartamento.

Ashe ruborizou-se e disse: - Se isso é. . .

- Não me interrompa - disse Leamas secamente. - O seu cartão de membro deste clube tem o nome de Murphy. _ assim que você se chama?

- Não.

- Decerto algum seu amigo chamado Murphy emprestou-lhe

o cartão.
- Não. Se quer saber, usei um nome falso para me inscrever no clube.
- Então - insistiu Leamas rudemente - porque é que Murphy está registado como inquilino do seu apartamento?
Kiever falou finalmente: - Vá para casa, Ashe. Eu trato do caso.
UmA rapariga fazia strip-tease, uma prostituta jovem cuja nudez esquelética causava dó. Leamas e Kiever observavam-na em silêncio.
- Suponho que vai dizer-me que já vimos melhor em Berlim sugeriu Leamas.
Kiever percebeu que ele continuava irritado.
- Espero que você tenha visto - replicou Kiever com ar prazenteiro. - Tenho estado frequentemente em Berlim, mas não gosto de clubes nocturnos.
Leamas parecia não estar a ouvir.
- Talvez você me queira agora dizer porque é que esse maricas veio ter comigo.
- Bem, fui eu que o mandei - respondeu Kiever.
- Porquê? , - Estou interessado em si. Quero fazer-Lhe uma proposta, uma proposta jornalística.
- Compreendo. . . jornalística - resmungou Leamas.
- Dirijo um serviço internacional de artigos jornalísticos.
Pagam bem por material interessante.
- Quem publica o material?
- De facto pagam tão bem que um homem com a sua experiência de. . . cenário internacional, um homem com o seu passado, compreende. . . que forneça material convincente, factual, pode libertar-se, num período de tempo muito curto, de quaisquer problemas financeiros.
- Quem publica o material, Kiever?
A voz de Leamas soou ameaçadoramente, e por instantes uma sombra de apreensão perpassou pelo rosto de Kiever.
- Clientes internacionais. Tenho um correspondente em Paris que dispõe de uma grande parte do meu material. Frequentemente nem sequer sei quem publica. Confesso - acrescentou com um sorriso ingénuo - que nem me interessa. São o género de pessoas, Leamas, que não entram em pormenores embaraçosos; pagam prontamente e gostam de pagar em bancos estrangeiros, onde ninguém liga a impostos.
þþEstão a precipitar-seþþ" pensava Leamas, þ.é quase indecente.þ, Lembrou-se de uma idiota anedota de music-hall:.þ_ uma oferta que nenhuma rapariga respeitável aceitaria. . . e além disso não sei quanto vale. " Reflectia: þþTacbcame¤te têm razão em precipitar-se.
Eu estou em baixo e fui posto à parte, a experiência da prisão ainda recente, um forte ressentimento social. Sou um cavalo velho. Não preciso de ser domado, Não tenho de fugir que me ofenderam a honra de cavalheiro inglês. Por outro lado, eles esperam objecções de ordem prática. Esperam que eu tenha medo; porque os Serviços perseguem os traidõres implacavelmente, como o olho de Deus seguiu Caim através do deserto.þ, - Têm de pagar muito bem - murmurou por fim Leamas.
Kiever serviu-lhe mais whiskey.
- Oferecem um ordenado base de quinze mil libras. O dinheiro já se encontra no Banque Cantonale de Berna. Os meus clientes fornecerão a identificação, paraþ você poder levantar o dinheiro.
E reservam-se o direito de lhe fazer perguntas durante um

ano, pagando-lhe mais cinco mil libras. Ajudá-lo-ão em quaisquer. .
problemas de reajustamento que possam surgir.
- Quando quer uma resposta?
- Agora. Ninguém espera que confie todas as reminiscências ao papel. Encontra-se com o meu cliente e ele trata de que o material apareça escrito. . . sob pseudónimo.
- Onde devo encontrar-me com ele?
- Para conveniência de todos, seria mais simples fora do Reino Unido. O meu cliente sugere a Holanda.
- Não tenho passaporte - objectou Leamas.
- Tomei a liberdade de lhe arranjar um - replicou Kiever serenamente; nada na sua voz ou nos seus modos denotava que fechava mais do que um simples negócio. - Seguimos de avião para Roterdão amanhã de manhã, às nove e quarenta e cinco.
Quer vir ao meu apartamento e discutir outros pormenores?
EMBoRa o apartamento de Kiever fosse luxuoso e caro, também os objectos que nele, se encontravam pareciam ter sido reunidos à pressa. Quando Kiever lhe mostrou o quarto, Leamas perguntou-Lhe: - Há quanto tempo mora aqui?
- Oh, não há muito - replicou Kiever despreocupadamente. - Há alguns meses.
No quarto de Leamas havia uma garrafa de whiskey e um sifão de soda numa bandeja de prata. Ao fundo do quarto, uma porta dava para a casa de banho.
- Uma bela casa. Tudo pago pelo grande Estado Trabalhador - Cale a boca - increpou-o Kiever furiosamente. E acrescentou: - _ melhor ver isto - e apresentou-lhe um passaporte inglês, passado no nome de Leamas, com a sua fotografia e o carimbo do Ministério dos Negócios Estrangeiros.
Atribuía a Leamas a profissão de empregado de escritório e dava-lhe o estado de solteiro. Segurando-o pela primeira vez na mão, Leamas sentiu-se um pouco nervoso. Era como casar: acontecesse o que acontecesse, as coisas nunca mais seriam as mesmas.
- E dinheiro? - perguntou.
- Não é necessário. Está na firma. Não durmo esta noite. Se precisar de mim, há um telefone de intercomunicação para o meu quarto.
- Acho que já não preciso de mais nada - retorquiu Leamas.
- Então,þboa noite - desejou Kiever sucintamente.
E retirou-se.
þþEle também está nervoso.,, pensou Leamas.

## 7 LE MIRAGE

NA manhã seguinte estava frio no aeroporto. A leve neblina, húmida e cinzenta, penetrava a pele. Kiever arranjara bagagem para Leamas - um pormenor inteligente, que Leamas admirou.
Passageiros sem bagagem atraem a atenção, o que não fazia parte do plano de Kiever. Fizeram o check-in e seguiram os sinais indicativos até à alfândega. Houve um momento caricato em que se perderam e Kiever foi desabrido com um carregador. Leamas sup“s que ele estava preocupado devido ao passaporte. .þ Não precisa", pensou, :.o passaporte está perfeito.þ, - Vai ficar fora muito tempo? - perguntou o funcionário da alfândega.
- Cerca de duas semanas - respondeu Leamas.
- O senhor tem de ter cuidado, porque o seu passaporte

precisa de ser renovado no fim do mês.
- Bem sei - redarguiu Leamas.
Enquanto seguiam lado a lado para a sala de espera, Leamas comentou: - Você é um tipo desconfiado, não é, Kiever?
E o outro riu silenciosamente.
- Não podemos deixá-lo fugir, não é verdade? Não faz parte do contrato - replicou.
As formalidades no aeroporto de Roterdão foram cumpridas sem problemas. Kiever parecia ter recuperado a calma. Durante o curto trajecto entre o avião e a alfândega mostrou-se bem disposto e loquaz. O jovem funcionário holandês relanceou rotineiramente a bagagem e os passaportes e desejou, num inglês hesitante e gutural: - Desejo-lhes umas boas ferias na Holanda.
- Obrigado - respondeu Kiever, demonstrando uma gratidão quase excessiva. - Muito obrigado.
Dirigiram-se para a saída principal por entre quiosques de perfumes, de máquinas fotográficas e de fruta. Quando se preparavam para transpor a porta de vidro giratória, Leamas olhou para trás. Noquiosque dos jornais, profundamente embebido na leitura do Continental Daily Mail, encontrava-se um homem de baixa estatura, com uma figura de sapo, de óculos, um ar grave e preocupado. Tinha todo o aspecto de um funcionário público.
Um Volkswagen de registo holandês, guiado por uma mulher, esperava-os no parque de estacionamento. Sem uma palavra, ela seguiu lentamente, parando sempre que as luzes dos semáforos estavam amarelas, e Leamas sup“s que a haviam instruído para conduzir desse modo e que estavam a ser seguidos por outro carro.
Conhecia bastante bem a Holanda e deduziu que viajavam para noroeste; em direcção à costa. Tinha razão. Em menos de duas horas chegavam a um aldeamento de vivendas que debruavam as dunas ao longo da costa marítima.
Aí pararam, e a condutora saiu e tocou a campainha de uma vivenda creme. No alpendre lia-se, num letreiro de ferro forjado, tE MIRAGE, em letra gótica. Um aviso na janela anunciava que os quartos estavam todos ocupados.
A porta foi aberta por uma mulher obesa e amável, que veio ao encontro deles com um sorriso prazenteiro: - Ainda bem que vieram! - declarou. - Temos tanto gosto em vê-los cá!
Seguiram-na e entraram em casa. A motorista regressou ao automóvel. Leamas relanceou a estrada que haviam percorrido; a uns cem metros de distância estacionara um automóvel preto, do qual saía um homem que envergava uma gabardina.
No vestíbulo a mulher apertou calorosamente a mão de Leamas: - Seja bem-vindo a Le Mirage. Tiveram boa viagem?
- àptima - replicou Leamas.
- Vou arranjar-lhe o almoço. Um almoço especial. Um prato delicioso. Que há-de ser?
Leamas soltou uma praga por entre dentes e a campainha tocou.
A mulher precipitou-se para a cozinha e Kiever abriu a porta.
O homem de gabardina tinha aproximadamente a mesma altura de Leamas, mas era mais velho. Leamas calculou que teria uns cinquenta e cinco anos. Tinha um rosto duro, de tez acinzentada, e rugas vincadas. Bem podia ter sido um soldado. Estendeu a mão: - Chamo-me Peters. Fizeram boa viagem?
- Fizemos - respondeu Kiever rapidamente -, sem nenhum contratempo.

- Mr. Leamas e eu temos muito que discutir; acho que não precisamos de si, Sam. Pode levar o Volkswagen.

Leamas notou o sorriso aliviado de Kiever.

- Adeus, Leamas - despediu-se Kiever em tom jocoso. - Boa sorte, meu velho.

Leamas acenou com a cabeça, ignorando a mão estendida Kiever repetiu: - Adeus.

E afastou-se calmamente.

Leamas seguiu Peters até uma sala das traseiras com espessas cortinas de renda na janela. A mobília era pesada, a imitar o antigo.

No meio da sala havia uma mesa e duas cadeiras trabalhadas; defronte de cada cadeira, um bloco de papel e um lápis. Sobre um aparador, whiskey e soda. Peters preparou bebidas para ambos.

- Olhe - disse Leamas de repente -, daqui por diante eu posso passar sem benevolências, está a compreender? Ambos sabemos o que queremos; somos ambos profissionais. Você conseguiu um desertor pago; teve sorte. Mas não finja que se apaixonou por mim.

Falava sob tensão, incerto de si mesmo.

Peters assentiu.

- Kiever disse-me que você é orgulhoso - declarou.

E acrescentou sem sorrir: - No final de contas, que outra razão, senão essa, para um homem atacar um comerciante?

Leamas sup“s, sem no entanto estar certo, que Peters seria russo.

O seu inglês era perfeito e tinha o à-vontade e os hábitos de um homem ha muito habituado aos confortos da civilização.

Sentaram-se à mesa.

- Kiever disse-lhe quanto é que eu lhe vou pagar? perguntou Peters.

- Disse. Quinze mil libras. E disse que me pagaria mais cinco mil se eu continuasse a responder-Lhe a perguntas durante mais um ano. - Peters assentiu. - Não aceito essas condições - prosseguiu Leamas. - O senhor sabe tão bem como eu que isso não resultava. Quero levantar as quinze mil e p“r-me a andar. A sua gente não tem contemplações com agentes desertores. A minha gente também não. Não vou ficar sossegadamente instalado num lugar como St. Moritz, por exemplo, enquanto você aniquila todas as redes de espionagem que eu lhe tiver revelado. A minha gente não é parva.

Sabem muito bem quem hão-de procurar. Pelo que você e eu sabemos, já andam no nosso encalço.

Peters acenou em anuência.

- Naturalmente que você podia ir para qualquer lado. . .

mais seguro, não podia?

- Para trás da Cortina?

- Sim.

Leamas limitou-se a abanar a cabeça e continuou:- Suponho que precisa de cerca de três dias para um interrogatório preliminar. Depois de enviar o relatório, você há-de querer comunicar com a sede para receber instruções pormenorizadas.

- Não necessariamente - replicou Peters.

Leamas fitou-o com interesse:- Compreendo. Mandaram um perito. Ou será que o Centro de Moscovo não está metido nisto?

Peters permaneceu silencioso, fitando Leamas, avaliando-o.

Por fim, pegou no lápis e disse: - Comecemos com o seu

serviço de guerra. Fale.

- AListEI-ME no corpo de engenharia em mil novecentos e trinta e nove. Estava a acabar o treino quando apareceu uma circular a convidar linguistas a concorrerem para serviço de especialistas no estrangeiro. Como falava holandês, alemão e bastante francês concorri. Já conhecia a Holanda. O meu pai tinha uma agência de máquinas em Leiden, onde eu vivera durante nove anos.

Fizeram-me as costumadas entrevistas e mandaram-me para uma escola perto de Oxford, onde me ensinaram os usuais truques. Em quarenta e um colocaram-me na Holanda, onde permaneci quase dois anos. Foi criminoso. A Holanda é um país terrível para o nosso trabalho: não tem verdadeiramente sítios ermos, lugares rec“nditos para se instalar uma sede ou uma estação de rádio. Andávamos sempre de um lado para o outro, sempre a fugir. Perdíamos agentes mais depressa do que os encontrávamos. Sai de lá em quarenta e três. Fui para a Noruega; em comparação com a Holanda era um paraíso. Em quarenta e cinco pagaram-me e dispensaram-me, e eu voltei para a Holanda, para começar a trabalhar no velho negócio de meu pai.

Como não me adaptei, juntei-me a um amigo que tinha uma agência de viagens em Bristol. Isto durou dezoito meses, findos os quais a agência faliu. Então, inesperadamente, recebi uma carta do Departamento, em que me perguntavam se gostaria de voltar. Nos últimos meses de quarenta e nove estava de volta, na Secção de Pagamentos.

Serviço interrompido, claro. . . redução de direitos de reforma. Estou a ir depressa demais?

- Não por agora - replicou Peters. - Voltamos depois a discutir isso, claro, com nomes e datas.

Bateram à porta e a mulher entrou com o almoço, uma abundante refeição de carnes frias e sopa. Peters p“s de lado os apontamentos e comeram em silêncio.

- Então regressou ao Circo - disse Peters logo que os pratos foram retirados.

- Regressei. Durante algum tempo deram-me trabalho de escritório; processamento de relatórios, estimativas de forças militares nos países da Cortina de Ferro, seguir o rasto de unidades e coisas assim.

- Em que secção?

- Satélites Quatro. Estive lá desde Fevereiro de cinquenta até Maio de cinquenta e um.

- Quem eram os seus colegas?

- Peter Guillam, Brian de Grey e George Smiley. Smiléy passou para a Contra-Espionagem nos princípios de cinquenta e um, e em Maio fui colocado em Berlim como FAA (fiscal adjunto da área): quer dizer, todo o trabalho operacional.

- Quem tinha às suas ordens?

Peters escrevia rapidamente. Leamas calculou que ele usava alguma estenografia particular.

- Hackett, Sarrow e De Jong. Todos dirigiam redes e era eu o encarregado. Foi nos finais de cinquenta e quatro que conquistámos o nosso primeiro grande triunfo em Berlim: Fritz Feger, o segundo homem do Ministério da Defesa da Alemanha de Leste. Até aí não tínhamos conseguido muito. Fritz durou cerca de dois anos; depois, subitamente, não tivemos mais notícias dele. Soube que morreu na cadeia. Passaram mais três anos até encontrarmos outro contacto.

Depois em mil novecentos e cinquenta e nove, apareceu Karl Riemeck que estava no Presidium do Partido Comunista da

Alemanha de Leste. Foi o melhor agente que já conheci.
- Está morto, agora - observou Peters.
Uma sombra quase que de vergonha perpassou pelo rosto de
- Eu estava lá quando o abateram - murmurou.
Leamas estava encharcado em suor. Peters avaliava-o como um jogador profissional do outro lado da mesa. Que teria decidido Iþamas? Que é que o teria atraído ou assustado? Acima de tudo, que é que ele sabia? Estaria a guardar a sua melhor carta para o fim, para a vender caro? Peters não acreditava nessa possibilidade. Leamas estava por demais desorientado para usar truques. Era um homem inimigo de si próprio, um homem que só conhecera uma vida e a traíra.
Peters presenciara reacções semelhantes, mesmo em homens que haviam descoberto um novo credo, sofrido uma completa mutação ideológica. Mesmo esses, cheios como estavam de novo zelo e nova esperança, tinham de lutar contra o estigma da traição, contra a angustia quase física para transmitirem aquilo que haviam sido treinados a nunca revelar. Essa a razão þ por que Leamas rejeita ferozmente qualquer relação humana com Peters; o orgulho interditava-a.
Peters também sabia que o simples facto de Leamas ser um agente profissional podia dificultar o interrogatório, porque Leamas seleccionaria informações que Peters não desejaria ver seleccionadas.
leamas antecipar-se-ia ao tipo de espionagem que Peters requeria e ao fazê-lo podia ignorar qualquer pormenor de interesse vital.
A tudo isto Peters tinha de acrescentar a caprichosa vaidade de um bêbedo.
- Penso - disse - que podíamos agora analisar em pormenor o seu serviço em Berlim. Isto é, desde o mês de Maio de mil novecentos e cinquenta e um até Outubro de mil novecentos e sessenta e um.
Leamas viu-o levar um cigarro à boca e reparou que, mais uma vez, Peters o acendia a partir da extremidade que ostentava o nome do fabricante, que assim seria primeiro queimada. Apreciou o gesto, que indicava que Peters, tal como ele próprio, andara fugido.
Perguntou vagamente a si mesmo qual seria o verdadeiro nome de Peters. Existia nele uma ortodoxia que lhe agradava. Era a ortodoxia da força, da confiança. Se Peters mentia fazia-o por uma razão.
A mentira seria calculada, necessária, muito diferente da desasada desonestidade de Ashe.
Ashe, Kiever, Petersþ um progresso em qualidade e em autoridade. Um progresso em ideologia também, conforme Leamas suspeitava. Ashe, o mercenário; Kiever, o camarada viajante; e Peters, para quem os meios se identificavam com os fins.
Leamas começou a falar de Berlim. Levara muito tempo - explicou - a construir uma rede decente na zona leste de Berlim.
Anteriormente a cidade fora invadida por agentes de segunda categoria. A espionagem estava desacreditada, e fazia de tal modo parte da vida quotidiana que era possível recrutár um homem num cocktail, suborná-lo depois do jantar e perdê-lo no dia seguinte ao almoço.
Para um profissional era uma espécie de pesadelo. Com Feger, em cinquenta e quatro, surgira de facto uma oportunidade. Mas em cinquenta e seis, quando todos os departamentos dos Serviços exigiam alta espionagem estavam parados. Feger estragava tudo com material de segunda classe,

que pouco tempo depois era divulgado pela imprensa. Precisavam de um bom contacto - e tiveram de esperar mais três anos até o conseguirem.

Então, certo dia, um dos três chefes da rede de espionagem, De Jong, foi com a família fazer um piquenique nas matas limítrofes de Berlim Oriental. Num caminho de terra batida junto ao canal estacionou e fechou o automóvel, que tinha uma matrícula militar britânica.

Depois de almoçarem regressaram ao automóvel precedidos pelas crianças, que corriam à frente com o cesto do piquenique. Ao chegarem ao carro, porém, deixaram cair o cesto e retrocederam.

Alguém forçara a porta do automóvel - o fecho estava partido e a porta entreaberta. De Jong rogou uma praga ao recordar-se que deixara a máquina fotográfica no compartimento das luvas.

Examinou então o carro; a máquina estava lá e no assento do motorista fora colocada uma lata de tabaco que continha uma pequena bobina de filme de uma máquina submmiatura, provavelmente uma Minox.

Ao regressar a casa, De Jong revelou o filme. Continha as actas da última reunião do Presidium do Partido Comunista da Alemanha de Leste, o SED. Por estranha coincidência, havia provas paralelas de outra fonte: as fotografias eram genuínas.

Leamas encarregara-se então do caso. Estava grandemente necessitado de êxito. Não produzira virtualmente nada desde a sua chegada a Berlim, e estava a ultrapassar o habitual limite de idade para trabalho operacional em full-time. Decorrida precisamente uma semana, conduziu o carro de De Jong ao mesmo local e afastou-se para um passeio.

Era um local deserto: uma faixa de canal bordejada por um caminho de terra batida, algumas extensões áridas de areal e para leste um pinhal ralo. Tinha, contudo, a virtude da solidão - o que era difícil encontrar-se em Berlim - e a impossibilidade da vigilância. Leamas penetrou no pinhal não tentando sequer observar o automóvel, pois não sabia de que direcção o contacto poderia vir e se fosse visto a vigiar o carro perderia a oportunidade de conquistar a confiança do informador.

Não precisava de se ter preocupado. Quando regressou ao carro não encontrou nada, e enquanto conduzia de volta a Berlim censurava-se pela sua idiotice: o Presidium não deveria reunir-se durante os próximos quinze dias. Três semanas depois pediu de novo o carro emprestado a De Jong e levou mil dólares em notas de vinte num cesto de piquenique. Não fechou o automóvel, deixando-o estacionado durante duas horas. Quando regressou, deparou-se-lhe a lata de tabaco no compartimento das luvas. O cesto de piquenique desaparecera.

Os filmes foram guardados como material documental de primeira classe. Nas seis semanas que se seguiram Leamas dirigiu-se duas vezes ao mesmo local e aconteceu o mesmo.

Sabia que descobrira uma mina de ouro. Deu à fonte o nome de código de Mayfair e enviou para Londres uma carta pessimista.

Tinha a certeza de que, se divulgasse ao Circo metade das perspectivas, controlariam o caso directamente, o que ele queria evitar a todo o custo. O Circo formularia teorias, apresentaria sugestões, insistiria na cautela, exigiria acção. Quereriam que ele apenas entregasse notasde dólar novas, na esperança de lhes seguir o rasto, planeariam operações tendo em vista seguir a pista do delator e divulgariam a noticia a

outros departamentos.
Leamas trabalhou arduamente durante três semanas. Passou a pente fino os dossiers de cada um dos membros do Presidium.
A partir do índice de nomes da última página do fac-símile, apurou um total de trinta e um informadores possíveis, incluindo o pessoal de secretaria.
Confrontado com a tarefa quase impossível de identificar um informador através dos registos incompletos de trinta e um candidatos, leamas voltou-se para o material original. Intrigava-o o facto de nenhuma das actas fotocopiadas ter as páginas numeradas, de nenhuma estar selada com a classificação de segurança e de aqui e ali haver palavras cortadas. Concluiu finalmente que as fotocópias não eram das próprias actas, mas dos rascunhos das actas o que situava a fonte no próprio Secretariado - e o Secretariado era muito reduzido.
Leamas dedicou de novo a sua atenção ao índice de nomes.
Havia um homem chamado Karl Riemeck no Secretariado, um antigo cabo-de-dia do corpo médico que servira durante três anos como prisioneiro de guerra em Inglaterra. A irmã dele vivia na Pomerânia quando os Russos a haviam invadido e ele nunca mais tivera notícias dela. Fora casado e tinha uma filha chamada Carla.
Leamas decidiu arriscar-se. Informou-se sobre o número de prisioneiro de guerra de Riemeck em Londres, que era o 29 012 e averiguou a data da sua libertação, 10 de Dezembro de 1945.
Comprou um livro da Alemanha Oriental de ficção científica para crianças e escreveu na folha frontal em alemão, numa caligrafia de adolescente: þþEste livro pertence a Carla Riemeck, nascida a IO de Dezembro de 1945 em Biedford, North Devon. Assinado: Mulher-do-espaço-lunar 29 Ol2.þþ Por baixo acrescentou: þþAs pessoas interessadas em inscrever-se para voos espaciais devem escrever para o endereço habitual, informando da data e local em que desejam ser contactadas. O prazo de inscrição é de sete dias. Viva a República do Espaço Democrático do Povo!,þ Conduziu o automóvel de De Jong até ao local habitual e deixou o livro no assento ao lado do do condutor com cinco notas usadas de cem dólares dentro da capa. Quando regressou, o livro desaparecera e fora substituído por uma lata de tabaco que continha três rolos de filmes: um com as costumadas actas da última reunião do Presidium; o segundo com uma revisão esquemática das relações da Alemanha Oriental com o COMECON (Conselho de Assistência Económica Mútua), o equivalente comunista do Mercado Comum da Europa Ocidental; o terceiro era uma análise dos Serviços Secretos da Alemanha Oriental, completada com as funções dos departamentos e pormenores sobre as personalidades.
Peters interrompeu-o: - Só um minuto. Quer dizer que todas essas informações vinham de Riemeck?
- Porque não? Bem sabe o que ele via.
- _ muito inviável - observou Peters como se falasse consigo mesmo. - Deve ter tido ajudas.
- E teve, mais tarde. Já lá chego.
- Sei o que me vai contar. Mas nunca pressentiu que ele tivesse assistência de cima, tal como dos agentes que mais tarde adquiriu?
- Não. Nunca. Isso nunca me ocorreu.
- Quando mandou todo esse material para o Circo, eles nunca sugeriram que, mesmo para um homem na posição de Riemeck essas informações secretas abrangiam um campo demasiado vasto?
- Não.

- Eles nunca perguntaram onde é que Riemeck arranjara a máquina fotográfica, ou quem Lhe ensinara a praticar fotografia documental?

Leamas hesitou.

- Não. . . Tenho a certeza de que nunca perguntaram.

- Espantoso - observou Peters secamente.

Precisamente uma semana depois - continuou Leamas- þgu;u até ao canal e desta vez sentia-se nervoso. Quando virou para o caminho de terra batida, viu três bicicletas deitadas na erva e três homens a pescar. Saiu do carro e dirigiu-se para o pinhal.

Percorrera cerca de vinte metros quando ouviu um grito. Olhou em redor e viu que um dos homens Lhe acenava. Os outros dois fitavam-no também.

Leamas tinha as mãos enfiadas nos bolsos da gabardina e era demasiado tarde para as retirar. Sabia que os homens de ambos os lados estavam a proteger o do meio, e que, se retirasse as mãos das algibeiras, eles provavelmente o abateriam, pensando que ele lhes ia apontar um revólver. Deteve-se a dez metros do homem do meio.

- Quer alguma coisa? - perguntou.

- Chama-se Leamas?

Era um homem obeso, erecto, de baixa estatura, que falava inglês.

- Chamo.

- Qual é o seu número de identidade nacional britânica?

- PRT, traço, L, cinco, oito, zero, zero, três, traço, um.

- Onde passou a noite da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial?

- Em Leiden, na Holanda, na oficina de meu pai, com alguns amigos holandeses.

- Venha comigo dar um passeio, Mr. Leamas. Não precisa da gabardina. Deixe-a aí no chão. Os meus amigos tomam conta dela.

Leamas hesitou, encolheu os ombros e despiu a gabardina.

Seguidamente ambos os homens se dirigiram rapidamente em direcção ao pinhal.

- Você sabe tão bem como eu quem ele era - disse Leamas em voz cansada. - O terceiro homem do Ministério do Interior, secretário do Presidium, chefe da Delegação Coordenadora para a Protecção do Povo. Suponho que soube de mim e de De Jong, porque vira os nossos dossiers de contra-espionagem no Abteilung.

Podia oferecer-nos três coisas: a sua posição no Presidium alguns relatórios sobre política e economia internas e o acesso aos ficheiros dos Serviços Secretos da Alemanha Oriental.

- Mas apenas um acesso limitado. Eles nunca facultariam a uma pessoa de fora o acesso a todos os seus ficheiros - insistiu Peters.

Leamas encolheu os ombros.

- A verdade é que facultaram.

- Que é que você disse para Londres?

- Depois disso, tudo. Tinha de dizer. Nessa altura o Circo encarregou-se do assunto e comunicou o facto aos outros departamentos. Depois - acrescentou venenosamente - foi só uma questão de tempo para tudo se desmoronar. Com os departamentos por trás, o Circo tornou-se ambicioso, pressionando-nos para que lhe fornecêssemos mais. Finalmente Karl teve de recrutar outros agentes, com os quais formámos uma rede de espionagem.

Foi completamente estúpido. Pressionou Karl, p“-lo em perigo e abalou a sua confiança em nós. Foi o começo do fim.

- Que conseguiu saber através dele?

Leamas reproduziu, ponto por ponto, todo o trabalho realizado por Karl Riemeck. A sua memoria era - notou Peters aprovativamente - admiravelmente precisa, tendo em conta o muito que ele bebia. Fornecera datas e nomes, lembrava-se da reacção de Londres, do montante de somas de dinheiro pedidas e pagas, das datas do recrutamento de outros agentes para a rede.

- Peço desculpa - disse por fim Peters -, mas não acredito que um único homem, por bem colocado que estivesse, por muito hábil que fosse, pudesse ter adquirido uma tal gama de conhecimentos pormenorizados. Mesmo que adquirisse, nunca conseguiria fotografar tudo.

- Mas conseguiu - insistiu Leamas, subitamente irritado.

- E a verdade é que o fez.

- E o circo nunca lhe disse a si para inquirir como e quando ele via todo esse material?

- Não - respondeu Leamas secamente. - Riemeck podia melindrar-se, e Londres estava demasiado contente com o seu trabalho para o perder.

- Bem, bem - murmurou Peters que, decorrido um momento, perguntou: - Por acaso ouviu falar daquela mulher?

- Que mulher? - perguntou Leamas em voz áspera.

- Elvira. A amante de Karl Riemeck. Foi assassinada.

Alvejada de um carro, quando saía do seu apartamento.

- Costumava ser o meu apartamento - observou Leamas mecanicamente.

- Talvez ela soubesse mais acerca da rede de espionagem de Riemeck do que você - sugeriu Peters.

- Que diabo quer dizer com isso? - perguntou Leamas.

Peters encolheu os ombros.

- Tudo isto é muito estranho - observou. - Pergunto a mim mesmo quem a teria matado.

Conversaram pela noite fora e durante todo o dia seguinte, sobre agentes menos importantes, os procedimentos seguidos no escritório de Leamas em Berhm, os seus apartamentos, transportes, gravações e equipamento fotográfico secretos.

Uma coisa o intrigava: a insistência de Peters de que Karl Riemeck deveria ter tido um colaborador nas altas esferas.

Como é que ele podia estar tão certo de que Karl não conseguira todas essas informações sozinho? Mas Peters, no fim de contas, tinha de saber precisamente até onde Karl tivera acesso. Controle fizera-lhe a mesma pergunta - lembrava-se agora -, sobre os âmbitos a que Riemeck tinha acesso. Neste ponto, Peters e Controle estavam obviamente de acordo. Talvez houvesse mais alguém. Talvez fosse esse o þþinteresse especial,þ que Controle tanto desejava proteger de Mundt. Talvez fosse sobre esse assunto que Controle falara a sós com Karl naquela noite no apartamento dele, em Berlim.

Enfim, amanhã se veria. Amanhã jogaria o seu jogo.

Perguntava a si próprio quem teria morto Elvira, e porquê.

Claro que Elvira, conhecendo a identidade do colaborador especial de Riemeck, bem podia ter sido assassinada por esse colaborador..

Não. Era demasiado rebuscado. Afinal Elvira fora morta em Berlim Ocidental.

Prestes a adormecer, murmurou para consigo: þ.Um grandessíssimo tolo, o Karl. Foi aquela mulher quem o matou. Tenho a certeza. þ, Então Elvira estava morta. . . E lembrou-se de Liz.

## 8 O TERCEIRO DIA

NA manhã seguinte, Peters chegou às oito horas e, sem cerimónias, sentaram-se à mesa e recomeçaram: - Então você voltou a Londres. E que fez lá?

- Contactei directamente Controle e contei-lhe de Karl.

Então ele arrumou-me na prateleira, na Secção Bancária. Verificação dos salários dos agentes pagamentos no ultramar pþa þns clandestinos.

Uma criança podia fazer aquele trabalho. Não me lembro muito bem desse período porque comecei a beber um bocado. Foi de facto esse o motivo da minha demissão.

- Que se recorda de ter feito na Secção Bancária?

Leamas encolheu os ombros.

- De estar sentado na mesma sala com duas mulheres. Thrusby e Larrett. Eu chamava-Lhes Quinta-Feira e Sexta-Feira. -Peters parecia perplexo. - Lidávamos com papéis. Vinha uma carta das Finanças:.þAutorizado o pagamento de setecentos dólares a fulano e a sicrano, em tal data.þþ Quinta-Feira e Sexta-Feira tratavam do papel, arquivavam-no, selavam-no e eu assinava um cheque ou ia ao banco fazer uma transferência.

- Então conheceu os nomes dos agentes de todo o Mundo.

- Não é bem assim. Na maior parte dos casos o dinheiro era transferido para um banco estrangeiro. E então o nosso homem nesse país, o nosso residente, levantava-o e entregava-o ao agente.

Peters pareceu desapontado: - Quer dizer que não tinha meios de saber os nomes daqueles a quem pagavam?

þ - Não, geralmente não.

- E uma vez ou outra?

- Bem, todas essas minúcias entre bancos, finanças e despachos especiais levavam a confusões, claro. Era demasiado elaborado.

Portanto uma vez por outra vinha-nos à mão material particular que quebrava a monotonia da nossa vida quotidiana.Leamas levantou-se, dizendo:- Fiz uma lista de todos os pagamentos de que me lembro.

Está no meu quarto. Vou buscá-la.

Saiu da sala, com o passo mais arrastado e hesitante que simulara desde que chegara à Holanda, e voltou com duas folhas de papel de um caderno barato.

- Escrevi isto ontem à noite - disse. - Pensei que poupávamos tempo.

Peters leu as notas lenta e cuidadosamente. Pareceu impressionado: - Bom. Muito bom.

- Do que me lembro melhor é de um nome: Pedra Rolante, que me valeu duas viagens. Uma à Dinamarca e outra à Finlândia.

Só para depositar dinheiro em bancos.

- Quanto?

- Dez mil dólares em Copenhaga, quarenta mil marcos em Helsínquia.

Peters pousou o lápis.

- Para quem? - perguntou.

- Só Deus o sabe. Trabalhávamos com Pedra Rolante num sistema de depósitos. Os Serviços deram-me um passaporte

britânico falso. Fui ao Banco Real da Escandinávia em Copenhaga e ao Banco Nacional da Finlândia em Helsínquia, depositei o dinheiro e levantei uma caderneta de crédito de uma conta conjunta: minha no meu nome falso, e de outra pessoa, o agente, suponho, no seu nome falso. Entreguei ao banco amostras da assinatura do outro, que me tinham dado na sede. Mais tarde o agente recebia a caderneta de crédito e um passaporte falso que apresentava no banco para poder levantar o dinheiro. Eu só sabia o seu nome falso.

Leamas ouvia as suas próprias palavras e tudo o que contava parecia-lhe grotescamente improvável.

- Era um processo comum, esse?

- Não. Era um pagamento especial. Requeria uma lista de subscrição.

- Que é isso?

- O dossier estava circunscrito a um número muito reduzido de pessoas. Cobria pagamentos de dez mil dólares em diversas moedas e em várias capitais.

- Sempre em capitais?

- Tanto quanto sei. Li no dossier que tinha havido mais dois pagamentos Pedras Rolantes antes de eu entrar na Secção, mas nesses casos era sempre o residente local quem se encarregava do assunto.

- Onde foram feitos esses pagamentos antes de você entrar para a Secção?

- Um em Oslo. O outro não me lembro.

- O nome de código do agente era o mesmo?

- Não. Precaução de segurança. Disseram-me depois que copiámos essa complicada técnica dos Russos. Eu também usava um nome e evidentemente um passaporte diferentes para cada viagem.

Essa informação agradar-lhe-ia e ajudá-lo-ia a preencher as lacunas.

- Sabe por que razão os pagamentos anteriores eram feitos pelosresidentes locais e os seguintes por uma pessoa que se deslocava de Londres para o efeito?

- Controle desejava que. .

- Controle ? Quer dizer que o próprio Controle estava metido no caso?

- Estava. Receava que reconhecessem os agentes locais no banco. Por isso serviu-se de um correio: eu.

- Quando é que fez essas viagens?

- Para Copenhaga a dezoito de Outubro, e regressei de avião na mesma noite. Para Helsínquia, nos fins de Novembro. Fiquei lá duas noites, voltei pelo dia vinte e oito.

- E os outros pagamentos? Quando foram feitos?

- Tenho pena, mas não me lembro das datas.

- Pensa que o agente já trabalhava há algum tempo antes do primeiro pagamento?

- Não faço ideia. O dossier só cobria os pagamentos recentes.

Uma subscrição limitada implicava diferentes dossiers, cada um dos quais relativo a um aspecto do mesmo caso. Só quem tivesse acesso ao dossier principal podia aferir da situação global.

Agora Peters escrevia continuamente. Leamas deduzia que havia um gravador na sala, mas a transcrição subsequente levaria tempo.

O que Peters escrevia agora fornecer-lhe-ia a base do telegrama que nessa noite enviaria para Moscovo, enquanto na Embaixada Soviética na Haia as funcionárias permaneceriam a

noite inteira a telegrafar a transcrição, palavra por palavra, em turnos de uma hora.

- Diga-me - tornou Peters -, eram grandes somas de dinheiro. As démarches para as pagar eram complexas e dispendiosas.

Que é que você pensava disso?

Leamas encolheu os ombros.

- Pensava que Controle devia ter uma fonte diabolicamente boa.

Mas os processos não me agradavam, eram demasiado arriscados.

Porque é que eles não se encontravam com o tipo e lhe entregavam em mão a quantia em dinheiro? Deixavam-no mesmo atravessar as fronteiras com o seu próprio passaporte e outro falsificado no bolso para usar no banco? Duvidava. . . - disse Leamas.

Era tempo de encobrir a pista, de deixar que Peters perseguisse a lebre.

- Que quer dizer?

- Quero dizer que, tanto quanto sei, o dinheiro nunca chegava a ser levantado do banco. Suponho que se tratava de um agente altamente colocado por detrás da Cortina. . O dinheiro ficaria depositado e mais tarde, quando pudesse, ele levantá-lo-ia.

Enfim, era o que eu calculava. Nunca pensava muito no caso. O nosso trabalho é sempre feito de bocados do todo, bem sabe. E a curiosidade é um risco.

Após um momento de reflexão, Peters perguntou: - Que nomes usou em Copenhaga e em Helsínquia?

- Em Copenhaga, Robert Lang, engenheiro electrotécnico de Derby.

- Em que data exactamente esteve você em Copenhaga?

- Já Lhe disse: dezoito de Outubro.

- De que banco se serviu?

- Oh, Peters... - explodiu Leamas, subitamente irritado. -- Você escreveu o nome. O Banco Real da Escandinávia.

- Era para me certificar - replicou o outro, impassível, continuando a escrever. - E em Helsmquia?

- Stephen Bennett, engenheiro da Marinha, de Plymouth. Estive lá em fins de Novembro.

- Levou o dinheiro consigo de Inglaterra?

- Claro que não. Transferimo-lo para a conta do residente local.

O residente levantou-o, esperou-me no aeroporto com a massa numa pasta e eu levei-a ao banco.

- Quem é o residente em Copenhaga?

- Peter Jensen, livreiro da Livraria Universitária.

- E quais eram os nomes que deviam ser usados pelo agente?

- Em Copenhaga, Horst Kalsdorf. Lembro-me de pronunciar sempre Karlshorst. De Klagenfurt, na  ustria.

- E em Helsínquia?

- Chamava-se Adolf Fechtmann, de St. Gallen, Suíça. Com um título. . . Sim, é isso: Dr. Fechtmann, arquivista.

- Compreendo. Ambos de língua alemã.

- Sim. Reparei nisso. Mas esse agente não pode ser alemão.

- Porque não?

- Eu era chefe da rede de Berlim. Um agente importante da Alemanha Oriental tinha de estar dependente de Berlim, e eu tinha de o conhecer.

Leamas ergueu-se, aproximou-se do aparador e preparou um whiskey.

- Você próprio disse que havia precauções especiais neste caso.

Talvez considerassem desnecessário p“-lo ao corrente. . .

- Não seja idiota - retrucou Leamas secamente. - Claro que eu teria sabido.

Neste ponto não transigiria. Essa atitude fá-los-ia pensar que estavam mais bem informados, daria crédito ao resto das suas informações. Controle dissera-lhe: þ.Eles vão querer deduzir, apesar das suas declarações. Devemos oferecer-lhes o material e mantermo-nos cépticos a respeito das suas conclusões. Confiar na inteligência e conceitos deles, nas suas suspeitas uns dos outros. . . _ o que temos a fazer.. þþ Peters acenou com a cabeça, como se a confirmar uma melancólica verdade.

- Você é um homem muito orgulhoso, Leamas - observou uma vez mais.

Logo depois saiu. Era hora do almoço.

PETERS não apareceu nessa tarde nem na manhã do dia seguinte.

Leamas, dominado por uma irritação crescente, esperou em vão por algum recado. Interrogou a hospedeira, que se limitou a sorrir e a encolher os pesados ombros.

Pelas onze horas da manhã seguinte saiu para um passeio junto ao mar.

Na praia, uma jovem de costas para ele atirava pão às gaivotas.

O vento brincava-lhe com o cabelo, preto e comprido, e enfunava-Lhe o casaco, transformando-lhe o corpo num arco tenso voltado para o mar. E Leamas percebeu então que era aquilo que Liz lhe dera e que ele procuraria de novo quando regressasse a Inglaterra.

Era a vivência das pequenas coisas: a simples fé na vida de todos os dias que permitia a quem a possuía esmigalhar um pedaço de pão, meter as migalhas num saco de papel, dirigir-se à praia e atirá-las às gaivotas. Era esta vivência que nunca lhe fora permitido possuir.

Quer fosse feita de pão, de amor ou do que quer que fosse, regressaria até Liz e faria com que ela a procurasse para lha dar.

Mais uma semana, talvez duas, e regressaria ao seu país.

Controle dissera-lhe que ele poderia guardar o que eles Lhe pagassem e isso seria suficiente. Com quinze mil libras e uma reforma do Circo, qualquer homem - como Controle costumava dizer - pode permitir-se vir do frio.

Deu uma volta e regressou à vivenda ao meio-dia menos um quarto. A mulher abriu-Lhe a porta sem uma palavra, mas quando entrou na sala das traseiras Leamas ouviu-a discar um número telefónico e falar durante alguns segundos. Ao meio-dia e meia trouxe-Lhe o almoço e, para seu prazer, alguns jornais ingleses.

Leamas que geralmente não lia, leu os jornais lenta e concentradamente. Fixava pormenores, como nomes e direcções de pessoas em pequenos artigos, quase inconscientemente, como se entregue a uma espécie de exercício mental.

Peters chegou às três horas, e apenas o viu Leamas compreendeu que havia problemas.

- Tenho más notícias para si - disse Peters. - Estão à sua procura em Inglaterra. Soube-o esta manhã. Estão a vigiar os portos.

- De que me acusam? - perguntou Leamas, impassível.
- Normalmente, de você não ter informado a polícia dentro do período estabelecido, depois de sair da cadeia. Mas corre que o querem apanhar por violação de segredos de Estado. A sua fotografia vem nosþornais vespertinos de Londres. Notícias muito vagas.
Leamas permaneceu imóvel. Fora Controle quem desencadeara a operação. Controle iniciara a perseguição. Não havia outra explicação. Ele dissera: þþ_ provável que dentro de algumas semanas o levem para qualquer lado para interrogatório. . . até pode ser no estrangeiro. Depois, o assunto resolve-se por si. Dentro de duas semanas devo-o ver de volta. . . Mas combinei mantê-lo em subsistência operacional até eliminarmos Mundt; parece-me a melhor maneira. . . þþ E agora isto, que não fazia parte do contrato. Que diabo quereriam que ele fizesse? Evadir-se podia arruinar toda a operação.
Era possível que Peters estivesse a mentir que a mentira fosse um teste. . . mais uma razão para ele concordar em partir. Mas se fosse para leste, para a Polónia, para a Checoslováquia ou sabia Deus para onde, provavelmente nunca mais o deixariam sair.
Sim, fora Controle quem criara a situação, tinha a certeza.
As condições haviam sido demasiado generosas, sempre o soubera.
Eles não desbaratavam dinheiro senão quando consideravam a hipótese de perder o agente. Aquela soma de dinheiro era um aviso. Leamas não prestara atenção ao aviso.
- Mas como diabo souberam eles? - perguntou calmamente a Peters. Uma ideia pareceu ocorrer-lhe ao espírito e disse: O seu amigo Ashe, ou Kiever, bem podiam ter-lhes contado.
- Coisas dessas são sempre possíveis no nosso trabalho -- replicou Peters. - O facto é que presentemente todos os países da Europa Ocidental estão à sua procura.
Leamas parecia não escutar.
- Bem, você p“s-me em maus lençóis - disse. - A sua gente deve estar a rir-se. A não ser que fossem eles mesmos os informadores.
- Está a exagerar a sua própria importância - a voz de Peters era amarga. - Vamos ficar pelo que sabemos. Como é que as suas próprias autoridades se viraram contra si é coisa que de momento não nos diz respeito; o facto é que se viraram. Você conhece as alternativas: ou deixa que cuidemos de si ou arranja-se sozinho, com a certeza de que será preso. Não tem documentos falsos, nem dinheiro, nem nada. O seu passaporte britânico caduca em menos de quinze dias.
- Existe uma terceira possibilidade. Dêem-me um passaporte suíço e algum dinheiro e deixem-me fugir. Eu cá olho por mim.
- Receio que essa solução não seja considerada desejável.
- Quer dizer que ainda não acabou o interrogatório e que até lá não podem dispensar-me?
- A traços largos é essa a situação.
- Assim que tiver terminado o interrogatório, que vai fazer de mim?
Peters encolheu os ombros.
- Que sugere?
- Uma nova identidade. Talvez um passaporte escandinavo.
- Muito académico - replicou Peters -, mas posso sugerir essa hipótese aos meus superiores. Vem comigo?
Leamas sorriu um pouco indeciso.

- Se eu não fosse, que é que você fazia? No final de contas tenho muito que contar, não tenho?
- Histórias desse género são difíceis de confirmar.
Leamas aproximou-se da janela. Estava a formar-se uma tempestade sobre o mar do Norte. Observou as gaivotas que gritavam contra as nuvens negras. A jovem desaparecera.
- Muito bem - disse por fim. - Arranje lá isso.
- Não há avião para Leste senão amanhã. Há um voo para_ Hamburgo dentro de uma hora. Vamos nesse. Ficaremos perto.
LEAMAS admirou a eficiência de Peters. O passaporte há muito que devia ter sido arranjado. Fora emitido em nome de Alexander Thwaite, agente de viagens, e apresentava vistos e carimbos de fronteiras. O guarda da fronteira holandesa do aeroporto limitou-se a assentir com a cabeça e carimbou-o.
Ao entrar no terminal dos passageiros, Leamas reparou num quiosque que exibia jornais internacionais. Uma rapariga contornou o quiosque e enfiou um Evening Standard no suporte da frente.
Leamas precipitou-se na sua direcção e retirou o jornal.
- Quanto custa? - perguntou.
Quando introduziu a mão no bolso das calças apercebeu-se de que não tinha dinheiro holandês.
- Trinta cêntimos - respondeu a jovem, uma morena atraente e viva.
- Só tenho dois xelins ingleses. Valem um florim. Aceita-os?
- Aceito, sim - respondeu ela.
Leamas entregou-lhe as moedas. Peters estava ainda no balcão dos passaportes, de costas viradas. Leamas correu para a casa de banho dos homens, onde folheou rapidamente o jornal, que depois deitou ao lixo. Era verdade. Lá estava a sua fotografia com uma breve. legenda por baixo. Perguntou a si próprio se Liz teria visto a notícia.
Dez minutos depois encontravam-se a bordo do avião com destino a Berlim e escala em Hamburgo. Pela primeira vez desde que tudo começara Leamas sentia medo.

## 10 OS AmiGOS DE ALEC

OS homens visitaram Liz nessa mesma noite.
Ela agora receava pensar muito em Leamas, porque esqueceracomo ele era. Deixava que o seu espírito o retivesse por breves momentos, como quem passa os olhos por um vago horizonte, e então lembrava-se de qualquer coisa que ele dissera ou fizera, de como a olhara ou, mais frequentemente, a ignorara. O pior era não possuir coisa alguma que o recordasse: nem uma fotografia, nem uma prenda, nada.
Fora ao quarto dele. O quarto já estava arrendado, mas falara com o senhorio, que aludira ao Alec com simpatia: Mr. Leamas pagara a renda como um cavalheiro, até ao fim. Haviam-se seguido uma ou duas semanas de dívida e depois um seu camarada, um tipo engraçado, tímido, de óculos e baixa estatura aparecera a pagar.
Sempre dissera que Mr. Leamas era um senhor. Claro que bebia mais do que devia, mas nunca fizera cenas ao voltar para casa e só fizera ao Ford, o merceeiro, o que muita gente gostaria de ter feito antes dele.
Liz continuava a trabalhar na biblioteca, porque pelo menos aí Alec ainda existia. As prateleiras, os livros o arquivo eram objectos que ele conhecera e tocara, e aos quais poderia um dia regressar.

Dissera que nunca mais voltaria, mas ela não acreditava.
Miss Crail, por seu lado, era de opinião que ele voltaria: descobrira que lhe devia alguns ordenados e enraivecia-se profundamente pelo facto de o seu monstro não ser suficientemente monstruoso para os vir reeeber.

Depois de Leamas ter desaparecido, Liz fazia com frequência a própria a mesma pergunta: porque é que ele agredira Mr. Ford.

Devia tê-lo premeditado. De outro modo porque se despedira dela na noite anterior? Sabia que agrediria Mr. Ford no dia seguinte.

E sabia - sempre o soubera - que Alec tinha uma missão a desempenhar. Ele próprio lho dissera. Não imaginava sequer do que se tratava.

Tinham falado de Alec na reunião da sua secção do Partido.

De facto George Hanby, o tesoureiro passara em frente da porta do merceeiro na altura do incidente. A multidão impedira-o de presenciar a cena, mas um tipo que assistira à altercação informara-o. Um caso de ódio contra a classe patronal. O tipo com quem Hanby falara (um homem de óculos e colarinho branco de aspecto vulgar e baixa estatura) afirmara que a agressão fora súbita - um protesto espontâneo, era como a classificava.

Liz permanecera em silêncio enquanto Hanby falava: evidentemente ninguém sabia da sua ligação com Leamas. Percebeu que odiava George Hanby: um tipo pomposo e mal-intencionado, sempre a olhá-la de soslaio e a tentar apalpá-la.

Então os homens vieram visitá-la. Disseram que vinham da paþe da Scotland Yard, e apresentaram cartões impressos com fotografia em capas de celofane. Mas ela achou-os demasiado elegantes para polícias. O que falou mais era baixo e bastante volumoso.

Usava óculos e roupas caras. Revelou-se amável e preocupado e, ignorando porquê, Liz confiou nele.

- Creio que a senhora era amiga de Alec Leamas - começou o homem dos óculos.

Falava tão seriamente que considerou idiota responder desabridamente, como fora a sua primeira intenção.

- Era - respondeu. - Como soube?

- Descobrimos por acaso. Quando se é. . . preso tem de se dizer o nome dos amigos ou parentes mais próximos. Perguntaram a Leamas quem deviam informar se alguma coisa lhe acontecesse na prisão, e ele deu o seu nome.

- Compreendo.

- Alguém mais sabe que eram amigos?

- Não. Nem sequer os meus pais. E não acredito que Miss Crail, da biblioteca, supusesse que havia alguma coisa entre nós.

O homem fitava-a com uma expressão séria.

- Surpreendeu-a Mr. Leamas ter agredido Mr. Ford?

- Surpreendeu-me, claro.

- Porque lhe parece que agiu desse modo?

- Não sei. Porque Ford não lhe queria dar crédito, suponho.

Mas penso que ele sempre o tencionara fazer. - Perguntou a si própria se não estaria a falar demais, mas ansiava por conversar com alguém sobre o caso e não via qualquer inconveniente em fazê-lo. -- Na noite anterior tínhamos jantado juntos, um jantar especial, com vinho. Foi Alec quem o

sugeriu e nessa altura soube que era a nossa última noite. Perguntei-lhe: þþ_ a despedida?" - E ele?

- Disse que tinha de fazer um trabalho. Tinha de se vingar de alguém por qualquer coisa que tinham feito a um amigo dele.

Não compreendi bem.

Seguiu-se um longo silêncio, e a expressão do seu interlocutor reflectiu uma grave preocupação. Finalmente ele perguntou-lhe: - Acredita nisso?

- Não sei.

Sem saber porquê, sentia-se subitamente aterrada por Alec.

O homem perguntou: - Leamas tinha dois filhos do seu casamento. No entanto, deu o seu nome como a pessoa mais chegada. Como interpreta essa atitude?

O homem parecia embaraçado com a sua própria pergunta.

Liz enrubesceu.

- Eu amava-o - respondeu.

- E ele amava-a?

- Talvez. Não sei.

- Ainda o ama?

- Ainda.

- Ele disse que voltava? - perguntou o outro homem.

- Não.

- Mas disse-lhe adeus, não disse? - insistiu rapidamente o mais novo.

- Ele disse-lhe adeus? - repetiu o dos óculos, lenta e delicadamente. - Nada mais lhe pode acontecer, juro-lhe. Mas queremos ajudá-lo e se a senhora tiver alguma ideia sobre o motivo por que ele agrediu Ford. . . a mais leve noção a partir de qualquer coisa que ele tenha dito, até casualmente, ou feito... diga-nos, para o bem de Alec.

Liz sacudiu a cabeça.

- Por favor não façam mais perguntas. Por favor vão-se embora - disse.

Ao chegar à porta, o homem volumoso retirou um cartão da carteira e pousou-o cautelosamente na mesa, como se para evitar um ruído. Liz pensou que ele era muito tímido.

- Se alguma vez precisar de ajuda. . . Se acontecer alguma coisa relacionada com Leamas, telefone-me - disse. - Compreende?

- Quem é o senhor?

- Sou um amigo de Alec Leamas. - Hesitou. - Uma última pergunta: Alec sabia que a senhora era do. . . Ele sabia do Partidoþ - Sabia - respondeu num tom de voz desanimado. -, disse-Lhe.

- O Partido sabe de si e do Alec?

- Já Lhe disse que ninguém sabe. - Depois, empalidecendo, gritou subitamente: - Onde é que ele está? Digam-me onde é que ele está! Eu ajudo-o! Eu olho por ele. . . nem que ele tenha endoidecido! Não me importo. Juro que não me importo.

Escrevi-lhe para a cadeia e disse-lhe que podia voltar em qualquer altura. Que esperava por ele. . .

Sem conseguir falar mais, ocultou o rosto nas mãos e soluçou convulsivamente.

O homem de óculos observava-a.

- Alec foi para o estrangeiro - disse com amabilidade. - Não sabemos muito bem onde ele pára. Não enlouqueceu, mas não devia ter-lhe dito tudo isso. Foi pena.

O outro homem disse: - Vamos olhar por si. Para que não lhe falte dinheiro nem coisas desse género. . .

- Quem são os senhores? - tornou a perguntar Liz.
- Amigos de Alec - repetiu o homem de óculos. - Bons amigos.
Ela ouviu-os descer as escadas e sair para a rua. Da janela, viu-os afastarem-se num pequeno automóvel preto.
Lembrou-se então do cartão. Pegou nele e examinou-o à luz.
As letras estavam gravadas - era caro para um simples polícia, pensou.
Não mencionava o posto nem a esquadra. E onde já se viu um polícia a viver em Chelsea?
MR. GEORGE SMILEY, 9 BYWATER STREET, CHELSEA.
Por baixo, o número do telefone Tudo aquilo era estranho.

## 11 RUMO A LESTE

LEAMAS desapertou o cinto de segurança.
Diz-se que homens condenados à morte são subitamente dominados por momentos de elação. Após tomar a sua decisão, Leamas experimentou uma sensação semelhante. O alívio, curto mas consolador, sustentou-o por algum tempo. Logo seguido de medo e fome.
Estava a decair lentamente. Controle tinha razão. Notara pela primeira vez o facto no início do ano anterior. Karl Riemeck tinha uma comunicação importante a transmitir-lhe e fazia uma das suas raras visitas à Alemanha Ocidental, aproveitando uma conferência legal em Karlsruhe. Enviara uma mensagem a Leamas pedindo-lhe que o fosse esperar.
Leamas seguiu de avião para Colónia e alugou um carro no aeroporto. Era cedo e esperava evitar o maior tráfego na auto-estrada para Karlsruhe, mas já havia camiões. Seguia por entre o tráfego, conduzindo imprudentemente para não chegar atrasado, quando um pequeno automóvel entrou na sua faixa postando-se exactamente à sua frente. Carregou no travão, acendendo os máximos e tocando a buzina, e por um milagre não se chocaram. Quando ultrapassou o outro, viu quatro crianças na retaguarda, rindo e acenando, e a caraestúpida e assustada do pai ao volante. Prosseguiu viagem rogando uma praga, e subitamente as mãos começaram a tremer-lhe febrilmente, o rosto escaldava-lhe e o coração batia-lhe descompassadamente.
Conseguiu então sair da estrada desceu do carro e respirou fundo, observando o caudaloso rio de camiões. Perseguia-o uma visão: o pequeno automóvel apanhado e esmagado, os corpos das crianças torcidos, como os refugiados que vira durante a guerra, na estrada através das dunas na Holanda. Guiou lentamente o resto da viagem e não chegou a tempo de ir buscar Karl ao aeroporto.
Não voltou mais a conduzir sem que, num recanto da memória, evocasse as crianças a acenarem-lhe de dentro do carro e o pai agarrado ao volante. Controle chamaria àquilo.þfebre".
Sentava-se agora sombriamente no seu lugar sobre as asas do avião. A seu lado uma americana, que calçava botas de plástico de saltos altos. Assaltou-o momentaneamente a ideia de lhe passar um bilhete para a sua gente em Berlim, mas logo desistiu. Ela pensaria que estava a tentar um affaire de ocasião. E para quê?
Controle era o responsável pelo curso dos acontecimentos. Não havia nada a dizer.
Perguntava a si mesmo o que lhe iria acontecer. Controle

apenas Lhe falara na técnica: þþNão lhes dê tudo de uma vez. Faça-os trabalhar para o descobrirem. Confunda-os com pormenores; deixe factos por mencionar; negue as suas próprias pistas. Seja impaciente, renitente, difícil. Beba como um odre. Não discuta a ideologia' eles não vão confiar nisso. Querem é lidar com um profissional que compraram, não com um convertido de mente confusa. Acima de tudo eles querem deduzir. O terreno está preparado há muito tempo, através de pequenas coisas, de sugestões difíceis. Você é a última fase na caça ao tesouro. Uma coisa lhe prometo: vale a pena.

Pelo nosso ' interesse especial', Alec. Se esse homem se conservar vivo obteremos uma grande vitória.þ, Tivera de concordar em fazê-lo. Não se pode abandonar a batalha quando todas as lutas preliminares já foram travadas. Mas pensava que não aguentaria a tortura.

Era quase noite quando aterraram em Tempelhof. Leamas viu as luzes de Berlim Ocidental erguerem-se, como se viessem ao seu encontro, e sentiu o baque do avião a tocar no solo. Por instantes receou que algum antigo conhecimento o reconhecesse no aeroporto.

Porém, assim que atravessou, com Peters, a alfândega e a verificação da imigração e nenhum rosto familiar se voltou para o cumprimentar; compreendeu que a sua preocupação fora de facto esperança: esperança de que, de qualquer maneira, a sua decisão de ir para Leste fosse incidentalmente revogada.

Dirigiam-se para a saída principal quando, subitamente, Peterþ mudou de direcção, conduzindo Leamas para uma saída lateral que dava para um parque de estacionamento. Peters hesitou sob a luz da porta, depois pousou no chão a pasta, retirou deliberadamente o jornal de debaixo do braço, meteu-o no bolso esquerdo da gabardina e pegou outra vez na pasta. Imediatamente no parque de estacionamento brilharam dois faróis de um automóvel, que logo se extinguiram.

- Venha - disse Peters, dirigindo-se rapidamente para o parque de estacionamento.

Ao chegarem à primeira fila de automóveis a porta da retaguarda de um Mercedes abriu-se e acendeu-se a luz do interior.

Peters dirigiu-se rapidamente para o carro, trocou algumas palavras em voz baixa com o motorista e depois chamou por Leamas, que se mantinha uns metros atrás.

- Está aqui o carro. Despache-se.

Leamas entrou e sentou-se junto de Peters no banco da retaguarda. O automóvel arrancou e ultrapassou um pequeno DKW em que seguiam dois homens. Vinte metros adiante, na estrada, um homem falava ao telefone, numa cabina. E enquanto os via passar, não deixava de falar. Olhando para trás, Leamas teve a certeza que o DKW os seguia. Pensou: uma autêntica recepção.

O automóvel seguia muito lentamente. Leamas, as mãos pousadas nos joelhos, olhava em frente. Era a sua última oportunidade -- sabia-o bem. Da maneira como estava sentado podia atingir com o lado da mão direita a garganta de Peters e esmagar-lhe a zona proeminente do tórax. Poderia então sair e desatar a correr, ziguezagueando para evitar as balas do automóvel que os seguia. Havia pessoas em Berlim que o abrigariam. Poderia safar-se.

Não se mexeu.

Atravessar a fronteira do sector foi mais fácil do que Leamas supusera. Durante cerca de dez minutos vaguearam sem destino, no sector oeste, e Leamas calculou que deveriam atravessar a uma hora previamente estabelecida. Depois, quando

se aproximaram da fiscalização do tráfico da Alemanha Ocidental, o DKW ultrapassou-os com um ensurdecedor ruído do motor e parou no posto da polícia.

O Mercedes esperava alguns metros atrás. Decorridos dois minutos o varão vermelho e branco ergueu-se para deixar passar o DKW, e ambos os automóveis atravessaram, o Mercedes agora em segunda, o motorista recostado no assento segurando o volante de braços estendidos. Os varões do posto de fiscalização do sector leste já estavam erguidos, e ambos os automóveis passaram, sem se deter, pelos vopos. Decorridos alguns minutos o DKW desapareceu; mas embreve Leamas o avistou de novo atrás deles. Seguiam agora a maior velocidade.

- Para onde vamos? - perguntou Leamas a Peters.

- Já cá estamos. República Democrática Alemã.

- Julgava que íamos mais para leste.

- E vamos, mas primeiro temos de passar um ou dois dias aqui.

Pensámos que os Alemães deviam conversar consigo. Afinal de contas, a maior parte do seu trabalho foi feita na Alemanha.

Enviei-Lhes pormenores das suas declarações.

- E eles pediram para me ver?

- Nunca tiveram nada como você. Nunca nada tão perto da..

fonte. A minha gente concordou em que lhes era devida a oportunidade de se encontrarem consigo.

- E quem é que eu vou ver?

- Isso tem alguma importância?

- Não especialmente. Conheço a maior parte das pessoas do Abteilung de nome, mais nada. Só estava a pensar.

- Quem é que você espera encontrar?

- Jens Fiedler - respondeu Leamas prontamente -, chefe da Contra-Espionagem. _ o homem de Mundt. Ouvi falar dele. Faz todos os interrogatórios importantes. Apanhou um dos agentes de Peter Guillam e quase o matou.

- A espionagem não é um jogo de cricket - observou Peters em voz sombria.

.þEntão é Fiedlerþ,, pensou Leamas.

Leamas conhecia bem Fiedler das fotografias no arquivo e dos relatórios de Karl, um homem aprumado, esbelto, ainda jovem, de cabelo escuro e olhos castanhos vivos, inteligente e selvagem.

Corpo flexível, rápido, e espírito paciente e retentivo; um homem que parecia destituído de ambições para si próprio mas inexorável na destruição dos outros. Fiedler era uma raridade no Abteilung - não participava nas intrigas, não pertencia a nenhuma facção e parecia contente por viver à sombra de Mundt, sem perspectivas de promoção. Era um solitário: temido, odiado, respeitado. Fossem quais fossem os seus motivos, ocultava-os sob a capa destrutiva do sarcasmo.

þþFiedler é a nossa melhor apostaþ,, explicara Controle, numa ocasião em que conversavam depois do jantar, Leamas, Controle e Peter Guillam, na sombria casa de Controle no Surrey.

þþFiedlec é o acólito que um dia há-de apunhalar o alto-sacerdote pelas costas. E o único que pode desafiar Mundt.þþ Guillam concordara com um aceno de cabeça. þ.E odeia-o. Fiedler é judeu e Mundt continua a ser, de base, um nazi. Não se pode chamar uma boa mistura. Temo-nos encarregaþoþþ, declarou apontando para Guillam e para si próprio, -V nUIIlGll1 cuþ.vun,u claro, porque nunca há-de encontrar-se com Fiedler. Pelo menos espero que não. ,þ Na

altura aquele comentário soou como uma boa a porta aþrtaþ t ve?
piada, pelo menos pelos padrões de Controle, e todos riram.
- Já cá es e - perguntou Leamas.
- Já - respondeu Peters. - Por várias vezes. Para coisas deste þþDEvE passar da meia-noiteþþ, calculava agora Leamas.
Durante géneroþom Fiedler?
algum tempo haviam percorrido uma estrada não alcatroada em Sim.
parte através de uma floresta e em parte em campo aberto. Agora - Ele é bom neste serviço paravam, e no momento seguinte o DKW estacionava ao lado deles peters encolheu os ombros.
Quando ele e Peters se apearam, Leamas reparou que havia agora - Para um alemão não é mau - retrucou.
três homens no segundo automóvel. Dois já estavam a sair.
Ouvindo um ruído, Leamas voltou-se e viu Fiedler na soleira da O terceiro, sentado no assento traseiro, verificava uns papéis à luz do automóvel: uma figura indistinta, metade na sombra. þ Segurava uma garrafa de whiskey numa das mãos e copos na Tinham estacionado junto de uma casa de quinta baixa, com paredes de madeira e tiþolo coberto de cal; anexa às traseiras do oþþa. Não teria mais de um metro e sessenta de altura.
Vestia um edifício, uma imitação de barraca de campanha. Lá no alto, a Lua þ fato azul-escuro com o casaco comprido de mais. Era suave como brilhava com tal intensidade que as colinas arborizadas se recortavam um ¥ lin olhava para eles, mas para o guarda postado junto à porþ.
nitidamente contra o céu nocturno. Encaminharam-se para casa, - Vá-se embora - ordenou. - E diga ao outro que nos traga Peters e Leamas precedendo os dois homens. O terceiro homem permanecia imóvel no DKW. de comer. -, mas não nos trouxeram Quando chegaram à porta, um dos homens puxou de um molho - Já lhes disse - interferiu Petersde chaves, enquanto o outro permanecia à parte, as mãos enfiadas nada. São uns snobes - observou secamente Fiedler em inglês. -- nos bolsos, protegendo o companheiro.
Acham que devíamos tþr criados para nos servirem de comer.
- Não correm risco - observou Leamas a Peters. - Quem Fiedler passara a guerra no Canadá. Agora que se apercebia do pensam eles que eu sou ; seu sotaque, Leamas recordava esse pormenor. Os pals, judeus - Não lhes pagam para pensar - retrucou Peters e, voltando-se eþgiad istas, só em 1946 haviam regre os e marx ssado à para um dos homens, perguntou em alemão: - Ele não vem?
alemãþs r sos r tomar parte na construção O alemão encolheu os ombros e olhou para trás, fixando o pátria, ansio po da Alemanha de automóvel. Estaline. Leamas, como que numa saudação - Já vem. Gosta de vir sozinho. - Olá - disse Fiedler aA casa, mobilada como um albergue de caça, cheirava a mofo, casual. - Prazer em vê-lo.
- Olá, Fiedler.
como se tivesse sido aberta só para aquela ocasião. Havia, contudo, - Vþê chegou ao fim da viagem.
aqui e ali, pequenos sinais de operacionalidade, um aviso com as - Que diabo quer dizer? - perguntou Leamas rapidamente.
medidas a tomar em caso de incêndio, a institucional pintura verde q nas portasþ e na sala, bastante confortável, móveis pesados e escuros - Quero dizer que contrariamente ao

que Peters lhe disse não e as inevitáveis fotografiaþ dos dirigentes soviéticos.
vai mais para leste. Desculpe. --Parecia divertido. Leamas voltou-se para Peters: Peters e Leamas sentaram-se e esperaram cerca de dez minutos. - _ verdade? - A voz tremia-lhe de raiva. - Diga-me!
Depois Peters dirigiu-se a um dos dois homens desajeitadamente postados no outro extremo da sala: Peters assentiu: . Tivemos de fazer assim: Desculpe.
- Eu sou o intermediário -Vá dizer-lhe que estamos à espera. E traga-nos alguma coisa - porquê?
para comer; temos fome. majeur - declarou Fiedler. - O seu interrogatório - Force inicial teve lugar no Ocidente, onde só uma embaixada podia providenciar as necessárias facilidades de comunicação. A República Democrática Alemã não possui embaixadas no Ocidente. Ainda não, - Filho da mãe - sibilou Leamas. - Você sabia que eu não confiaria nos seus podres Serviços. Por isso se serviu de um russo.
- Servimo-nos da Embaixada Soviética na Haia, mas a par disso a operação era nossa. Nem nós nem ninguém poderia supor que a sua gente em Inglaterra o perseguisse tão depressa e que tivéssemos de o trazer para Leste.
- Não? Nem mesmo quando vocês os lançaram no meu encalço? Não foi o que aconteceu, Fiedler? Você sabia perfeitamente que eu nunca teria vindo até aqui senão obrigado.
þ.Lembre-se sempre que tem de os odiar", dissera-lhe Controle.
þ.Para eles valorizarem o que conseguirem saber de si.þþ
- Isso é uma sugestão absurda - replicou Fiedler secamente.
Depois, fitando Peters, disse-Lhe algumas palavras em russo.
Peters acenou afirmativamente e ergueu-se.
- Adeus - disse a Leamas. - Boa sorte.
Sorriu vagamente, dirigiu um aceno a Fiedler e encaminhou-se para a porta. Já no limiar, voltou-se e dirigiu-se de novo a Leamas: - Boa sorte.
Mas Leamas parecia não o ouvir. Empalidecera e mantinha as suas mãos cruzadas sobre o corpo, os polegares erguidos, como se preparado para lutar. Peters permanecia à porta.
- Eu devia ter sabido - disse Leamas, a voz distorcida pela cólera - que você nunca teria coragem para fazer o seu sujo trabalho, Fiedler. Típico do seu putrefacto meio-país e dos seus imundos servicinhos de espionagem contratarem o Poderoso Tio para operar em vosso lugar. Vocês não são sequer um país, não são sequer um governo são uma ditadura de quinta classe de políticos neuróticos. - De dedos espetados para Fiedler, gritou: Conheço-te, meu sádico! Estiveste no Canadá durante a guerra, não foi? Um sítio seguro, não era? E que és tu agora? Um rastejante acólito de Mundt com vinte e duas divisões russas para te protegerem.
Tenho dó de ti, Fiedler, pelo dia em que acordares e elas não tenham desaparecido. Então haverá mortes, e o Poderoso Tio não evitará que apanhes o que mereces.
Fiedler olhou para os seus dedos finos e fortes.
- Essa sua indignação parece-me ridícula. Afinal. . . - a voz adoçara-se-lhe - o seu comportamento, do ponto de vista purista, não tem sido irrepreensível.
Leamas observava Fiedler com uma expressão de repugnância.
- Dizem que você quer o lugar de Mundt. Penso que o vai conseguir agora. Era tempo de acabar a dinastia de Mundt, não?

- Não compreendo - retorquiu Fiedler.
- Eu sou o seu grande êxito, não sou?
Por um instante, Fiedler pareceu reflectir; depois encolheu os ombros e disse: - A operação foi bem sucedida. Se você vale ou não a pena é discutível. Veremos. Mas a operação satisfez a única exigência da nossa profissão : resultou.
- E você goza do crédito? - insistiu Leamas, relanceando Peters, que se mantinha no limiar da porta.
- Não é uma questão de crédito - retorquiu Fiedler rispidamente. Sentou-se no braço do sofá e fixou Leamas com ar cismador. - Você tem o direito de estar indignado por uma coisa.
Quem disse à sua gente que o tínhamos apanhado? Pode não me acreditar, mas não fomos nós. E de certo não foram Ashe nem Kiever, uma vez que quer um quer outro seriam presos se. . .
- Seriam presos?
- Parece que sim. Não especificamente pelo trabalho que dedesempenharam no seu caso, mas havia outras coisas..
- Bem, bem. . .
- _ verdade o que acabo de lhe dizer. Tínhamos ficado contentes com mais informações da Holanda através de PeterS. Mas você ainda não nos tinha dito tudo; e eu quero saber tudo.
Fez-se um silêncio durante o qual Peters, com um aceno abrupto e pouco amistoso na direcção de Fiedler, abandonou silenciosamente a sala.
Fiedler agarrou na garrafa e deitou um pouco de whiskey em cada copo.
- Desculpe, mas não temos soda. Quer água?
- Olhe, vá para o inferno! - explodiu Leamas.
Subitamente sentia-se exausto.
Fiedler abanou a cabeça.
- Você é um homem muito orgulhoso - observou. - Mas não importa. Jante e deite-se.
Um dos guardas entrara com um tabuleiro com uma refeição: pão escuroþ salsichas e salada.
- Um pouco frugal - comentou Fiedler -, mas satisfaz. Não há batatas. Há falta de batatas, agora.
Depois os guardas conduziram Leamas ao quarto. Carregando a sua bagagem, Leamas seguiu entre os dois homens ao longo do largo corredor central da casa. Chegaram a uma porta que um dos guardas abriu, fazendo sinal a Leamas para o preceder. Leamas encontrou-se numa pequena cela com dois beliches, como numa prisão. Viam-se reproduções de mulheres suspensas nas paredes e as janelas eram protegidas por venezianas. Ao fundo do quarto havia outra porta.
Fizeram-lhe sinal para avançar. Ele pousou a bagagem no chão e abriu a segunda porta. O segundo quarto era idêntico ao primeiro, mas tinha apenas uma cama e as paredes estavam nuas.
- Tragam-me essas malas - disse. - Estou cansado.
Deitou-se na cama vestido e decorridos alguns minutos adormecia.
UMA sentinela acordou-o com o pequeno-almoço: pão escuro e um substituto de café. levantou-se e foi até à janela.
A casa ficava situada no cimo de uma colina. Sob a janela desdobrava-se um pinhal que descia a pique até ao vale. Para além, numa espectacular simetria, colinas sem fim percebiam-se à distância, pesadas de faias e de pinheiros. Aqui e ali um tronco cortado em pranchas ou uma clareira onde se acendera uma fogueira formavam uma breve divisória castanha entre os pinheiros. Não havia indícios de ocupação humana, nem casas, nem uma igreja - só a estrada, uma estrada amarela e suja,

como uma linha traçada a crayon, ao longo da bacia do vale. O silêncio era total.

Parecia incrível que um espaço tão vasto pudesse ser tão sossegado. O dia estava frio mas límpido, e toda a paisagem se recortava tão nitidamente contra o céu branco que Leamas conseguia mesmo distinguir cada uma das árvores das colinas mais distantesþVestiu-se lentamente, ao mesmo tempo que bebia o þcafé ácido.

preparava-se para começar a comer o pão quando Fiedler entrou no quarto.

- Bom dia - disse ele em tom jovial. - Continue o seupequeno-almoço. - Sentou-se na cama. - Você presenteou-nos com um problema intrigante.

- Contei-lhes tudo quanto sabia.

- Ah, isso não - Fiedler sonxa. - Contou-nos tudo quanto sabe conscientemente.

- Dedução inteligente! - murmurou Leaniþ, pondo de lado o tabuleiro.

- Deixe-me fazer-lhe uma pergunta - sugeriu Fiedler com a exagerada bonomia de alguém que propõe um jogo de sala. - Como experimentado agente de espionagem que é, que faria com as informações que nos deu?

- Mas a que informações se refere?

- Meu caro Leamas, você só nos deu uma peça de verdadeira espionagem. Contou-nos de Riemeck; já sabíamos de Riemeck.

Contou-nos da sua organização em Berlim, das suas personalidades e dos seus agentes. Isso, por assim dizer, é uma velha história.

Correcta. . sim. Bom material colateral; de vez em quando, um peixinho que poderemos pescar no lago. Mas, desculpe a franqueza, nada que valha quinze mil libras.

- Escute - interrompeu Leamas - Não fui eu quem prop"s essa quantia, foram vocês. Vocês estabeleceram o preço e correram o risco. Por isso não me acusem se a operação for um fracasso.

þ.Deixe sempre que sejam eles a vir ter consigoþ,, pensava - Não é um fracasso - replicou Fiedler. -1á lhe disse que nos deu uma peça de espionagem. Refiro-me à Pedra Rolante.

Que faria você se eu ou Peters lhe contássemos uma história semelhante?

Leamas encolheu os ombros.

- Ficaria pouco à vontade - respondeu. - Já tem acontecido.

Obtém-se uma indicação, várias talvez, de que há um espião num determinado departamento ou a um certo nível. E então? Não se pode prender todo um serviço governanienþ ou armar ratoeiras a todo um departamento. _ preciso esperar. Relativamente a Pedra Rolante, nem sequer se pode dizer em que país esse agente está a trabalhar.

- Você, Leamas, é um homem de acção - observou Fiedler com uma gargalhada. - Não um avaliador. Isso é mais que claro.

Deixe-me fazer-lhe algumas perguntas elementares.

Leamas permaneceu silencioso.

- O daþssier, o verdadeiro dossier da operação Pedra Rolante, de que cor era?

- Cinzento com uma cruz vermelha, o que significa subscrição limitada, circulação circunscrita.

- Havia alguma coisa apensa ao dossier?

- Havia. Uma lista e um aviso dizendo que qualquer pessoa não nomeada na lista, a quem o dossier fosse ter às mãos, devia devolvê-lo imediatamente à Secção Bancária, sem o abrir.

- Quem figurava nessa listá da Pedra Rolante?
- O pessoal assistente de Controle, Controle, a secretária de Controle, eu próprio, da Secção Bancária, Miss Bream, do Registo Especial, e Satéhtes Quatro. Penso que era tudo.
- Satélites Quatro? Que fazem lá?
- Países da Cortina de Ferro, excluindo a União Soviética e a China. Inclui a Zona.
- Quer dizer: a República Democrática Alemã?
- Quero dizer o que nós chamamos a Zona.
- Não é estranho que toda uma secção esteja em tal lista?
- Não sei. Nunca tinha tratado com assuntos de subscrição limitada. Excepto em Berlim, claro. Mas lá era diferente.
- Quem estava, na altura, em Satélites Quatro?
- Oh, diabo. . . Guillam. . Haverlake, De Jong, creio. De Jong acabara de chegar de Berlim.
- Todos tinham autorização de ver esse dossier?
- Não sei, Fiedler - retorquiu Leamas, numa voz que denotava irritação.
- Não é estranho que toda uma secção, Satélites Quatro, estivesse na lista de subscrição, enquanto o resto dos membros da lista eram pessoas individuais?
- Já Lhe disse que não sei. Como podia eu saber? Eu não passava de um empregado dentro daquilo tudo.
- Quem levava o dossier de um dos elementos da lista para outro?
- Secretárias, suponho. Não me lembro. Já lá vai um mês..
- Então porque não estavam as secretárias na lista? A secretária de Controle estava.
Seguiu-se um momento de silêncio.
- Não, tem razão. Lembro-me agora. - Havia uma nota de surpresa na voz de Leamas. - Entregávamo-lo em mão. Antes de num era uma das mulheres da Secção Bancária quem o entregava, mas depois fui eu que me encarreguei disso.
- Então na sua secção só você passava o dossier à pessoa que o devia ler?
- Sim. Creio que sim.
- A quem o passava?
- Não me lembro.
- Pense !
Embora Fiedler não tivesse erguido a voz, esta continha umasúbita nota de urgência que surpreendeu Leamas.
- Ao assistente pessoal de Controle, parece-me, para mostrar asmedidas que tínhamos tomado ou recomendado.
- Quem lhe trazia o dossier a si?
Os dedos de Leamas tocaram a face num gesto involuntariamente nervoso.
- _ difícil lembrar-me, Friedler. Bebia muito nesse tempo.
O tom da sua voz era estranhamente conciliatório.
- Repito a pergunta. Pense. Quem lhe trazia o dossier?
Leamas sentou-se à mesa e sacudiu a cabeça.
- Não consigo lembrar-me. Não consigo mesmo. Talvez ainda me venha à ideia. Não vale a pena estar a esforçar-me agora.
- Não podia ser a secretária de Controle pois não? Você tornava sempre a entregar o dossier ao assistente de Controle.
Foi o que disse. Portanto toda essa gente da lista o devia ver antes de Controle.
- Sim, creio que sim.
- Depois há o Registo Especial: Miss Bream.
- Era apenas a chefe da secção de arquivo dos dossiers

que não estavam em serviço.
- Então - sugeriu Fiedler em voz suave - devia ser Satélites Quatro quem lhe trazia o dossier, não acha?
- Sim, creio que sim - replicou Leamas numa voz desamparada como se não se sentisse à altura da competência de Fiedler.
Lembra-se de quem lho trazia dos Satélites Quatro? Oú ia você lá buscá-lo?
Desesperado, Leamas abanou a cabeça. Depois, subitamente, gritou: - Sim! Sim, ia! la buscá-lo a Peter!
Leamas parecia ter despertado; a excitação ruborizara-Lhe o rosto.
- _ exactamente isso. Uma vez fui buscar o dossier ao gabinete de Peter. Conversámos sobre a Noruega. Ambos tínhamos lá trabalhado.
- Peter Guillam?
- Sim, Peter. Tinha-me esquecido. Ele tinha voltado de Ankara uns meses antes. Estava na lista! Era Satélites Quatro e P.G., são as iniciais de Peter.
- Em que área trabalhava Peter?
- A þZona: Alemanha Oriental. Assuntos de natureza económica. Chefiava uma pequena secção de investigação e avaliação: Uma coisa secundária. Nessa altura não tinha agentes, por isso nem percebo bem como entrou nisso.
- Não discutiu o caso com ele?
- Não. Esses dossiers eram tabu. Nunca havia discussões.
- Mas tendo em conta as complexas medidas de segurança que protegiam Pedra Rolante, não é possível que a tal investigação de Guillam envolvesse a superintendência parcial desse agente que vocês chamavam Pedra Rolante?
- Já disse a Peters - Leamas quase gritava, enquanto batia o punho na mesa - que é pura estupidez imaginar que pudesse existir qualquer operação contra a Alemanha Oriental sem o meu conhecimento, sem o conhecimento da organização de Berlim. Quantas vezes é preciso repetir isto? Eu teria sabido!
- Compreendo - anuiu Fiedler serenamente. - Claro que teria sabido. - Levantou-se e aproximou-se da janela. - Devia ver isto no Outono - disse, olhando para fora. - _ magnificente quando as faias perdem as folhas.
lz þ.FþE'rE5 OU HCLIPS.
NESSA tarde Fiedler e Leamas foram dar um passeio, seguindo por um carreiro de cascalho até ao vale e penetrando depois na floresta ao longo de um caminho largo bordejado de troncos abatidos.
Durante todo o tempo Fiedler interrogou-o. Sobre o edifício do Circo de Cambridge e as pessoas que nele trabalhavam. De que estrato social provinham? Em que zonas de Londres viviam? Interrogou-o sobre os seus ordenados, a sua conduta moral, a sua vida sentimental, o que coma a seu respeito, a sua filosofia. Acima de tudo, interrogou-o sobre a filosofia deles. Para Leamas eram estas as perguntas mais difíceis.
- Que quer dizer com filosofia? - replicou. - Não somos marxistas. Não somos nada. Somos gente.
- O que os leva a fazer este trabalho, então? - insistiu Fiedler. - Tem de ter uma filosofia.
- Porquê? Nem toda a gente tem uma filosofia - respondeu Leamas levemente desanimado.
- Mas então como justificam eles o seu trabalho? Para nós é icil. O Abteilung é para o Partido Comunista o que o Partido é para socialismo; somos a sua vanguarda na luta pela

paz e pelo progresso, dizia Estaline. - Sorriu secamente. - Não é moderno citar Estaline, mas ele disse uma vez: þþMeio milhão liquidado é uma estatística, e um homem morto num acidente de viação é uma tragédia nacional." Estaline ria-se, como vê, das sensibilidades burguesas. Era um grande cínico. Mas o que ele queria dizer é verdade: um movimento que se autoproteger da contra-revolução dificilmente pode parar com a eliminação de alguns indivíduos. Todo þ nosso trabalho (o seu e o meu) tem as suas raízes na teoria de que o Codo é mais importante do que o individual. Não foi um romano que disse, na Bíblia Cristã, que era vantajoso um homem morrer pelo benefício de muitos?

- Acho que sim - replicou Leamþ em tom cansado.

- Então que é que você pensa? Qual é a sua filosofia?

- Eu penso que todos vocês são uma escória - replicou Leamas rudemente.

Fiedler acenou com a cabeça.

- _ um ponto de vista que eu compreendo. Primitivo, negativo e muito estúpido, mas é um ponto de vista. Existe. E quanto ao resto do Cúco?

- Não sei - hesitou e depois acrescentou vagamente: - Creio que eles não gostam do comunismo.

- Isso justifica a vossa percentagem de agentes eliminados etc.þ Leamas encolheu os ombros: - Penso que sim. Temos de nos defender a nós próprios, não é verdade?

- Mas vocês acreditam na santidade da vida humana. Acreditam que cada homem tem uma alma que pode ser salva. Acreditam no sacrifício. Bem - Fiedler sorria -, eu gosto dos Ingleses. Falava como se para si próprio. - O meu pai também. Gostava muito dos Ingleses.

- Isso para mim é consolador - replicou Leamas, caindo depois no silêncio.

Estavam no meio da floresta, que começava agora a subir a piqué. Leamas, que apreciava o exercício caminhava à frente com passos largos; os ombros inclinados. Fiedler seguia-o leve e ágil como um terrier. Deviam estar a caminhar há uma hora ou mais quando de repente as árvores se abriram sobre eles e surgiu o céu.

þ Tinham chegado ao cume de uma pequena colina e, olhando parabaixo, contemplaram uma massa sólida de pinheiros e de faias. Do outro lado do vale, Leamas divisou a casa e a barraca, alcandorada na colina fronteira. A meio da clareira havia um banco místico junto de uma pilha de troncos e os vestígios húmidos de uma fogueira þ carvão.

- Vamo-nos sentar um bocado - prop“s Fiedler - e depois voltamos para casa. - Calou-se. - Diga-me: esse dinheiro, essaþ importantes somas depositadas em bancos estrangeiros. . . em sua opinião a que se destinavam?

- Já lhe disse. Pensava que eram pagamentos para um agente por detrás da Cortina de Ferro.

- Porque pensava isso?

- Primeiro porque eram grandes quantias em dinheiro. Depois pelas invulgares medidas de segurança. E, claro, Controle metido no caso.

- Que lhe parece que o agente fazia com ó dinheiro?

- Olhe, já lhe disse, nem sequer sabia se ele chegava a levantá-lo.

- Que fazia você com as cadernetas de crédito?

- Entregava-as logo que regressava a Londres.

- E você sabe se alguma vez os bancos de Copenhaga ou de Helsínquia lhe escreveram para Londres, isto é, para o seu

pseudónimo?
- Não sei. Creio que quaisquer cartas dessas teriam sido directamente entregues a Controle.
- E as assinaturas falsas que você usava para abrir as contas. . .
Controle tinha uma cópia delas?
- Tinha. Eu treinava-as muitas vezes e no gabinete de Controle havia cópias. .
- Compreendo. Então podiam ter seguido cartas para os bancos depois de você ter aberto as contas. E você não precisava de saber.
As assinaturas podiam ser falsificadas.
- Exacto. Penso que era o que acontecia. Também assinei uma porção de folhas de papel em branco.
- Mas de facto você não sabia de tal correspondência.
Leamas abanou a cabeça.
- Você está a sobrevalorizar esta situação. Em toda a minha vida trabalhei sempre sabendo apenas uma pequena parte do todo, que era sempre outro que conhecia integralmente. Vivia rodeado de papéis e não permanecia todo o dia sentado à secretária a pensar em Pedra Rolante. Além disso - acrescentou - nesse tempo bebia bastante.
- Você já disse isso. Mas lembrei-me - continuou Fiedlerque, mesmo assim, podia ajudar-nos a saber se algum desse dinheirochegou a ser levantado escrevendo para cada um dos bancos e pedindo um extracto da conta. Podíamos dizer que estava na Suíça e usar uma direcção que escolhêssemos. Tem alguma objecção a opor a isto?
- Pode resultar. Depende se Controle se tem ou não correspondido independentemente com o banco usando a minha assinatura forjada. Podem surgir discrepâncias entre esse pedido e quaisquer que tenham sido as suas instruções.
- Não me parece que tenhamos muito a perder.
- E que quer ganhar?
- Se o dinheiro foi levantado saberemos onde o agente estava num determinado dia. Acho que poderia ser extremamente útil sabê-lo.
- Está a sonhar. Em que é que lhe adianta? Você ne quer sabe se o homem está na Alemanha Oriental.
Fiedler contemplava o vale.
- Você diz que está habituado a saber só um pouco, e eu não posso responder à sua pergunta sem lhe dizer o que você não deve saber. - Hesitou. - Mas Pedra Rolante era uma operação contra a República Democrática Alemã. - Sorriu. - A Zona, se prefere.
Não sou assim tão sensível.
Leamas observava agora Fiedler, os seus olhos castanhos pensativamente pousados nos dele.
- E eu? - perguntou. - Suponhamos que eu não escrevo as cartas? - A voz dele exaltava-se. - Não será altura de falar de mim, Fiedler?
Fiedler acenou afirmativamente.
- E porque não? - replicou em tom simpático.
Após uns instantes de silêncio, Leamas disse:- Fiz a minha parte, Fiedler. Você e Peters sabem tudo o que eu sei. Nunca concordei em escrever cartas para bancos; podia ser extremamente perigoso, embora isso não o preocupe bem sei.
Para si, não passo de um recurso que pode ser sacrificado em qualquer altura.
- Ora deixe-me ser franco - returquiu Fiedler. - Há, como sabe, duas fases no interrogatório de um desertor. A primeira

fase, no seu caso, está quase completa: deu-nos o que lhe parece importante. Não nos disse se os seus Serviços preferem alfinetes ou clips para os papéis porque não lho perguntámos e porque não considerou a informação importaþte. Em ambas as partes existe um processo de selecção inconsciente. Ora é sempre possível (e é este o aspecto mais desagradável, Leamas que dentro de um ou dois meses precisemos, inesperada e desesperadamente, de saber pequenas coisas aparentemente destituídas de importância: alfinetes ou clips. _ este, de modo geral, o âmbito da segunda fase: a parte do negócio que você se recusou a aceitar na Holanda.

- Quer dizer que me vai p“r na reserva?

- A profissão de desertor - observou Fiedler com um sorriso - exige grande paciência.

- Quanto tempo? - insistiu Leamas Fiedler permaneceu silencioso. - Então?

Fiedler falou com uma súbita urgência: - Dou-Lhe a minha palavra de que, logo que puder, respondo a essa sua pergunta. Olhe, podia mentir-lhe; podia dizer-Lhe um mês ou menos, so para o alegrar. Mas estou a dizer-lhe que não sei porque é verdade. Você deu-nos algumas pistas. Até as termos explorado, não o posso dispensar. Mas depois, se as coisas correrem como penso, você há-de precisar de um amigo, e esse amigo serei eu. Dou-lhe a minha palavra de alemão.

Leamas ficou tão abalado que por um momento permaneceu em silêncio.

- Muito bem - disse finalmente. - Eu vou entrar no jogo, Fiedler, mas se você me estiver a enganar quebro-lhe o pescoço.

- Isso não há-de ser necessário - replicou Fiedler calmamente.

Um homem que desempenha um papel, não só diante dos outros mas mesmo quando está só, fica exposto a perigos e tentações.

Em si a prática do logro não é especialmente exigente; é uma questão de experiência e de habilidade profissional. Mas enquanto um vigarista, um actor ou um jogador podem descansar após uma actuação, o agente secreto não pode. Tem de se proteger não só de fora como de dentro, e contra o mais natural dos seus impulsos. Embora ganhe uma fortuna, o seu papel pode proibi-lo de comprar uma gilette; embora seja um marido e pai afectuoso, tem de se retrair perante aqueles em quem naturalmente confiaria.

Assim, mesmo quando estava só Leamas obrigava-se a viver a personalidade que assumira. As qualidades que exibia perante Fiedler - a incerteza inquieta, a arrogância a disfarçar a vergonha -- mantinha-as fielmente sempre que se encontrava só; o mesmo acontecia com o leve arrastar dos pés, a negligência pessoal, a indiferença pela alimentação e o gosto pelo álcool: Até exagerava um pouco esses hábitos, resmungando consigo mesmo sobre as iniquidádes do seu serviço. Só muito raramente como agora, ao ir para a cama, se permitia o luxo perigoso de admitir a grande mentira que estava a viver.

Controle acertara fenomenalmente. Fiedler dirigia-se, como um sonâmbulo, para a rede que Controle Lhe armara. Era estranha acrescente identidade de interesses entre Fiedler e Controle: eá como se ambos tivessem concordado com o mesmo plano e Leamas tivesse sido enviado para os ajudar a realizá-lo. dl fosse o þþin Talvez fosse essa a resposta. Talvez Fie interesse especialþþ que Controle tão desé pe ádam nþ 1 þva þþeprp_d þþþs ansiava por que assim esse regressar à

pátria.

## 13 CARTA A UM CLIENTE

LAMAS estava ainda na cama no dia seguinte de manhã quando Fiedler lhe trouxe as cartas para assinar. Uma estava escrita no papel fino e azul do Seiler Hotel Alpenblick Lago Spiez, Suíça; a outra era procedente do Palace Hotel, Gstaad. A primeira era dirigida ao gerente do Banco Real da Escandinávia, Copenhaga:Ex. mo Senhor: Estou há algumas semanas em viagem e ainda não recebi correio de Inglaterra. Consequentemente, não recebi resposta à minha carta de 3 de Março em que pedia um extracto da conta que tenho conjuntamente com Herr Karlsdorf. Pedia-lhe que me enviasse uma cópia do extracto para Avenue des Colombes, n." 13, Paris, XII, França, onde prmanecerei durante duas semþþApresento as miþ>þ desculpas por esta confusão.

I)e V. Ex.a Muito atenciosamente, Robert LanB- Que é isso da carta de três de Março? - perguntou Leamas. - Não lhes escrevi nenhuma carta.

- Claro que não. E o banco vai ficar preocupado. Se houver qualquer discrepância entre a carta que þnó enþ þ 1 gþþ de q que eles tenham recebido de Con , g confusão se deve ao extravio da carta de três de Março. A reac ão deles será mandar-lhe o extracto da conta, conforme você pede, lamentando não terem recebido a carta do dia três.

A segunda carta era igual à primeira; só os nomes diferiam.

O endereço de Pacis era o mesmo. Leamas pegou numa folha de papel em branco e na sua caneta e escreveu meia dúzia de vezes; þþRobert Lang", após o que assinou a primeira carta.

Inclinando a caneta para trás, praticou a outra assinatura, após o que assinou þþStephen Bennett" na segunda carta.

- Admirável - observou Fiedler. - Admirável mesmo.

- E que vamos fazer agora?

- As cartas são postas no corneio na Suíça amanhá, e a nossa gente em Paris telegrafa-me as respostas logo que cheguem.

I)e¤þ-þ de uma semana devemos ter respostas.

- E até lá?

- Permaneceremos na companhia um do outro. Sei que para si é desagradável, mas peço desculpa.þ Podemos dar passeios, tanto a pé como de carro, pelas colinas. Quero que você se ponha à vontade e fale sobre o Circo de Cambridge. Conte-me das conversas, dos ordenados, das férias, das salas, das pessoas. Os alfinetes e os clips dos papéis. Eventualmente.. - E mudando de tom: - Temos aqui facilidades para. . . para diversões, etc.

- Está a oferecer-me uma mulher? - perguntou Leamas: - Se assim é, obrigado, mas não quero.

Fiedler aproveitou imediatamente a deixa: - Mas você tinha uma mulher em Inglaterra, não tinha?

A funcionária da biblioteca. . .

Leamas voltou-se para ele violentamente: - Nunca mais mencione isso! - gritou. - Nem como piada, nem como ameaça, nem mesmo para me arrancar qualquer confissão, Fiedler, porque não resulta. Nunca mais conseguiria de mim uma única informação durante a minha vida. Comunique a Mundt, ou lá a quem é que lhe encomendou o sermão. Transmita-Lhes o que eu disse.

- Eu digo-lhes - replicou Fiedler -, mas já deve ser tarde.
DEPoIS do almoço foram dar outro passeio a pé. O céu estava escuro e pesado e o ar tépido.
- Só estive uma vez em Inglaterra - observou casualmente Fiedler. - Foi a caminho do Canadá, com os meus pais, antes da guerra. Estive quase para lá voltar há uns anos. la substituir Mundt na Missão de Aço. Continuo a perguntar a mim mesmo o que seria esse trabalho.
- Creio que é o costumado jogo de envolvimento com as outras missões do bloco comunista. Algum contacto com os assuntos britânicos. . não muito.
Leamas parecia aborrecido.
- Mas Mundt fez um bom serviço; achou a coisa fácil.
- Ouvi dizer o mesmo - disse Leamas. - Até conseguiu matar umas pessoas.
- Então você soube do caso?
- Contou-me Peter Guillam, que também estava preso com George Smiley. Mundt por pouco matava também George.
- O Caso Fennan - observou Fiedler em tom meditabundo. - - Espantoso como Mundt conseguiu escapar. Custa a crer que um homem cujas fotografias e sinais particulares estavam arquivados no Ministério dos Negócios Estrangeiros, pois era membro de uma missão estrangeira, conseguisse iludir os Serviços Secretos Britânicos.
- Segundo o que ouvi não estavam muito interessados em apanhá-lo - ripostou Leamas Fiedler deteve-se abruptamente.
- Que é que disse?
- Peter Guillam contou-me que não Lhe pareceu que quisessem apanhar Mundt, foi o que eu disse. Tínhamos então uma organização diferente: um conselheuo em vez de um Controle Operacional. Um homem chamado Maston. Masto¤ fez uma trapalhada com o Caso Fennan, desde o princípio. Guillam calculava que se tivessem apanhado Mundt o teriam julgado e provavelmente enforcado e a roupa suja que seria revelada arruinaria a carreira de Maston.
Peter nunca soube muito bem o que aconteceu mas tinha a certeza de que não houve uma perseguição generalizada a Mundt.
- Tem a certeza que Guillam lhe disse isso por essas palavras.
Que não houve uma perseguição generalizada?
- Claro que tenho.
- Guillam nunca sugeriu outra razão para deixarem fugir Mundt?
- Que quer dizer?
Fiedler sacudiu a cabeça, e retomaram o passeio ao longo do carreiro.
- Diga-me mais outra coisa sobre Karl Riemeck - recomeçou Fiedler. - Ele uma vez encontrou-se com Controle, não foi.
- Sim. No meu apartaþento em Berlim, há um ano.
- Porquê?
- Controle adorava comparecer para festejar os êxitos.
Tinhamos conseguido bom material através de Karl, por isso Controle veio a Berlim e pediu-me que Lhe marcasse um encontro com Karl.
- Estiveram os três juntos todo o tempo?
- Nem sempre. Deixei-os sozinhos durante cerca de um quarto de hora. Controle queria ter uma conversa particular com Karl, sabe Deus para quê, por isso aman,lei uma desculpa e saí.
- E sabe o que se passou entre os dois?

- Como podia saber? Nem estava interessado.
- Karl não lhe contou depois?
- Nunca lhe perguntei. Karl era um tipo até certo ponto descarado, sempre a fingir que tinha um trunfo que eu desconhecia. Não gostava do modo como ele se ria de Controle. Que, enfim, bem podia rir-se: foi uma atitude bem ridícula. Se quer que seja franco, rimo-nos os dois, que eu não queria aguçar a vaidade de Karl apoiando a atitude de Controle. Parece que o encontro tinha por fim estimular Karl.
- Então Karl sentia-se deprimido, na ocasião?
- Longe disso. Já estava estragado. Pagavam-lhe demais, apreciavam-no demais, confiavam demais nele. Se não o tivéssemos estragado ele não teria contado a essa maldita Elvira todos os segredos da nossa rede.
Caminharam em silêncio durante algum tempo, até que Fiedler observou: - Estou a começar a gostar de si. Mas há uma coisa que me intriga. _ estranho, uma coisa que não me preocupava antes de me encontrar consigo.
- O que é?
- Porque é que você se passou para o nosso lado? Porque desertou?
Leamas preparava-se para responder quando Fiedler soltou uma gargalhada.
- Penso que não foi uma pergunta muito diplomática, pois não? - perguntou.
PASsþaþ a semana inteira a passear pelas colinas. Ao fim da tarde regressavam a casa, comiam uma refeição pouco cuidada regada por um vinho branco ordinário e sentavam-se horas a fio frente à lareira. Leamas já não se importava com as noites.
Com o ar fresco do dia, o lume e a genebra, falava prontamente sobre os Serviços. Supunha que havia algures um gravador, mas não se preocupava com o facto.
medida que os dias assim se sucediam, Leamas apercebia-se de uma tensão crescente no seu companheiro. Uma vez, ao fim da tarde, saíram no DKW e pararam numa cabina telefónica, onde Fiedler fez uma longa chamada.
Quando regressou, Leamas perguntou-Lhe: - Porque não telefonou lá de casa?
Fiedler abanou a cabeça.
- Temos de ter cuidado - replicou. -Você também tem de ter cuidado.
- Porquê? Que se passa?
- O dinheiro que você pagou no banco de Copenhaga, lembra-se? Escrevemos. .
- Claro que me lembro.
Fiedler não disse mais nada, mas conduziu em silêncio em direcção às colinas. Aí pararam. Abaixo deles, semioculto pelo fantasmagórico patchwork dos pinheiros gigantescos, ficava o ponto de encontro de dois grandes vales. As íngremes colinþþ ^."þnzadas de ambos os lados perdiam gradualmente as suas cores à aproximação do crepúsculo, até se tornarem cinzentas e sem vida com o lusco-fusco.
- Aconteça o que acontecer - disse Fiedler -, não se preocupe. Vai correr tudo bem. - A sua voz era enfática, a sua mão magra descansava no ombro de Leamas. - Pþe ter de se desenvencilhar sozinho por um tempo, mas não muito. Compreende?
- Não. E uma vez que não me quer contar, tenho de aguardar para ver. Não se preocupe muito com a minha pele, Fiedler.
Desviou o braço porque detestava que o tocassem, mas a

mão de Fiedler não o largava.
- Falámos de Mundt - disse Fiedler. - Ele mata primeiro e depois faz perguntas. Um estranho sistema numa profissão onde as perguntas são mais importantes do que os tiros. - Leþþ percebeu então o que o outro Lhe queria dizer. - Um estranho sistema, a não ser que se neZeiem as perguntas - continuou Fiedler num sussurro.
Leamas esperava. Após um momento, Fiedler disse: - Ele nunca fez interrogatórios. Deixava-os sempre para mim.
Costumava dizer-me: þþEu caço-os e você fá-los cantar, Jens; ninguém melhor para isso do que você.., Depois começou a matá-los antes de eles cantarem; um aqui, outro ali. Pedi-lhe: Porque não mos entrega por um mês ou dois? Para que lhe Servem depois de mortos?,þ Sentia que ele tinha preparado a resposta antes mesmo de eu ter feito a pergunta. Dizia que a gente da contra-espionagem era como lobos que chupavam os ossos secos de um cadáver velho.
Tem de se lhes tirar os ossos e levá-los a encontrar uma nova presa.
Compreende-se. Mundt é um bom operador; muito bom. Tem feito maravilhas no Abteilung, você sabe. Mas tem ido longe demais, ultimamente. Porque é que ele matou Viereck? Porque mo tirou?
Viereck era uma presa fresca; tinha muito para nos contar.
Portanto, por que razão é que Mundt o matou? Porquê?
A mão cetrava-se firmemente em torno do braço de Leamas; na escuridão total do carro, Leamas tinha a consciência da intensidade assustadora da emoção de Fiedler.
- Tenho pensado nisto de dia e de noite - continuou Fiedler. - Desde que Viereck foi assassinado, tenho perguntado a mim mesmo o motivo. A princípio parecia-me fantástico. Disse para comigo que estava com ciumes, que o trabalho me estava a obcecar, que via agentes por detrás de cada árvore. Na nossa profissão acabamos por ficar assim. Mas esses argumentos não me serviam de nada, precisava de chegar a uma conclusão. Tinha havido outros casos antes. Leamas, ele tinha medo... medo que apanhássemos um agente que falasse demais!
- Que é que está a dizer? Você está louco!
- Agora faz tudo sentido. Mundt escapou com facilidade da Inglaterra, você mesmo mo disse. E Guillam afirmou que não o queriam apanhar! Porque não? Vou-Lhe dizer a razão: Mundt era o homem deles. Voltara-se contra nós. Apanharam-no, e o preço da sua liberdade foi passar para o vosso lado.
- E eu digo-lhe que você está doido, Fiedler! - A voz de Leamas traía medo. - Ele mata-o se sabe que você imaginou semelhante coisa !
Finalmente a garra da mão de Fiedler no braço de Leamas abrandou.
- Você próprio é que me deu a resposta, Leamas. Por isso precisamos um do outro.
- Não é verdade! - gritou Leamas. - Estou farto de lhe dizer: o Circo não podia dirigi-lo contra a Zona sem o meu conhecimento!
Não era pura e simplesmente viável do ponto de vista administrativo. Você está a tentar dizer-me que Controle dirigia pessoalmente o chefe do Abteilung sem o conhecimento da estação de Berlim.
Perdeu o juízo, Fiedler!
Por instantes nenhum deles falou.
- Esse dinheiro - disse por fim Fiedler - em Copenhaga.

. .
O banco respondeu à sua carta. O gerente está muito preocupado, receando que se tenha verificado algum erro. O dinheiro foi levantado pelo outro detentor da conta exactamente uma semana depois de você o ter depositado. A data do levantamento coincide exactamente com uma visita de dois dias de Mundt à Dinamarca em Outubro.

## 14 O CONVITE

Ele contemplou a carta do Centro do Partido. Tinha de admitir que lhe agradava, mas porque não a haviam consultado antes?

Teria sido a delegação distrital a propor o seu nome ou seria escolha do Centro? Ninguém no Centro a conhecia, tanto quanto sabia mas ocasionalmente encontrara oradores na sua secção.

Talvez o homem das relações culturais se lembrasse dela - um loiro, algo efeminado, de nome Ashe. Convidara-a para um café depois da reunião e fizera-lhe numerosas perguntas sobre si própria. Há quanto tempo estava no Partido? Sentia saudades por viver longe dos pais?

Tinha muitos namorados ou algum especial?

Ashe não lhe interessara, mas a sua palestra na reunião, sobre o Estado Trabalhador na República Democrática Alemã, fora bastante boa. Ele sabia tudo da Alemanha de Leste; parecia ter viajado muito.

Fora ele, tinha a certeza, quem sugerira o seu nome. Não obstante, parecia-lhe uma forma estranha de tratar o assunto, mas o Partido fora sempre bastante secreto. Liz considerava o segredo desonesto mas supunha que se tornava necessário num partido revolucionário. Releu a carta. Começava: þþCara camarada.þ, Liz þ detestava também a palavra þþcamaradaþþ ; parecia-lhe um termo militarista.

Cara camarada: Discutimos recentemente com os nossos cþmþþaþ þ República Democrática Alemã a possibilidade de trocas entre membros dos nossos dois partidos. Fomos amavelmente convidados a enviar cþ þ secretárias de secção com uma boa folha de serviço de acção estim dora de massas a nível de nia. Pedimos portanto ao distrito de Lo nomes de jovens trabalhadoras do Partido que mais pudessem aproveitar da viagem,þ e o seu nome foi-nos proposto.

Cada camarada passará três semanas a assistir a reuniões, a es o progresso socialista, a presenciar directamente a provocação fascista do Ocidente. Será também uma boa oportunidade para as nossas camaradas estabelecerem contacto com secções do Partido Alemão; cujos membros se debatem com a mesma espécie de problemas que oþi nossos. A secção de Bãyswater foi atribuída a Neuenhagen, um subúrbio de Leipzig, que está a preparar uma grande recepção.

Temos a certeza de que compreende a honra que este convito significa e desejamos que o aceite se lhe for possível. As visitas realizar-se-ão todas no espaço de algumas semanas, mas as cam seleccionadas viajarão separadamente, uma vez que os convites não são coincidentes.

Pedimos-lhe uma resposta imediata a este convite.

Quanto mais lia a carta, mais estranha esta Lhe parecia.

O inesperado do convite levava-a a interrogar-se. Como sabiam eles se ela podia deixar a biblioteca? Depois lembrou-se de que Ashe lhe perguntara se já gozara férias nesse ano e se podia pedi-las com curta antecedência. Porque não lhe diziam quem eram as outras convidadas? Talvez não

houvesse razão especial para o fazerem, mas de qualquer modo era estranho não lho comunicarem.

E a carta era longa. Como havia falta de colaboradores no secretariado do Centro, as cartas eram geralmente curtas ou substituídas por telefonemas. Esta era tão eficiente, tão bem dactilografada, que provavelmente não fora escrita no Centro. Era, porém, assinada pelo organizador cultural; vira a sua assinatura em numerosos comunicados. E a carta tinha aquele estilo semiburocrático, semimessiânico, a que se acostumara, aliás sem nunca o apreciar.

Era estúpido dizer que ela possuía uma þþboa folha de serviço de acção estimuladora de massas a nível de ruaþþ. Não era verdade.

Odiava essa faceta do Partido - os altifalantes aos portões das fábricas, a venda do Daily Worker na esquina da rua, a perambulação de porta em porta durante as eleições locais. Ajudar o Partido a lutar pela paz significava alguma coisa para ela; sabia então que os chefes do Partido eram bons e honestos. Podia então olhar para as crianças que passavam na rua, para as mães que empurravam carrinhos de bebé, para os velhos, e dizer: þ.Estou a fazer isto por eles. þþ Mas a luta por votos e pela venda do Daily Worker diminuía oido aos seus olhos. Era fácil, quando numa reunião de secçãoþþþam presentes cerca de uma dúzia, reconstruú o mundo e sentú e se marchava na vanguarda do socialismo. Mas depois saía para a rua sobraçando uma resma de Daily Workers e esperava uma hora, duas horas, para vender um exemplar.

Por vezes fazia batota, tal como os outros, e pagava ela própria uma dúzia de jornais, só para se ver livre daquilo e poder regressar a casa. Na reunião seguinte vangloriavam-se da venda, esquecendo-se que tinham eles próprios comprado os jornais -- A camarada Gold vendeu dezoito exemplares no sábado à noite: dezoito -- þ O facto era registado na acta e no boletim da secção. Um mundo tão pequeno, o deles! Liz desejava que pudessem ser mais honestos. Mas mentia a si própria, tambem. Talvez todos mentissem. Ou talvez os outros compreendessem melhor a razão por que tinham de mentir tanto.

Era estranho terem-na nomeado secretária de secção. Supunha que haviam votado nela pelo facto de saber dactilografar, o que lhe permitiria realizar o trabalho sem pedir aos outros que o fizessem durante os fins-de-semana. Não muitas vezes, enfim. . . Toda essa faceta era tão fraudulenta! Alec compreendera-a, mas não a levara a sério. Costumava dizer: þþHá pessoas que criam cenários, outras que se filiam no Partido.þþ E, pelo menos em Bayswater, essa afirmação correspondia à verdade. A sede distrital sabia-o perfeitamente. Essa a razão por que considerava tão estranho ter sido nomeada.

Liz encolheu os ombros, num gesto nervoso próprio das pessoas que estão excitadas e sozinhas. Enfim era ir ao estrangeiro gratuitamente e parecia uma experiência interessante. Nunca fora ao estrangeiro. la ser divertido. Dirigiu-se à sua escrivaninha, retirou o papel da secção e, na sua velha máquina de escrever, comp“s uma primorosa carta de agradecimento e de aceitação. Ao fechar a tampa da secretária os seus olhos pousaram-se no cartão de Smiley.

` Recordou o homem baixo, de óculos, de testa franzida e expressão preocupada, na soleira da porta, a perguntar-lhe: þþO Partido sabe de si e de Alec?þþ Como fora parva. Bem, isto ia distraí-la do resto.

## 15 A PRISÇO

FYEDLER e Leamas regressaram a casa em silêncio. Ao lusco-fusco as colinas eram negras e cavernosas, e as luzes dos faróis do automóvel, pontas de alfinetes lutando contra a escuridão, tal como luzes barcos distantes no mar.

Fiedler estacionou num barracão ao lado da casa.

Preparavam-þ para entrar pela porta da frente quando ouviram alguém chamar por Fiedler. Voltaram-se, e na penumbra Leamas distinguiu três homens a uns vinte metros de distância, aparentemente à espera de Fiedler: - Que querem? - perguntou este.

- Queremos falar consigo. Vimos de Berlim.

Fiedler hesitou.

- Onde está o raio daquele guarda? - perguntou a Leamas. -- Devia haver um guarda aqui à porta. E porque é que as luzes do vestíbulo estão apagadas?

Mas dirigiu-se lentamente para os homens.

Leamas esperou um instante. Depois, como não ouvisse nada, dirigiu-se, através da casa às escuras, para a barraca com os seus três quartos. Nunca soubera quem ocupava o quarto contíguo ao dele þa porta entre os dois estava sempre fechada à chave -, mas supunha que alguém o observava de lá. Só descobrira que se tratava de um quarto de dormir porque uma manhã em que saíra cedo para um passeio espreitara através de uma estreita abertura nas cortinas. Os dois guardas, que o seguiam para toda a parte a cinquenta metros de distância, não haviam ainda contornado a esquina da barraca, o que lhe permitira espreitar rapidamente através da janela. O quarto continha apenas uma cama feita e uma pequena escrivaninha com papéis. Agora, à medida que saía da casa e penetrava na barraca, passando pelo quarto dos guardas, teve a nítida sensação de que algo corria mal.

Todas as luzes da barraca eram controladas por uma central: eram acesas e apagadas por mão invisível. Geralmente mantinham-se acesas até às onze; porém, agora, embora fossem apenas nove horas, as luzes estavam apagadas e as venezianas haviam sido fechadas.

Leamas deixara a porta de ligação com a casa aberta, de modo que .um pálido clarão vmdo do vestíbulo iluminava o quarto dos guardas e permitia-lhe ver as duas camas. Deteve-se, surpreendido, por encontrar o quarto vazio, e sentiu de súbito fechar-se a porta. Talvez por si própria, mas Leamas não fez qualquer tentativa para a abrir.

A escuridão era completa. Nenhum som acompanhou o fechar da porta, nenhum correr de fechos nem ruído de passos. Para Leamas, de instinto subitamente alerta, era como se uma gravação tivesse sido interrompida. Sentiu então o cheiro do charuto. Devia estar no ar, mas só agora o notava. Com as trevas os seus sentidos do tacto e do olfacto haviam-se aguçado como os de um cego.

Só podia haver uma explicação para o silêncio - estavam à espera que ele passasse do quarto dos guardas para o seu.

Consequentemente, decidiu permanecer onde estava. Deu um passo para o lado, apoiou as costas a parede e ficou imóvel. Então ouviu claramente passos vindos do edifício principal. A porta que acabara de se fechar foi experimentada e a fechadura trancada. Leamas era agora um prisioneiro na barraca.

Lentamente acocorou-se, ao mesmo tempo que introduzia a mão no bolso do casaco. Sentia-se bastante calmo, quase aliviado perante a perspectiva de acção, mas no seu cérebro a

memória trabalhava febrilmente. Tem-se quase sempre uma arma: um cinzeiro, duas moedas, uma caneta de tinta permanente - qualquer coisa que þnanhe ou corte.þþ Era a máxima favorita do sereno sargento galês naquela casa perto de Oxford onde se treinara durante a guerra. þþSe não encontrarem nada com que atacar, abram as mãos com os polegares esticadosþ,, acrescentava o sargento.

Retirando uma caixa de fósforos do bolso, Leamas esmagou-a, deixando os pequenos rebordos denteados saírem de entre os dedos da sua mão direita. Depois avançou ao longo da parede até ao canto, onde sabia existir uma cadeira. Indiferente agora ao barulho que fazia, empurrou a cadeira para o meio do soalho. Contando os passos ao recuar de junto da cadeira, postou-se no ângulo formado pela intersecção das duas paredes. Nesse momento ouviu abrir-se violentamente a porta do seu quarto. Tentou em vão discernir o vulto que devia encontrar-se no limiar da porta, mas também o seu quarto estava às escuras. Não ousava avançar para atacar, porque a cadeira estava agora no meio do quarto; era a sua vantagem táctica, pois conhecia a sua posição, que os outros ignoravam. Devia obrigá-los a procurá-lo antes que o colaborador deles, lá fora ligasse o quadro da electricidade.

- Venham, seus pulhas! - sibilou em alemão. - Estou aqui ao canto! Venham apanhar-me, não conseguem?

Nem um movimento, nem um som.

- Que é que há? Que foi, meninos? Vamos! Mexam-sé!

Ouviu alguém dar um passo em frente e outro segui-lo, e depois a praga do homem que tropeçou na cadeira. Era o sinal por que Leamas esperava. Lançando fora a caixa de fósforos, avançou rastejando, o braço esquerdo estendido como quem pretende evitar os ramos de uma floresta, até que tocou levemente num braço e sentiu o tecido quente e áspero de um uniforme militar. Ainda com a mão esquerda, Leamas deu deliberadamente duas leves palmadas no braço e ouviu uma voz assustada sussurrar em alemão: é - _s tu, Hans?

- Cala-te, parvo! - segredou Leamas em resposta, e no mesmo instante agarrou o cabelo do homem, empurrando-lhe a cabeça para a frente e para baixo; depois desferiu-lhe um golpe terrivelmente cortante na nuca com a zona lateral da mão.

Soergueu-o depois novamente pelo braço e, com a mão aberta, atingiu-o na garganta, após o que o largou. Quando o corpo do homem tombou, acenderam-se as luzes.

No limiar do quarto encontrava-se um jovem capitão da Polícia do Povo empunhando uma pistola, e atrás dele dois homens, um dos quais de uniforme. Contemplavam todos o homem caído no chão.

Alguém abriu a outra porta, e Leamas virou-se para ver quem era, mas o capitão gritou-lhe que não se mexesse. Lentamente, voltou-se e enfrentou os três homens.

. Tinha ainda as mãos caídas ao longo do corpo quando o golpe foi desferido. Foi como se lhe esmagassem o crânio. Caiu e perdeu a consciência.

LEAMAS abriu os olhos e a dor irrompeu-Lhe no cérebro como um clarão fulgurante. Jazia de costas, imóvel, recusando-se a fechar os olhos, enquanto lhe perpassavam rapidamente pela vista fragmentos coloridos. Tinha os pés gelados e sentia o fedor da cadeia.

Tentou erguer a mão e tocar o sangue que lhe secara no rosto, mas tinha as mãos atadas atrás das costas. Os pés também deviam estar amarrados; estavam talvez gelados devido à

ausência de circulação.
Olhou penosamente em redor, esforçando-se por erguer alguns centímetros a cabeça, mas para sua surpresa viu os seus próprios joelhos à sua frente. Instintivamente, tentou esticar as pernas, e ao fazê-lo todo o seu corpo foi dominado por uma dor tão súbita e atroz que soltou um grito agudo, agonizante. Arquejando, tentou dominar a dor.
Depois, obstinadamente, tentou de novo, com lentidão, esticar as pernas.
A agonia ressurgiu imediatamente, mas Leamas descobrira a causa: tinha as mãos e os pés agrilhoados juntos atrás das costas.
Quando tentava estender as pernas, as cadeias forçavam-lhe os ombros para baixo e empurravam-lhe a cabeça dorida contra o chão de pedra.
Deviam ter-lhe batido enquanto estava inconsciente, tinha o corpo dorido e coberto de escoriações. Perguntou a si mesmo se teria morto o guarda. Esperava que sim.
Sobre ele brilhava uma luz, intensa, clínica, feroz. Não havia mobília: apenas paredes de cal, que se cerravam sobre ele, e uma porta cinzenta de aço. Nada mais.
Ali permaneceu durante horas até eles chegarem. O calor aumentara devido à lâmpada. Tinha sede, mas recusou-se a chamar.
Finalmente a porta abriu-se e viu Mundt. Soube que era Mundt pelos olhos. Smiley descrevera-lhos.

## 16 MUNDT

UNS guardas desataram-no e levaram-no para uma sala pequena e confortável, com uma secretária e cadeirões. Venezianas semifechadas cobriam metade das janelas gradeadas. Mundt sentou-se à secretária e Leamas num cadeirão, de olhos semicerrados. Os guardas postaram-se à porta.
- Dêem-me de beber - pediu Leamas.
- Whiskey þ-  gua.
Mundt encheu uma garrafa numa torneira a um canto e pousou-a, juntamente com um copo, numa mesa ao lado de Leamas.
- Tragam-lhe qualquer coisa de comer - ordenou Mundt.
Um dos guardas saiu e voltou com uma tigela de sopa e algumas salsichas cortadas às fatias. Leamas comeu e bebeu, enquanto os outros o observavam em silêncio.
- Onde está Fiedler? - perguntou Leamas finalmente.
- Preso - replicou Mundt secamente.
- Porquê?
- Por conspirar contra a segurança do povo.
Leamas acenou lentamente com a cabeça.
- Então você venceu. . . - disse. Durante um momento tentou fixar os olhos em Mundt. - Quando o prendeu?
- A noite passada.
- E eu? - perguntou Leamas.
- Você é uma testemunha material. Será naturalmente julgado, mais tarde.
- Então eu sou parte de um trabalho engendrado por Londres para incriminar Mundt, não é verdade?
- Certo - retorquiu Mundt.
- Uma operação muito bem elaborada - observou Leamas.
Mundt não respondeu. Leamas habituava-se aos seus silêncios à medida que a entrevista prosseguia. Mundt tinha uma voz bastante agradável - o que Leamas não esperara - mas raramente falava.

Fazia talvez parte da extraordinária autoconfiança de Mundt o facto de ele se permitir intervir através de longos silêncios, mais do que através da troca de palavras vãs. Na sua maior parte os interrogadores apreciavam a iniciativa e a evocação do ambiente e da dependência psicológica de um prisioneiro do seu inquisidor. Mundt desprezava técnicas: era homem de factos e de acção. Leamas preferia assim.

á Mundt tinha a configuração de um atleta. Cabelo loiro cortado rente, o rosto de linhas duras e correctas e uma frontalidade assustadora, isenta de humor. Tinha um aspecto jovem, mas uma expressão grave; homens mais velhos levá-lo-iam a sério. Leamas não teve dificuldades em recordar-se de que Mundt era um assassino: Possuía uma frieza e uma auto-suficiência que o equipavam perfeitamente para o ofício de assassino.

- Outra culpa por que você há-de ser julgado. se necessárioacrescentou Mundt calmamente -, é por assassínio.

- A sentinela morreu? - perguntou Leamas.

Mundt acenou afirmativamente.

- Por isso o seu julgamento por espionagem é de certo modo académico. Proponho que a audiência do julgamento de Fiedler seja pública. _ esse também o desejo do Presidium.

- E quer a minha confissão?

- Quero.

- Por outras palavras, você não tem provas.

- Havemos de ter. Havemos de ter a sua confissão.

A voz de Mundt não reflectia qualquer ameaça, o seu rosto não era alterado por qualquer expressão teatral.

- Por outro lado, no seu caso, pode haver atenuantes. Os Serviços Secretos Britânicos fizeram chantagem consigo.

Acusaram-no de roubar dinheiro e coagiram-no a colaborar numa intriga contra mim. O tribunal atenderá a esse argumento.

Leamas pareceu desconcertado: - Como sabe que me acusaram de roubar dinheiro?

Mundt não respondeu.

- Fiedler foi muito estúpido - observou. - Logo que li o relatório de Peters soube por que razão você tinha sido enviado para cá, e soube que Fiedler cairia na armadilha. Fiedler odeia-me. A sua gente sabia isso, claro. Foi uma operação muito inteligente.

Quem a preparou? Foi Smiley?

Leamas não respondeu.

- Disse a Fiedler que me enviasse o relatório do interrogatório que Lhe fez. Quando percebi que ele adiava essa entrega, soube que tinha razão. Então ele ontem fê-lo circular pelo Presidium, e não me enviou uma cópia. Alguém em Londres deve ter sido muito esperto.

amas permanecia em silêncio.

- Quando viu Smiley pela última vez? - perguntou casualmente Mundt.

Leamas hesitou, dominado pela incerteza. Doía-lhe atrozmente a cabeça.

- Não me lembro - disse finalmente. - Ele já não está no activo.

- Ele é um grande amigo de Peter Guillam, não é?

- Acho que sim.

- Você pensava que Guillam realizava estudos sobre a situação económica da República Democrática Alemã. Uma secção menor e þ estranha nos vossos serviços. Você nem sabia bem do que seþ- J1111.

O som e a visão estavam a tornar-se confusos no pulsar

enlouquecido do seu cérebro. Doíam-lhe horrivelmente os olhos.
Sentia-se- Bem, quando viu pela última vez Smiley.
- Não me lembro. . . Não me lembro. .
Mundt sacudiu a cabeça.
- Você tem uma boa memória. . . para factos que me incriminar, Lembramo-nos sempre da última vez que vimos uma pessoa.
Viu-o, por exemplo, depois de regressar de Berlim?
- Vi. Acho que sim. Choquei com ele. . . no Circo, uma vez, não sei quando.
Leamas suava, de olhos fechados.
- Não posso continuar, Mundt. Estou doente - disse.
- Depois de Ashe o ter apanhado e de ter caído na ratoeira que lhe tinham preparado, almoçaram juntos. O almoço acabou cerca das quatro horas. Para onde foram a seguir?
- - Eu fui para a City, parece-me. Por amor de Deus, Mundtdisse, segurando a cabeça com a mão. - Não consigo continuar.
þ A minha cabeça. . .
- E depois para onde foi? E porque estava tão interessado em se lIibertar dos seus seguidores?
Leamas, a cabeça enterrada nas mãos, não respondeu; a sua ;þrespiração era ofegante e irregular.
- Responda só a esta pergunta, depois pode ir-se embora. E terá uma cama. De contrário, volta para a cela, compreende. Será outra vez atado e alimentado no chão, como um animal. Diga-me para onde foi.
O terrível pulsar do seu cérebro aumentou subitamente. A sala dançava; ouviu vozes à sua volta, e passos; alguém gritava, mas não com ele. A sala enchera-se de gente, e todos gritavam; depois- afastaram-se com passos marciais. O bater dos seus pés no chão era como o pulsar dentro da sua própria cabeça. Depois, num gesto de þ misericórdia, colocaram-lhe um pano frio na testa e mãos cuidadosas levaram-no.
Acordou numa cama de hospital. Aos pés da cama, Fiedler fumando um cigarro.

## 17 FIEDLER

A esperança renasceu-lhe: uma cama com lençóis; um quarto sem grades na janela - só cortinas e geada nas vidraças; paredes verde-pálido, oleado verde-escuro; e Fiedler observando-o.

- Como se sente? - perguntou Fiedler.

- Pessimamente - respondeu Leamas. - Essas bestas espancaram-me.

- Você matou uma sentinela, sabe?

- Pensava que sim. Que esperavam eles, com uma estúpida operação daquelas? Porque é que não nos prenderam logo a ambos?

Porque apagaram as luzes? Uma coisa superorganizada.

- Creio que, como nação, tendemos a superorganizar. No estrangeiro isso é considerado eficiência.

- E a si, o que lhe aconteceu? - perguntou Leamas.

- Oh, eu também fui amansado para interrogatório pelos homens de Mundt. E por Mundt. Ele tinha um interesse especial em bater-me.

- Por você ter sonhado aquela história. . .

- Porque sou judeu.

- Meu Deus ! - murmurou Leamas.

- Por isso tive um tratamento especial. Mas já passou tudo.

- Porquê? Que aconteceu?

- No dia em que fomos presos eu tinha requerido ao Presidium um mandato de captura para Mundt como inimigo do povo.

- Você é doido... Já lhe disse, você perdeu o juízo!

- Havia mais provas contra ele além das suas. Provas que eu tinha acumulado, uma a uma, nos últimos dois anos. Você forneceu a última prova de que precisávamos; só isso. Logo que isso se tornou claro, preparei um relatório e enviei-o a cada um dos membros do Presidium, excepto a Mundt. Receberam-no no mesmo dia em que requeri o mandato de captura.

- O dia em que nos apanharam.

- Sim. Sabia que Mundt ia lutar. Sabia que ele tinha amigos no Presidium, ou pelo menos sequazes, pessoas suficientemente assustadas para correrem para ele logo que recebessem o meu relatório. Mas sabia que ele acabava por perder. O Presidium tinha a arma de que precisava para o destruir; tinha o relatório. E enquanto você e eu éramos interrogados, eles leram-no e releram-no até perceberem que era verdade; e cada um soube que os outros sabiam. Por fmi, agiram.

Voltaram-se contra ele e ordenaram um þbþþ þcþto. Mundt está preso.

- Como é conduzido esse tribunal? - perguntou Leamas þ - Isso é com o presidente. Não vai þr þ þbþ þ þvo; é þtis o género de uma comissão de inquérito designada pelo Presidium para investigar e informar sobre um þþþþo. . . assunto.

þ seu relatório inclui um parecer. Nþ cþ como este, o parecer é equivalente a um veredicto, mas mantém-se secreto, como parte dos trâmites do Presidium.

- Como funciona? Há advogados e juízes?

- Há três juízes - respondeu Fiedler. - E de facto há advogados. Eu próprio apresento a moção contra Mundt. Karden vai defendê-lo.

- Quem é Karden?

- Um tipo muito duro. Faz lembrar um médico de aldeia, de baixa estatura e venevolente. _ nazi. Esteve no campo de

Buchenwald.
- Porque não pode Mundt defender-se sozinho?
- Foi ele que quis. Diz-se que Karden vai chamar a depor uma testemunha.
Leamas encolheu os ombros.
- O problema é vosso - disse.
Seguiu-se novo silêncio. Por fim, Fiedler disse, com uma expressão meditabunda: - Tratamento especial. . . Aquela dor interminável. . . e todo o tempo a dizer comigo: Vou desmaiar ou aguentar a dor?þ E a dor cada vez mais aguda. Pensa-se que não pode aumentar mais, mas þ aumenta. Não me importaria tanto se Mundt me tivesse torturado por ; ódio, ou ciúme, ou pelo Partido. Mas todo o tempo a murmurar: ; Judeu. . . Judeu. . .
H - Você devia saber - disse Leamas þ - Ele é uma besta. . .
- Pois é - concordou Fiedler.
Parecia excitado. þQuer alardear com alguém, pensou Leamas, - Pensei muito em si - acrescentou Fiedler. - Lembra-se daquela nossa conversa sobre filosofia? - Sorria. - Aquilo que o ' atrapalhou. . . Vou colocar o problema de outra maneira.
Suponhaþ mos que Mundt tem razão. Ele pediu-me que confessasse que estava þ ligado aos espiões britânicos... que toda a operação foi montada s pelos Serviços Secretos Britânicos a fim de nos induzir (de me r induzir) a liquidar o melhor homem do Abteilung.
- Ele tentou o mesmo comigo - disse Leamas em voz indiferente. - Como se eu tivesse inventado toda essa maldita história.
- Mas o que eu quero dizer é o seguinte: suponhamos que você fez isso, que era verdade. . . matariam um homem. . . um inocente.
- Mundt é que é um assassino.
- Suponhamos que não era. Suponhamos que era eu quem queriam matar: Londres faria uma coisa dessas?
- Depende. Depende da necessidade. . .
- Ah! - exclamou Fiedler satisfeito. - Depende da necessidade. Como dissemos, o acidente de viação e as estatísticas. S um grande alívio.
- Porquê?
- Você tem de dormir - disse Fiedler. - Peça o que quer para comer. Amanhã podemos conversar.
Em breve Leamas adormecia, satisfeito por saber que Fiedler seu aliado e que dentro em breve Mundt seria condenado à morte.
tanto tempo que o desejava!

## 18 REUNIÇO DE SEC_ÇO

LIZ estava contente em Leipzig. Agradava-lhe a austeridade: dava-lhe o conforto do sacrifício. A pequena casa em que se alojava era escura e pobre, a alimentação escassa e na sua maior parte destinava-se às crianças. Conversavam sobre política a todas as refeições, ela e Frau L_man, secretária da secção de Neuenhagen, uma mulher grisalha, de baixa estatura, cujo marido dirigia uma pedreira.
Para Liz era como viver numa comunidade religiosa, num convento, num kibbutz em Israel ou algo de semelhante. Sentia que o mundo era melhor com o est“mago vazio.
Sabia um pouco de alemão, ela própria se admirou da rapidez com que foi capaz de se servir dele. Experimentou primeiro com as crianças, que se riam e a ajudavam.

noite trabalhavam para o Partido. Distribuíam literatura, visitavam membros da secção que não tinham realizado tarefas de que haviam sido encarregados ou eram pouco assíduos às reuniões, contactavam o centro distrital para uma discussão sobre þþProblemas relativos à distribuição centralizada da produção agrícola,.

ou assistiam a uma reunião do conselho consultivo dos trabalhadores de uma fábrica de máquinas nos arredores da cidade.

Por fim, no quarto dia, realizou-se a reunião da sua própria secção. Liz esperava que fosse uma experiência extremamente rica, um exemplo do que a sua secção em Bayswater poderia um dia vir a ser.

Escolheram um belo título para as discussões da noite: þþCoexistência após duas guerrasþþ - e esperavam uma numerosa assistência.

Tinham percorrendo todo o bairro e verificado cuidadosamente que não havia outra reunião nas vizinhanças nessa noite; não era dia em que as lojas estivessem abertas até tarde.

Apareceram sete pessoas.

Sete pessoas, Liz, a secretária da secção e o homem do centro distrital. Embora não aparentasse desânimo, Liz estava terrivelmente desmoralizada. Só dificilmente conseguia concentrar-se no orador.

Era como as reuniões de Bayswater - o grupo escasso e submisso, sem rosto, a mesma exigente autoconsciência, a mesma sensação de uma ideia grandiosa nas mãos de pouca gente. Ela quase desejou que ninguém tivesse comparecido, porque então a situação seria absoluta e sugeriria perseguição - contra a qual se pode reagir.

Mas sete pessoas não era ninguém, era pior que ninguém porque provavam a inércia da massa incapaz de ser captada. Quebrava o coração.

Não representava qualquer conforto constatar que a sala era melhor do que a sala de aula em Bayswater. Em Bayswater fora divertido tentar encontrar uma sala. Inicialmente tinham-se reunido em salas de traseiras de pubs ou secretamente nas casas uns dos outros. Fora então que Bill Hazel, da escola secundária se inscrevera no Partido, e que haviam começado a usar a sua sala de aula.

O reitor julgava que Bill dirigia um grupo dramático. Mesmo assim era um risco, e podiam até ser expulsos. De qualquer modo, estava-se melhor do que nesse vestíbulo da paz de cimento com fendas nos cantos e o retrato de Lenine. Que significaria aquela feia moldura em torno do retrato? Molhos de uma espécie de tubos de órgão que saíam dos cantos e a bandeira coberta de pó. Fazia lembrar um funeral fascista.

Por vezes Liz dava razão a Alec - acreditamos por necessidade.

Não, Alec não tinha razão. Era uma afirmação maldosa. Paz liberdade e igualdade eram factos. Claro que eram. E a História?

Todas essas leis que o Partido provava? O Partido representava a vanguarda da História, a ponta de lança na luta pela paz. .

.

Evocava as frases com alguma incerteza. Desejava que tivessem vindo mais pessoas. Sete eram tão pouco. . E pareciam todas furiosas. Furiosas e esfomeadas.

Terminada a reunião, Liz esperou que Frau L_man

recolhesse a literatura não vendida da mesa junto da entrada, assinasse o livro de ponto e vestisse o casaco, pois a noite estava fria.

Já no limiar da porta, com a mão no interruptor, Frau L_man foi abordada por um homem que surgiu das trevas.

- Camarada L_man? - perguntou ele.

- Sim.

- Procuro uma camarada inglesa, Gold. Está na sua casa, nþo é verdade?

- Eu sou Elizabeth Gold - disse Liz, e o homem entrou no vestíbulo e fechou a porta atrás de si.

- Sou Halten, do centro distrital - mostrou um papel a Frau L_man, que acenou e olhou com uma expressão levemente ansiosa para Liz. - Pediram-me que desse um nþcado à camarada Gold, da parte do Presidium - disse o homem. - Houve uma alteração no seu programa; está convidada para assistir a uma reunião especial.

- Oh! - exclamou Liz estupefacta.

Parecia-lhe fantástico que o próprio Presidium soubesse da sua existência.

- _ um gesto. . . - disse Halten. - Um gesto de boa vontade.

- Mas eu. . . Mas Frau L_man. . . - começou Liz.

- Tenho a certeza de que a camarada L_man a vai desculpar, dadas as circunstâncias.

- Claro - afirmou Frau L_man rapidamente.

- Onde é a reunião?

- Precisa de vir esta noite - rþplicou Halten. - Ainda é longe. _ perto de G_rlitz.

- Perto de Gþrlitz. . . Onde fica isso?

- Para leste - explicou imediatamente Frau L_man. - Na fronteira polaca.

- Levamo-la agora a casa para ir buscar as suas coisas, e seguimos logo viagem.

- Esta noite? Agora?

- Sim.

Halten dava a entender que Liz não teria outra alternativa.

Esperava-os um grande automóvel preto, com um motorista ao volante e uma haste de bandeira na capota. Assemelhava-se a um veículo militar.

## 19 O TRIBUNAL

A sala do tribunal não era maior do que uma sala de aula. de um lado, as poucas filas de cadeiras existentes eram ocupadas porguardas, membros do Presidium e funcionários seleccionados. Do outro lado, os três membros do tribunal sentavam-se em cadeiras de espaldar, a uma mesa de carvalho por polir. Sobre eles, suspensa do tecto, uma enorme estrela vermelha de folha de madeira.

De ambos os lados da mesa, com as secretárias um pouco mais à frente e enfrentando-se, sentavam-se dois homens. Um com cerca de sessenta anos, de gravata cinzenta e fato preto, o género de fato que se usa para ir à igreja nas aldeias alemãs. O outro era Fiedler.

Leamas sentava-se ao fundo, ladeado por dois guardas. Por entre as cabeças dos espectadores podia ver Mundt, cercado de polícias, o cabelo louro ainda mais curto, os ombros largos cobertos com o familiar uniforme cinzento da cadeia.

O presidente do tribunal, sentado ao centro da mesa,

tocou uma campainha, e um arrepio percorreu Leamas ao constatar que o presidente era uma mulher. Teria cerca de cinquenta anos, era morena e possuía olhos pequenos. Tinha o cabelo curto como o de um homem e usava um fato escuro e funcional. Percorreu a sala com um olhar cortante, fez sinal a uma sentinela para fechar a porta e abriu imediatamente a sessão, dirigindo-se ao tribunal.

- Todos sabem por que razão estamos aqui. Este tribunal foi convocado expressamente pelo Presidium e só perante o Presidium somos responsáveis. Lembrem-se de que os procedimentos são secretos. O¤vúemos as testemunhas que considerarmos necessárias.

Apontou negligentemente para Fiedler.

- Camarada Fiedler, é melhor começar.

Fiedler ergueu-se. Com um leve aceno de cabeça para a mesa retirou de uma pasta a seu lado uma resma de papéis e começou.

Falava calma e fluentemente, com uma timidez que Leamas não lhe conhecia. Leamas considerou aquele um bom desempenho, ajustado ao papel de um homem que lamentava incriminar um superior.

- Antes de mais devem saber, caso o não saibam ainda - principiou Fiedler -, que, no dia em que o Presidium recebeu o meu relatório sobre as actividades do camarada Mundt, eu fui preso, juntamente com o desertor Leamas. Fomos ambos presos e.

convidados, sob terrível coacção, a confessar que toda esta grave acusação não passava de uma conspiração fascista contra um leal camarada. Têm convosco o relatório escrito deste caso e sabem como Leamas veio até nós: nós próprios o procurámos, induzimo-lo a desertar e finalmente trouxemo-lo para a Alemanha Democrática.

Nada poderia demonstrar mais claramente a imparcialidade de Leamas do que o facto de ele ainda se recusar, por motivos que explicarei, a acreditar que Mundt era um agente britânico. _ consequentemente grotesco sugerir que Leamas é um espião. A iniciativa foi nossa, e o testemunho de Leamas fornece apenas a prova final de uma longa cadeia de sintomas que remonta há dois anos atrás.

O camarada Mundt é acusado de ser agente de uma potência imperialista. A pena para este crime é a morte. Não existe no nosso código penal crime mais grave, nenhum outro que exponha o nosso Estado a um perigo mais ameaçador, nenhum outro que exija maior vigilância do nosso Partido.

Fiedler pousou os papéis.

- Deixem-me contar-lhes alguns pormenores da carreira do camarada Mundt. Foi recrutado para o Aóteilung aos vinte e oito anos e recebeu o costumado treino. Tendo completado o período probatório, encarregou-se de tarefas especiais nos países escandinavos, onde conseguiu estabelecer uma rede de espionagem.

Desempenhou cabalmente o seu trabalho e não há motivo para supor que, nessa altura, fosse outra coisa senão um membro diligente do seu departamento. Mãs, camaradas não devemos esquecer-nos dessa sua primeira relação com a Escandinávia. As redes estabelecidas pelo camarada Mundt imediatamente depois da guerra forneceram-lhe o pretexto, muitos anos depois, que lhe permitiu viajar até à Finlândia e à Dinamarca, onde levantou milhares de dólares de bancos estrangeiros em paga da sua conduta traiçoeira. Não queremos cometer o erro de afirmar que o camarada Mundt foi vítima do pensamentocapitalista burguês. Primeiro a cobardia, depois a

ambição, foram as þoes que motivaram a sua traição. O seu sonho era a aquisição de uma grande riqueza. Ironicamente, foi o elaborado sistema através do qual a sua ânsia de dinheiro se satisfez que forneceu o rasto às forças da justiça.

Fiedler interrompeu-se e percorreu a sala com os olhos, subitamente iluminados pelo fervor. Leamas contemplava-o, fascinado.

- Que isto seja uma lição - gritou Fiedler - para outros inimigos do Estado, cujo crime é tão louco que os obriga a conspirar nas secretas horas da noite.

Do fundo da sala ergueu-se um respeitoso murmúrio.

- Não hão-de escapar à vigilância daqueles cujo sangue procuram vender !

Fiedler podia estar a dirigir-se a uma vasta multidão e não ao punhado de funcionários e guardas reunidos naquela sala.

Leamas compreendeu que Fiedler não estava a incorrer em riscos: a conduta do tribunal, dos acusadores e das testemunhas, devia ser politicamente impecável. Sabendo sem dúvida que o perigo de uma subsequente contra-acusação era inerente em tais casos, Fiedler estava a proteger-se; a contra-acusação seria registada na acta e só um homem corajoso se prontificaria a refutá-la.

Agora Fiedler abria o dossier colocado sobre a secretária à sua frente.

- Nos finais de mil novecentos e cinquenta e seis Mundt foi colocado em Londres como membro da Missão de Aço da Alemanha Oriental. Tinha ainda a seu cargo a tarefa especial de tomar medidas anti-subversivas contra grupos émigrés e obteve resultados apreciáveis.

Leamas contemplou de novo as trêsþfiguras ao centro da mesa.

esquerda da presidente sentava-se um homem novo e moreno, de cabelos lisos e despenteados e a compleição esquálida de um asceta, cujas mãos esguias brincavam sem descanso com os papéis colocados à sua frente. Leamas calculou, embora sem conseguir concretizar por que motivo, que se tratava de um dos homens de Mundt. Do outro lado da presidente sentava-se um homem um pouco mais þ velho, calvo, de rosto aberto, cuja expressão Leamas comparou coma de um burro. Sup“s que, se o destino de Mundt oscilasse na s balança, o homem mais novo o defenderia e a presidente o condenaria; e que o segundo homem, embaraçado pela divergência de opiniões, se aliaria à presidente.

- Fiedler recomeçara a falar: - Quando o camarada Mundt principiou a recrutar agentes, exp“s-se a um grande perigo, e eventualmente foi detectado pela polícia dos Serviços Secretos Britânicos, que lhe passaram uþ mandato de captura. Mundt escondeu-se. Os portos foram colocados sob vigilância, a sua fotografa e descrição foram distribuídas pelas Ilhas Britânicas. Não obstante, após dois dias de clandestinidade o camarada Mundt tomou um táxi para o aeroporto de Londres e seguiu de avião para Berlim. þþBrilhante", dirão. E foi, realmente.

Com toda a polícia britânica alertada, as estradas, os caminhos-de-ferro, os portos e aeroportos sob vigilância constante, o camarada Mundt toma um avião do aeroporto de Londres! Brilhante, sem dúvida. Ou talvez os camaradas sintam que a fuga de Mundt de Inglaterra foi demasiado brilhante, demasiado fácil, que sem a conivência das autoridades britânicas nunca poderia ter-se concretizado.

Outro murmúrio, mais espontâneo do que o primeiro, ergueu-se do fundo da sala.

- A verdade é esta: Mundt foi preso pelos Ingleses, que lhe ofereceram a clássica alternativa. Ou permanecer dþ-þte anos numa cadeia imperialista, ou efectuar um dramático regresso ao seu país, contra todas as expectativas, e cumprir as funções prometedoras de que se revelara capaz. Claro que os Britânicos puseram como condição do seu regresso o fornecimento de informações e prometeram-lhe largas somas de dinheiro. Entre a espada e a riqueza, Mundt foi recrutado. Agora o interesse dos Britânicos era promover a carreira de Mundt. Ainda não nos é possível provar que o êxito de Mundt em liquidar agentes menores da espionagem ocidental fosse_ trabalho dos seus patrões imperialistas, que traíam os seus próprios colaboradores (os que eram dispensáveis) com o objectivo de aumentar o prestígio de Mundt. Mas as provas permitem-nos essa suposição. Desde mil novecentos e sessenta, ano em que o camarada Mundt se tomou o director-adjunto do Abteilung que de toda a parte do Mundo nos chegavam. indicações de que havia entre nós um espião altamente colocado. Todos sabem que Karl Riemeck era espião; assim que ele foi eliminado pensámos que extirpáramos o mal. Mas continuámos ã perder colaboradores no estrangeiro a uma proporção alarmante. Nos fins de novecentos e sessenta um nosso antigo colaborador contactou com um inglês conhecido em Lebanon pelas suas ligações com os Serviços Secretos Britânicos e oferecem-lhe (soubemo-lo pouco tempo depois) informações completas sobre as duas secções do Abteilung para as quais þ-trabalhava. A sua oferta foi transmitida para Londres e rejeitada. O que só pode significar que os Britânicos já possuíam essa informação, e actual. Então, nos princípios de mil novecentos e sessenta e um, a sorte bafejou-nos.

Obtivemos, por meios que não vou aqui descrever, um sumário dasþformações que os Serviços Secretos Britânicos possuíam sobre o Abteilung. Eram completas, minuciosas e espantosamente actuais.

Mostrei-o a Mundt, claro, que era meu superior. Declarou-me que o tþlatório não o surpreendia: tinha determinados inquéritos em mão e eu não deveria actuar para não os anular. E confesso que, nessa altura, me ocorreu ao espírito a ideia remota e fantástica de que o próprio Mundt poderia ter fornecido as informações. Porque havia ainda outras indicações. . . Não necessito de vos dizer que a última pessoa suspeita de espionagem é o chefe operacional do Abteilung.

Essa ideia e simultaneamente tão terrível e espantosa, tão melodramática, que a poucos ocorreria e muito poucos a expressariam.

Confesso que eu próprio me senti culpado de excessiva relutância em o fazer. Foi um erro da minha parte. Mas, camaradas; a prova final está nas nossas mãos. - Voltou-se para o outro lado da sala. -- Tragam Leamas.

Os guardas ergueram-se e Leamas avançou, postando-se diante da mesa. A presidente dirigiu-se-lhe em primeiro lugar:
- Testemunha, como se chama? - perguntou.

- Alec Leamas.

- Que idade tem?

- Cinquenta anos.

- Qual é a sua profissão?

- Ajudante de biblioteca.

. Fiedler interveio, irritado: - Anteriormente foi empregado dos Serviços Secretos Britânicos, não foi?
- _ verdade. Até há poucos meses.
- O tribunal leu os relatórios sobre o seu interrogatório -- continuou Fiedler. - Quero que Lhes conte outra vez a conversa que teve com Peter Guillam, em Maio do ano passado.
- Quando falámos de Mundt?
- Sim.
- Foi no Circo, a nossa sede em Londres. Cruzei-me com Peter no corredor. Sabia que ele estava envolvido no Caso Fennan e perguntei-lhe o que era feito de George Smiley. Depois começámos a falaþþ lþlundt. Peter disse que pensava que Maston (então o chefe do Circo) não tinha querido que Mundt fosse apanhado.
- Como interpretou essa afirmação? - perguntou Fiedler.
- Sabia que Maston tinha feito uma trapalhada com o Caso Fennan. Supus que ele não queria que o lodo viesse ao de cima, como aconteceria se Mundt fosse julgado.
- Então, se Mundt tivesse sido apanhado, teria sido julgado legalmente? - perguntou a presidente.
- Dependia de quem o apanhasse. Se fosse a polícia comunicaria o facto ao Ministério do Interior. Depois, nenhum poder da terra o livraria de ir a tribunal.
- E se os seus Serviços o apanhassem? - inquiriu Fiedler.
- Isso era diferente. Suponho que o teriam interrogado e depois tentado trocá-lo por algum dos nossos agentes que estivesse aqui preso.
- Não poderiam ter tentado recrutá-lo como seu agente?
- Sim, mas isso não resultou.
- Como sabe?
- Oh, por amor de Deus! Já lhe disse e repeti. Eu era chefe da secção de Berlim. Se Mundt fosse um dos nossos, eu teria sabido.
Tinha de saber.
- Muito bem.
Fiedler parecia satisfeito com aquela resposta, confiante talvez de que o mesmo não se passasse com o tribunal. Dirigindo agora a sua atenção para a Pedra Rolante, fez Leamas referir de novo as medidas de segurança especiais relativas à circulação do dossier, as cartas para os bancos de Copenhaga e Helsínquia e a única resposta que até então recebera. Dirigindo-se ao tribunal, Fiedler comentou: - Leamas depositou dinheiro em Copenhaga em dezoito de Outubro. Entre os papéis que têm à vossa frente inclui-se o fac-símile de uma carta do Banco Real da Escandinávia dirigida a Robert Lang o nome que Leamas usou para abrir a conta em Copenhaga. Através dele poderão verificar que a soma total (dez mil dólares) foi levantada pelo outro detentor da conta uma semana depois. Imagino - continuou Fiedler, indicando a figura imóvel de Mundt na fila da frente - que o réu não pode negar que esteve em Copenhaga no dia vinte e cinco de Outubro, nominalmente em trabalho para o Abteilung. - Fez uma pausa e prosseguiu: -- A visita de Leamas a Helsínquia verificou-se cerca do dia vinte e sete de Novembro. - Erguendo a voz, voltou-se e olhou directamente para Mundt. - No dia cinco de Dezembro o camarada Mundt fez uma viagem clandestina à Finlândia, uma vez mais alegando os interesses do Abteilung.
O silêncio era total. Fiedler dirigiu-se novamente ao tribunal.
Numa voz simultaneamente contida e ameaçadora, perguntou:

- Consideram esta prova circunstancial? Deixem-me recordar-lhes um facto. - Voltou-se para Iþþ-þþ. - Testemunha, durante as suas actividades em Berlim associou-se a Karl Riemeck, ex-secretário do Presidium. De que natureza era essa associação?

- Ele foi meu agente até ser liquidado pelos homens de Mundt.

- Muito bem. Foi morto pelos homens de Mundt. Um dos348vários espiões sumariamente elintinados pelo camarada Mundt antes de poderem ser interrogados. Quer descrever o encontro de Riemeck com o seu chefe, aquele a quem chamam Controle?

- Controle veio de Londres a Berlim para ver Karl. Combinei com Karl que ele viria ao meu apartamento, onde jantámos os três.

Como Controle me tinha pedido, de antemão, que o deixasse um quarto de hora a sós com Karl, à noite pretextei uma desculpa, saí e regressei mais tarde.

- Controle e Riemeck ainda estavam a falar? E nesse caso, sobre quê?

- Quando voltei já não estavam a falar.

- Obrigado. Pode sentar-se.

Leamas regressou ao seu lugar ao fundo da sala. Fiedler virou-se para os três membros do tribunal: - Quero primeiro falar do espião Karl Riemeck, morto a tiro.

Têm à vossa frente uma lista de todas as informações que Riemeck passou a Alec Leamas em Berlim, tanto quanto Leamas se recorda.

Um formidável relatório de traição. Como poderão ver, Riemeck deu aos seus patrões britânicos informações pormenorizadas do trabalho e das personalidades de todo o Abteilung e descreveu as suas sessões mais secretas. Também passou actas dos mais secretos trâmites do Presidium. A segunda parte foi-lhe fácil: como secretário, ele próprio elaborava as actas das reuniões do Presidium. Mas o acesso de Riemeck aos assuntos secretos do Abteilung é um caso diferente.

Quem, nos finais de novecentos e cinquenta e nove, levou Riemeck para o Comité da Protecção do Povo, que coordena os assuntos dos nossos órgãos de segurança? Quem prop“s o seu acesso aos dossiers do Abteilung ? Quem o destacou para postos de excepcional responsabilidade? Eu digo-Lhes - proclamou Fiedler. - O mesmo homem cuja posição única lhe permitia protegê-lo durante as suas actividades de espionagem: Hans-Dieter Mundt. Recordemos o modo como Riemeck contactou com os Britânicos, como procurou o automóvel de Ile Jong e colocou o filme no seu interior. Não os surpreende o conhecimento prévio de Riemeck? Como poderia ele ter sabido onde encontrar o carro, precisamente nesse dia? Só através da nossa própria polícia de segurança, que noticiou a presença de De Jong por uma questão de rotina logo que o automóvel passou o posto da polícia de trânsito. Mundt, que tinha acesso a essa informação, passou-a a Riemeck. Digo-lhes: Riemeck foi uma criação de Mundt, o laço entre Mundt e os seus patrões imperialistas!

Fiedler fez uma pausa e depois acrescentou calmamente: - Mundt-Riemeck-Leamas: era esta a cadeia de comando; e, seguindo a técnica de espionagem de todo o Mundo, cada elo da cadeia deve ignorar, tanto quanto possível, os outros. Assim se explica pois que þamas não saiba nada em detrimento de Mundt; é apenas uma prova da segurança eficaz que os seus

chefes de Londres lhe proporcionavam. Já foram também informados sobre como as medidas que rodeavam o caso conhecido por Pedra Rolante permiálu ram mantê-lo altamente secreto, como Leamas soube vagamente da existência de uma secção dirigida por Peter Guillam supostamente encarregada de estudar as condições económicas da nossa República, secção essa que, surpreendentemente, estava na lista de distribuição da Pedra Rolante. Deixem-me recordar-lhes que esse mesmo Peter Guillam foi um dos vários oficiais dos Serviços Secretos Britânicos envolvido na investigação das actividades de Mundt em Inglaterra.

O homem novo moreno, à esquerda da presidente, ergueu o lápis e, fitando Fiedler com olhos frios e duros, perguntou: - Mas porque é que Mundt liquidou Riemeck, se este era seu agente?

- Não tinha outra alternativa. Desconfiavam de Riemeck.

A amante traíra-o por indiscrição. Mundt ordenou que disparassem sobre ele, avisou Riemeck para fugir e elintinou o perigo de ser traído. Mais tarde, Mundt assassinou a mulher. Quero especular por momentos sobre a técnica de Mundt. Quando regressou à Alemanha em novecentos e cinquenta e nove, não era um funcionário antigo dos nossos Serviços, mas viu muito, e o que viu começou a comunicar. Evidentemente que comunicava com os seus patrões sem ajuda. Temos de supor que se encontravam com ele em Berlim Ocidental e que nas suas curtas viagens à Escandinávia e a outros lados o contactavam e interrogavam. Os ingleses deviam ter comparado cuidadosamente as informações que ele lhes transmitia com o que já sabiam, receando que ele estivesse a jogar com um pau de dois bicos. Porém, gradualmente, devem ter concluído que tinham descoberto uma mina de ouro: Mundt dedicava-se ao seu traiçoeiro trabalho com a sistemática eficiência que era seu apanágio.

Assim estabeleceram em Londres, sob a chefia de Guillam, uma minúscula secção de espionagem, e pagavam a Mundt por meio de um sistema especial a que chamavam Pedra Rolante. Isto condiz com os protestos de Leamas de que desconhecia a colaboração de Mundt, embora ele na verdade recebesse de Riemeck e passasse a Londres as informações que o próprio Mundt obtinha. Foi pelos fins de novecentos e cinquenta e nove que Mundt encontrou dentro do Presidium o homem de quem precisava como intermediário: Karl Riemeck.

Como é que Mundt se atreveu a pedir colaboração a Riemeck? Devem lembrar-se da posição excepcional de Mundt: tinha acesso a todos os dossiers de segurança, podia vigiar telefones, abrir cartas, empregarvigilantes; tinha direito a interrogar qualquer pessoa e a saber pormenores da sua vida privada. Acima de tudo, podia num momento silenciar a suspeita, voltando contra o povo o próprio poder policial - a voz de Fiedler tremia de raiva - que se destina a sua protecção.

Regressando ao seu anterior estilo racional, prosseguiu: - Podem compreender agora o que Londres fez. Conservando o segredo da identidade de Mundt consentiram no recrutamento de Riemeck e proporcionaram contactos directos entre Mundt e a secção de Berlim. _ este o significado do contacto de Riemeck com leamas. _ assim que devem interpretar o testemunho de Leamas.

_ assim que devem avaliar a traição de Mundt.

Virou-se, e olhando Mundt de frente gritou: - Eis o vosso sabotador, o vosso terrorista! Eis o homem que vendeu os direitos do povo! Estou a acabar. Mundt ganhou uma reputação

de astuto e leal protector do povo e silenciou para sempre as línguas que poderiam trair o seu segredo. Matou, portanto, em nome do povo, para proteger a sua traição fascista e promover a sua carreira dentro dos nossos Serviços. Quando apresentarem ao Presidium o vosso parecer, não hesitem em reconhecer a bestialidade total do crime deste homem. Para Hans-Dieter Mundt, a morte é uma pena de clemência.

## 20 A 1'FS'fEMUþ

A presidente voltou-se para o homem baixo, envergando um fato preto, sentado exactamente diante de Fiedler.

- O camarada Karden vai falar pelo camarada Mundt. Quer interrogar a testemunha?

- Quero, sim - respondeu o interpelado erguendo-se e ajustando os óculos de aros doirados.

Era uma figura benigna, um pouco rústica, de cabelo branco.

- O argumento do camarada Mundt - começou na sua voz suave - é que Leamas está a mentir e que o camarada Fiedler, quer intencional quer desafortunadamente, foi arrastado para uma monstruosa intriga destinada a destruir o Abteilung. Não discutimos que Karl Riemeck era um espião britânico, há provas desse facto.

Mas negamos que Mundt estivesse ligado a ele ou aceitasse dinheiro para trair o nosso Partido. Afirmamos que não existem provas objectivas para essa acusação e que o camarada Fiedler está intoxicado de sonhos de poder e cego para o pensamento racional.

Sustentamos que, desde o momento em que Leamas regressou de Berlim a Londres, começou a representar um papel; simulou um declínio rápido, pretendeu entregar-se à embriaguez e contrair dívidas, assaltou um comerciante em público, fingiu alimentar sentimentos antiamericanos: com o exclusivo objectivo de atrair a atenção do Abteilung. Cremos que os Serviços Secretos Britânicos teceram deliberadamente em torno do camarada Mundt uma rede de provas circunstanciais: o pagamento de dinheiro em bancos estrangeiros, o seu levantamento coincidindo com a presença de Mundt neste ou naquele país, o casual rumor levantado por Peter Guillam, a discussão secreta entre Controle e Riemeck; todas estas circunstâncias forneciam uma espúria cadeia de provas, e o camarada Fiedler, com cujas ambições os Britânicos tão acertadamente contavam, aceitou-_ a.

Na melhor das hipóteses ele é culpado de um erro muito grave; na pior, é conivente com os espiões imperialistas para minar a segurança do Estado Trabalhador e assassinar (porque o camarada Mundt se encontra em riscos de perder a vida) um dos seus mais vigilantes defensores. Nós também temos uma testemunha. - Karden acenou benevolentemente para o tribunal. - Sim, nós também temos uma testemunha. Pois acaso supõem que, durante todo este tempo, o camarada Mundt ignorou a insensata conspiração de Fiedler? Há meses que conhecia as ideias que dominavam Fiedler. Foi o próprio camarada Mundt quem autorizou a abordagem feita a Leamas em Inglaterra; teria ele incorrido em risco tão insano se estivesse implicado? Quando o relatório do primeiro interrogatório a Leamas, na Holanda, chegou ao Presidium, bastou ao camarada Mundt verificar as datas das visitas de Leamas a Copenhaga e a Helsínquia para compreender que toda a operação era um logro para o desacreditar.

Essas datas coincidiam de facto com as visitas do

camarada Mundt à Dinamarca e à Finlândia; daí terem sido escolhidas por Londres. Tal como Fiedler, Mundt soubera dessas primeiras þþsugestões.þ.

Também Mundt procurava um espião nas fileiras do Abteilung. . .

Quando, após a chegada de Leamas ao nosso país, Fiedler embarcou no seu próprio interrogatório, o camarada Mundt não recebeu mais relatórios e percebeu o que Fiedler maquinava. Supunha como Leamas devia alimentar as suspeitas de Fiedler com as suas insinuações e sugestões, nunca exageradas, compreendem, mas subtilmente lançadas aqui e ali. Por essa altura o terreno fora preparado: o homem de Lebanon, a nossa constatação de que os Serviços Secretos Britânicos estavam altamente informados sobre o Departamento, ambos osfactos pareciam confirmar a presença de um espião altamente colocado dentro do Aóteilung. . . Foi um plano maravilhosamente engendrado. Poderia transformar, pode ainda transformar, a derrota que þos Britânicos sofreram com a perda de Karl Riemeck numa notável vitória. Mas o camarada Mundt tomou uma precaução, enquanto os þBritânicos, com a ajuda ile Fiedler, planeavam o seu assassínio.

Ordenou que se realizassem em Londres escrupulosos inquéritos.

Examinou o mais ínfimo pormenor dessa vida dupla que Leamas levava. Procurava um erro humano num esquema de subtileza quase sobre-humana. Algures, pensou, Leamas teria de quebrar o seu juramento de pobreza, de degeneração e, acima de tudo, de solidão.

Ele necessitaria de companhia, desejaria o calor do contacto humano, ansiaria por revelar uma parte do seu outro eu. Mundt tinha razão.

Leamas, esse operador experiente e hábil, cometeu um erro tão elementar, tão humano, que - sorriu - a testemunha está aqui; conseguida pelo camarada Mundt. Em breve chamarei essa testemunha a depor.

Parecia levemente irónico, como se se autorizasse, com bonomia, a contar uma anedota.

- Entretanto gostaria de fazer algumas perguntas a Mr. Alec Leamas. Diga-me - começou, quando Leamas avançou de novo -, tem posses?

- Não seja parvo - retorquiu Leamas secamente. - Bem sabe como me apanharam.

- Sim, de facto foi magistral - declarou Karden. - Posso então assumir que não tem dinheiro?

- Pode.

- Tem amigos que lhe emprestavam dinheiro? Lho davam, talvez? Lhe pagavam as dívidas?

- Se tivesse não estaria aqui agora.

- Exclui também a ideia de um amável benfeitor que se importasse consigo. . . o sustentasse. . . saldasse as suas dívidas, etc.?

- Excluo.

- Obrigado. Conhece George Smiley?

- Claro que conheço. Pertenceu ao Circo.

- Ele abandonou os Serviços Secretos Britânicos?

- Abandonou-os depois do Caso Fennan.

- Ah, sim, o caso em que o camarada Mundt esteve envolvido.

Depois disso tornou a vê-lo?

- Uma ou duas vezes.

- Viu-o depois de ter saído do Circo?

Leamas hesitou.
- Não - respondeu.
- Depois de sair da cadeia, concretamente no dia em que foi libertado, foi abordado por um homem chamado Ashe, não é verdade?
- _.
- Almoçou com ele no Soho. Depois de se separat-þm, pþ onde foi?
- Não me lembro. Provavelmente para um har. . .
- Deixe-me ajudá-lo a lembrar-se. Foi primeiro a Fleet Street.
Daí ziguezagueou de autocarro de metro e numa carrinha particular (bastante pouco engenhosamente para um homem com á sua experiência) até Chelsea. A carrinha voltou para Bayswater Street e o nosso agente informou que você entrou no número nove. Acontece que o número nove é a casa de George Smiley.
- Isso é mentira - declarou Leamas. - Devo ter ido para Eight Bells, que é o meu bar favorito.
- De carrinha?
- Isso é outro disparate. De táþi, certamente.
- E porquê toda essa digressão, antes?
- Isso é um disparate. Seguiram decerto outro homem. Típico da espionagem.
- Voltando à minha pergunta original, você não imagina que, depois de ser preso, Smiley se interessasse pelo seu bem-estar ou que tivesse saldado dívidas suas?
- Não. Não faço a mínima ideia do que está a tentar dizer Karden, mas a resposta é não. Se conhecesse Smiley nem fazia essa pergunta. Somos pessoas muito diferentes.
Karden, que parecia bastante satisfeito com a resposta, sorria e acenava com a cabeça, enquanto consultava pormenorizadamente o dossier.
Ah, é verdade! - disse, como se Lhe ocorresse algo de que se esquecera. - Quando pediu crédito ao merceeiro, que dinheiro tinha?
- Não tinha nada - respondeu Leamas em tom indiferente. -- Estava teso há uma semana. Vivia de restos. E tinha estado doente, quase não tinha comido. Creio que também foi isso que me enervou. . . que contribuiu para que agredisse o merceeiro.
- Ainda lhe deviam dinheiro na biblioteca, não deviam?
- Como é que soube? - perguntou Leamas þþþ-þnenþ.
- Porque não foi buscar esse dinheiro? Assim não teria necessidade de pedir crédito, pois não, Leamas?
Leamas encolheu os ombros.
- Esqueci-me. Provavelmente porque a biblioteca estava fechada aos sábados de manhã.
- Estou a ver. Tem a certeza de que estava fechada aos sábados de manhã?
- Não. Mas suponho.
- Obrigado. Não tenho mais perguntas a fazer-lhe.
Estava Leamas a sentar-se quando a porta se abriu e entrou uma mulher, forte e feia, de bata cinzenta e uma divisa na manga.
Atrás dela encontrava-se Liz.

21 A PRFSIDENTE Liz

entrou na sala de audiências lentamente, olhando em seu redor com olhos estupefactos, como uma criança ainda ensonada que entrasse numa sala brilhantemente iluminada. Leamas esquecera-se de como ela era jovem. Ao vê-lo ladeado por dois

guardas, Liz estacou.
- Alec !
Um guarda fê-la avançar, conduzindo-a para o lugar que Leamas ocupara. O silêncio reinava na sala do tribunal.
- Como se chama, menina? - perguntou abruptamente a presidente.
Liz tinha as mãos esguias caídas ao longo do corpo.
- Como se chama? - repetiu a presidente em voz alta.
- Elizabeth Gold.
- _ membro do Partido Comunista Britânico?
- Sou.
- E tem estado em Leipzig?
- Tenho.
- Quando se filiou no Partido?
- Em mil novecentos e cinquenta e oito. Não, cinquenta e sete, creio.
Foi interrompida pelo ruído súbito de uma cadeira arrastada e pela voz áspera, exaltada, desagradável de Alec Leamas que enchia a sala.
- Seus pulhas! Deixem-na em paz!
Liz voltou-se, aterrorizada, e viu um guarda desferir-Lhe um soco e Leamas tombar, o rosto pálido sangrando e o fato enrodilhado.
Depois ambos os guardas se lançaram sobre ele, ergueram-no e puxaram-lhe violentamente os braços para trás þ costas. A cabeça de Leamas descaiu-lhe sobre o peito e sacudiu-se num espasmo dþ dor. Os guardas soltaram-no.
- Se ele se mexer outra vez, levem-no daqui para fora ordenou a presidente. E acenou em direcção a Leamas, avisando-o: -- Pode falar novamente mais tarde, se quiser. Agora espere. Depois fitou Liz com intensidade e perguntou-lhe: - Elizabeth, falaram-lhe no Partido da necessidade de guardar segredo, não falaram?
Liz acenou afirmativamente.
- E disseram-Lhe que nunca, nunca, devia interrogar outro camarada sobre a organização e sobre os planos do Partido?
Liz acenou de novo.
- Disseram, claro - respondeu.
- Hoje vai ser severamente experimentada sob esse aspecto.
_ indiscutivelmente melhor para si não saber nada. Nada acrescentou, com uma ênfase súbita. - O que lhe vou dizer é o suficiente: nós os três sentados a esta mesa exercemos um cargo elevado dentro do Partido. Estamos a agir com o conhecimento do nosso Presidium, no interesse da segurança do Partido. Temos de lhe fazer algumas perguntas, e as suas respostas revestem-se de extrema importância.
Respondendo com verdade e coragem, ajudará a causa socialista.
- Mas quem está a ser julgado? - sussurrou Liz. - Que é que Alec fez?
A presidente olhou para Mundt e respondeu: - Talvez ninguém esteja a ser julgado. Ou talvez só os acusadores. Não importa quem é acusado - continuou. - A sua ignorância será uma garantia da sua imparcialidade.
Por instantes fez-se um silêncio na sala; e depois, numa voz tão sumida que a presidente instinúvamente voltou a cabeça para captar as suas palavras, Liz perguntou: - E Alec?
A presidente inclinou-se sobre a mesa e falou com veemência: - Escute, menina, quer voltar à sua terra? Faça o que lhe digo e volta. Mas se. . .

Interrompeu-se, indicou Karden e acrescentou: - Este camarada quer fazer-lhe algumas perguntas. Depois, você vai-se embora. Diga a verdade.

Karden ergueu-se de novo, ostentando o seu sorriso bondoso, clerical.

- Elizabeth - inquiriu -, Alec Leamas era seu amante, não era?

Ela acenou afirmativamente.

- Conheceram-se na biblioteca onde ambos trabalhavam.

- Conhecemos.

- Já teve muitos amantes, Elizabeth?

A resposta da jovem foi abafada por um grito de Leamas: - Karden, seu pulha!

Ao ouvi-lo, porem, Liz voltou-se e disse em voz alta: - Alec, por favor. Eles levam-te daqui para fora.

- Levam com certeza - observou a presidente secamente.

- Diga-me - recomeçou Karden em voz suave. - Alec sabia que você era comunista?

- Sabia. Eu disse-lhe.

- E qual foi a reacção dele quando soube?

O que mais a angustiava era não saber se devia ou não mentir. As perguntas sucediam-se tão rapidamente que não lhe davam oportunidade de pensar. E os seus interrogadores a escutarem, a observarem, a aguardarem uma palavra, um gesto talvez, que pudesse ser fatal a Alec, porque não lhe restavam dúvidas de que ele corria perigo.

- Como é que ele reagiu? - repetiu Karden.

- Riu-se. Não ligava a essas coisas.

- Diga-me, ele era uma pessoa feliz, sempre a rir-se e bem disposto?

- Não. Não se ria muito.

- Mas riu-se quando lhe contou que pertencia ao Partido.

Sabe porquê?

- Penso que desprezava o Partido.

- Supõe que ele odiava o Partido? - perguntou Karden em tom casual.

- Não sei - respondeu Liz numa voz patética.

- Considera Leamas um homem de paixões fortes?

-Não... não. Não considero.

- Mas ele atacou um merceeiro. Porquê?

Subitamente Liz deixou de confiar em Karden: a voz acariciadora, o rosto amável.

- Não sei - respondeu numa voz sem inflexões.

Karden fitou-a, pensativo, talvez um pouco desapontado, como se ela tivesse esquecido o catecismo.

- Sabia - esta parecia a pergunta mais óbvia - que Leamas tencionava agredir Mr. Ford, o merceeiro?

- Não - retorquiu Liz, talvez demasiado depressa; de modo que, na pausa que se seguiu o sorriso de Karden transformou-se numa expressão de curiosidade divertida.

- Até agora, até hoje - perguntou finalmente -, quando viu Leamas pela última vez?

Liz desejava poder virar-se e olhar para Leamas; ler no seu rosto qualquer indicação que lhe permitisse saber o que deveria responder.

Começava ã recear por si própria; recear essas perguntas que procediam de acusações e suspeitas das quais nada sabia.

- Elizabeth, quando se encontrou com Leamas pela última vez?

Odiava aquela voz sedosa.

- Na noite anterior - respondeu ela. - Na noite anterior

a ele lutar com Mr. Ford.
- Lutar? Não foi uma luta, Elizabeth. O merceeiro não teve a menor oportunidade. Muito pouco desþorávo! - Karden ria-se, e o mais terrível é que ninguém se ria com ele. - Diga-me, onde se encontrou com Leamas nessa noite?
- No apartamento dele. Ele tinha estado doente, não tinha ido trabalhar. Tinha estado de cama e eu ia cozinhar-lhe.
- E comprava a comida? Fazia compras para ele?
- Fazia.
- Que bondade! Deve ter-Lhe custado bom dinheiro - observou Karden. - Tinha posses para o sustentar?
- Eu não o sustentava. O dinheiro dava-mo Alec. Ele..
- Oh! - exclamou Karden asperamente. - Então ele sempre tinha dinheiro !
þþMeu Deus!, pensou Liz, þþque é que eu disse? - Não muito - acrescentou rapidamente. - Uma ou duas libras, não mais. Não tinha mais que isso. Não podia pagar as contas: a electricidade, a renda da casa. . . Tudo isso foi pago depois,þ por um amigo.
- Claro - disse Karden calmamente. - Um amigo pagou.
Veio expressamente pagar-lhe as dívidas. Um velho amigo.
Alguém que ele conhecia antes de se instalar em Bayswater, talvez.
Encontrou-se alguma vez com esse amigo de Leamas, Elizabéth?
Liz abanou a cabeça.
- Que dívidas mais pagou esse amigo? Sabe?
- Não. . . não. þ - Porque hesita?
- Já disse que não sei - retorquiu Liz ferozmente.
- Leamas tinha-lhe falado alguma vez desse amigo? Um amigo com dinheiro que sabia onde ele morava?
- Nunca me falou em nenhum amigo. Não pensava que tivesse amigos.
Fez-se um silêncio terrível na sala de audiências, mais terrível para Liz porque esta, como uma criança cega entre pessoas que viam, estava a parte de tudo o que a rodeava. Eles podiam avaliar as suas respostas aferindo-as por um padrão secreto, e ela não poderia saber o que tinham descoberto.
- Quanto ganha, Elizabeth?
- Seis libras por semana.
- Tem economias?
- Algumas. Algumas libras.
- Quanto paga pela renda do apartamento?
- Cinquenta xelins por semana.
- Bastante, não é, Elizabeth? Pagou recentemente a sua renda?
Liz abanou desamparadamente a cabeça.
- Porque não? - continuou Karden. - Está sem dinheiro?
Num sussurro, ela respondeu: - Uma pessoa pagou-me a renda e mandou-me o recibo.
- Quem?
- Não conheço. - As lágrimas corriam-lhe pelo rosto. - Não sei quem é. . . Há um mês mandaram-me o recibo. . . um banco na City. Juro que não sei de quem se trata: Uma oferta caridosa, disseram-me. O senhor é que sabe de tudo. Diga-me quem foi...
Enterrando o rosto nas mãos desatou a chorar, os ombros sacudidos por soluços convulsivos. Ninguém se moveu. Por fim ela deixou cair os braços, mas não ergueu os olhos.
- Porque não investigou? - perguntou Karden simplesmente.
- Ou está habituada a receber ofertas anónimas assim valiosas?

- Como ela não respondesse, Karden continuou: -- Não investigou porque adivinhou, não foi?

Levando de novo a mão ao rosto, ela acenou afirmativamente.

- Adivinhou que essa oferta provinha do amigo de Leamas, não adivinhou?

- Sim - falava a custo. - Ouvi dizer que, depois do julgamento, o merceeiro tinha recebido uma certa quantia, e pensei que devia ser do amigo de Alec. . .

- Que estranho - comentou Karden. - Diga-me, Elizabeth: alguém entrou em contacto consigo depois de Leamas ser preso?

- Não - mentiu.

Compreendia agora que queriam provar qualquer coisa contra Alec com base no dinheiro e nos amigos.

- Tem a certeza? - perguntou Karden, as sobrancelhas arqueando-se acima do aro doirado dos óculos.

- Tenho.

- Mas o seu vizinho - objectou pacientemente Karden - diz que logo depois de Leamas ter sido condenado dois homens a visitaram. Quem eram?

Ela não respondeu. Então, subitamente, Karden gritou; era a primeira vez que levantava a voz: - Quem eram ?

- Não sei. Amigos de Alec.

- Mais amigos? Que queriam eles?

- Não sei. Queriam saber o que ele me tinha dito.

Disseram-me que entrasse em contacto com eles, caso. . .

- Como ? Entrar em contacto com eles, como ?

Finalmente ela respondeu: - Morava em Chelsea. . . Chamava-se Smiley. George Smiley . . Eu devia telefonar-lhe. . .

- E telefonou?

- Não !

Um silêncio de morte descera sobre o tribunal. Apontando para Leamas, Karden disse, numa voz tanto mais impressionante quanto soava absolutamente contida: - Smiley queria saber se Leamas tinha falado demais. Leamas fizera a única coisa que os Serviços Secretos Britânicos jamais haviam esperado dele: arranjara uma mulher e chorara no seu ombro. - E Karden riu silenciosamente, como se se tratasse de uma boa piada. - Tal como aconteceu com Karl Riemeck. Cometeu precisamente o mesmo erro.

Karden pousou o dossier.

- Leamas costumava falar de si próprio? - perguntou.

- Não.

- Não sabe nada do seu passado?

- Não. Sabia que ele tinha feito um trabalho em Berlim. Um trabalho para o Estado.

- Então ele sempre lhe contou coisas do passado, não é verdade? Disse-Lhe que fora casado?

Seguiu-se um longo silêncio. Liz acenou afirmativamente.

- Porque não o tornou a ver depois de ele ter sido preso?

Podia tê-lo visitado.

- Não me pareceu que ele quisesse.

- E depois de ele ter cumprido a pena, não tentou contactar com ele ?

- Não.

- O que quer dizer que acabou com ele não é? - perguntou Karden com um sorriso sardónico. - Encontrou outra pessoa?

- Não! Esperei por ele. . . Esperarei sempre por ele. -- Reprimiu-se. - Queria que ele voltasse.

- Então porque não tentou descobrir o seu paradeiro?
- Ele não queria. Não compreende? Fez-me prometer-Lhe.. nunca o seguir. . . nunca. . .
- Então ele esperava ser preso, não esperava? - perguntou Karden, triunfante.
- Não. . não sei. Como posso dizer-lhe o que não sei?
- E nessa última noite - insistiu Karden com voz áspera e insolente -, na noite anterior à agressão ao merceeiro, obrigou-a a renovar a promessa. Obrigou, não foi?
Infinitamente cansada, Liz acenou, num patético gesto de capitulação.
- Sim.
- E despediram-se?
- Despedimos.
- Que motivo apresentou ele para romper consigo?
- Não rompeu - respondeu ela. - Nunca. Só disse que tinha de fazer uma coisa; tinha de apanhar alguém, a todo o custo, e depois, um dia talvez. . . voltaria. . . se eu ainda estivesse à sua espera e. . .
- E você respondeu - sugeriu Karden com ironia - que esperaria sempre por ele, não é verdade? Que o amaria sempre.
- Sim - replicou simplesmente Liz.
- Disse-lhe que lhe mandaria dinheiro?
- Disse. . disse que as coisas não eram tão más como pareciam. Que. . . que olhariam por mim.
- E foi por isso que você não investigou a procedência de um generoso presente. . .
- Sim! _ verdade! Agora sabe tudo. Já sabia tudo. Porque me mandou vir aqui, se sabia?
Imperturbável, Karden esperou que ela acabasse de soluçar.
- Isto - observou finalmente, dirigindo-se ao tribunal - é a prova da minha defesa. Lamento que uma rapariga de percepção facilmente perturbada pelos sentimentos seja considerada pelos nossos camaradas britânicos uma pessoa capaz para o Partido.
Olhando primeiro para Leamas e depois para Fiedler, acrescentou brutalmente: - _ uma idiota! Não obstante, ainda bem que Lþamas a encontrou. Não é esta a primeira vez que uma conspiração reaccionária é descoberta através da decadência dos seus arquitectos.
E com uma leve vénia para o tribunal, Kard,en sentou-se.
Apenas ele se sentou, Leamas ergueu-se, e os guardas não se opuseram.
Leamas pensava: Londres deve ter endoidecido. Tinha-lhes pedido que a deixassem em paz. E agora era mais do que claro que, a partir do momento em que deixara Inglaterra (mesmo antes, logo que fora preso) um palerma qualquer fora compor as coisas: pagar as contas, compensar o merceeiro, liquidar a renda; e acima de tudo Liz. Era pura loucura. Que pretendiam eles? Matar Fiedler?
Matar o agente deles? Sabotar a sua própria operação? Ou teria sido Smiley?
A sua consciência dþturpada te-lo-ia impelido a agir desse modo?
Restava-lhe uma única alternativa - ilibar Liz e Fiedler e carregar o fardo sozinho. Provavelmente estava perdido, de qualquer modo.
Se conseguisse salvar a pele de Fiedler, talvez restasse a Liz uma possibilidade de escapar.
Como diabo sabiam eles tanto? Tinha a certeza de que não

fora seguido até casa de Smiley naquela tarde. E como é que Mundt conseguira saber a história do seu roubo do Circo? Como? Meu Deus, como?
Confuso, furioso e amargamente envergonhado, tomou de novo o lugar perante o tribunal, rígido, como um: homem diante do cadafalso.

## 22 A CONFISSÇO

- MUITo bem, Karden. - O seu rosto estava pálido e duro como uma pedra, a cabeça inclinada na atitude de quem escuta um som distante. A sua calma era terrível; todo o seu corpo parecia presopelas garras de ferro da sua vontade. - Muito bem, Karden, pode manda-la embora.
- Não, Alec. . . - Liz fitava-o, o rosto contorcido, feio, os olhos escuros cheios de lágrimas.
Para ela não havia mais ninguém na sala; apenas Leamas, numa rígida atitude marcial.
- Não Lhes digas - disse numa voz estridente -, seja o que for, não lhes digas só por minha causa. . . Já não me importo de nada, Alec. Juroþque não me importo.
þ,þamas voltou-se para a presidente.
- Ela não sabe de nada. Absolutamente nada. Mande-a embora para Inglaterra. Eu conto-lhes o resto.
A presidente relanceou os homens que a ladeavam, após o que disse: - A testemunha pode sair da sala do tribunal, mas não pode regressar à sua pátria até terminar a audiência. Depois veremos.
- Ela não sabe nada, garanto-lhe! - gritou Leamas. - Karden tem razão. Foi uma operação planeada. Como é que ela podia saber?
Não passa de uma rapariga insignificante e frustrada, que trabalha numa biblioteca decadente. Para vocês não tem qualquer utilidade.
- _ uma testemunha - replicou a presidente secamente. -- Fiedler talvez precise de a interrogar.
Já não dizia.þcamarada Fiedlerþþ.
Ao ouvir o seu nome, Fiedler pareceu despertar de um sonho.
Os seus olhos castanhos e fundos pousaram-se por momentos em Liz, e sorriu ligeiramente, como se reconhecesse a raça dela. Ele, Fiedler, era uma figura perdida estranhamente calma.
- Ela não sabe nada - disse. - Leamas tem razão. Deixem-na ir.
A sua voz reflectia cansaço.
- Sabe o que está a dizer? - perguntou a presidente. - O que isso significa? Não tem perguntas a fazer-lhe?
- Ela já disse o que tinha a dizer. - Fiedler estudava as suas mãos como se estas lhe interessassem mais do que os processos do tribunal. - Foi tudo inteligentemente feito. - Acenou. Deixem-na ir. Ela não nos pode contar o que não sabe. - E com uma formalidade imbuída de uma certa ironia, acrescentou: - Não tenho perguntas para a testemunha.
Um guarda rodou a chave na porta e chamou em direcção ao corredor. No silêncio completo da sala ouviu-se a resposta de uma mulher e os seus passos pesados que se aproximavam. Fiedler ergueu-se abruptamente e, tomando o braço de Liz, conduziu-a até à porta. Aí ela voltou-se e olhou para Leamas, mas este tinha o olhar fixo num ponto distante, como o de quem não aguenta ver sangue.
- Regresse a Inglaterra - disse-Lhe Fiedler.

E subitamente Liz começou a soluçar descontroladamente.
A mulher rodeou-lhe os ombros com um braço, mais como suporte do que como conforto, e afastou-a da sala. O guarda fechou a porta.
O som do seu choro desvaneceu-se gradualmente.
- NÇO há muito para dizer - começou Leamas. - Karden tem razão. Foi um trabalho planeado. Quando perdemos Karl Riemeck, perdemos o nosso único agente decente na Zona. Não conseguíamos compreender o que se passava: Mundt parecia apanhá-los ainda antes de os recrutarmos. Regressei a Londres e encontrei-me com Controle. Estavam presentes Peter Guillam e George Smiley, embora George já se tivesse de facto reformado. Sabíamos que estávamos encostados à parede; tínhamos falhado contra Mundt e agora íamos tentar matá-lo. Todos nós odiávamos Mundt, creio, se bem que o não disséssemosþ planeámos as coisas um pouco como se se tratasse de um jogo. . . Enfim, eles sonharam um modo de fazer com que Mundt caísse na sua própria ratoeira. Depois trabalhámos retrospectivamente, por assim dizer. Se Mundt fosse nosso agente, como Lhe teríamos pago? Qual seria o aspecto dos dossiers? E assim sucessivamente. Peter lembrou-se de que um árabe tentara vender-nos uma informação completa sobre o Abteilung há um ou dois anos atrás e que o mandáramos passear. Depois verificámos que tínhamos cometido um erro. Peter teve a ideia de aproveitar esse facto, como se tivéssemos recusado a oferta porque já sabíamos tudo. Foi uma ideia inteligente. Podem imaginar o resto. O meu declínio simulado: as bebedeiras, as dívidas, os rumores de que havia roubado a caixa.
Elsie, da Contabilidade, e mais um ou dois ajudaram a divulgar os boatos. Fizeram-no primorosamente - acrescentou num tom orgulhoso. - Depois escolhi uma manhã de sábado, em que havia muita gente, para atacar o merceeiro. A imprensa local noticiou e vocês souberam. A partir de então - acrescentou com desprezo - vocês cavaram as vossas próprias sepulturas.
- A sua sepultura - interveio Mundt, fitando Leamas com oþ seus olhos inexpressivos. - E talvez a do camarada Fiedler.
- Não podem censurar Fiedler - disse Leamas. - Calhou ser o homem da ocasião. E não é o único homem no Abteilung que o enforcaria de bom grado, Mundt.
- Você é que vai ser enforcado - þrrmou Mundt. - Matou um guarda. Tentou matar-me.
- Smiley sempre disse que a coisa podia resultar mal. Disse que esta operação podia iniciar uma reacção que não conseguiríamosdeter. Sabem que ficou com os nervos desequilibrados. Nunca mais foi o mesmo desde o Caso Fennan, desde o negócio de Mundt em Londres. O que não entendo é a razão por que pagaram as contas, deram dinheiro à rapariga, etc. Não pode ter sido senão Smiley, que destruiu expressamente a operação. Deve ter tido uma crise de consciência, pensado que era condenável matar, ou coisa no género.
Voltando-se para o tribunal, disse: - Enganam-se quanto a Fiedler; não é um dos nossos. Por que razão iria Londres arriscar-se com um homem na posição de Fiedler.
Contavam com ele, admito. Sabiam que ele odiava Mundt; e porque não havia de odiar? Fiedler é judeu não é? E vocês sabem, todos devem saber, o que Mundt pensa dos judeus. Vou dizer-lhes uma coisa que mais ninguém lhes dirá: enquanto Mundt desancava Fiedler, não deixava de o insultar e injuriar por ele ser judeu.

Todos vocês sabem que espécie de homem e Mundt, e suportam-no por ele ser bom no seu trabalho. Mas - a voz faltou-lhe por um segundo -- mas, por amor de Deus. . . muita gente entrou nisto sem que Fiedler fosse o implicado. Fiedler é correcto. Ideologicamente são. _ esta a expressão, não é?

Olhou para o tribunal. Observavam impassíveis, quase curiosos, os olhos fixos e frios.

Fiedler, que o escutara com um estudado desinteresse, olhou-o por momentos estupefacto.

- E você estragou tudo, Leamas, não foi? - perguntou. -- Uma velha raposa como Leamas, empenhado na operação que coroaria a sua carreira, apaixona-se por uma. . . como é que lhe chamou? Uma rapariga insignificante e frustrada, que trabalha numa biblioteca decadente! Londres deve ter sabido; Smiley não podia fazer isso sozinho.

Fiedler voltou-se para Mundt: - Há um pormenor estranho neste caso, Mundt deve ter chegado ao conhecimento deles que você averiguou a história ponto por ponto. Essa a razão por que L.eþþ representou o seu papel tão cuidadosamente. No entanto, posteriormente, enviaram dinheiro ao merceeiro, pagaram a renda de Leamas, ofereceram à rapariga uma soma importante. Extraordinário fazerem isso a um membro do Partido. Não me diga que a consciência de Smiley vai tão longe.

Deve ter sido Controle. Que risco!

Leamas encolheu os ombros.

- Bem, Smiley tinha razão. Não podíamos deter a reacção.

Nunca esperámos que me trouxessem para aqui. Holanda, sim, mas þ aqui não. E nunca imaginei que trouxessem a rapariga. Fui um grande parvo.

- Mas Mundt não foi nenhum parvo - interrompeu rapidamente Fiedler. - Mundt sabia o que devia procurar. Sabia que a rapariga forneceria a prova. Muito inteligente, devo confessar! Até sabia dessa oferta que ela recebeu. Pergunto a mim mesmo como podia ele ter sabido. Ela não disse a ninguém. - Lançou um olhar rápido a Mundt. - Talvez Mundt nos possa contar como soube.

Mundt hesitou, um segundo mais do que deveria, pensou- Foi pela sua quota - disse Mundt. - fiá um mês ela aumentou em dez xelins mensais a contribuição para o Partido.

Tentei averiguar como é que Lhe fora possível aumentar a quota.

E consegui.

- Uma explicação magistral - replicou Fiedler friamente.

- Creio - disse a presidente, olhando para os dois outros membros do tribunal - que o tribunal está agora numa posição que lhe permitirá elaborar o relatório para o Presidium. Isto é acrescentou, voltando os olhos pequenos e cruéis para Fiedler -, se o camarada não tem mais nada a acrescentar.

Fiedler sacudiu a cabeça. Algo parecia diverti-lo.

- Nesse caso - continuou a presidente -, os meus colegas concordam que o camarada Fiedler deve ser afastado das suas obrigações até o comité disciplinar do Presidium considerar a sua situação.

þþLeamas jáþestá sob prisão. O promotor da Justiça do Povo, em colaboração com o camarada Mundt, considerará sem dúvida as medidas a serem tomadas contra um agente þ britânico provocador e assassino.

Lançou um olhar rápido a Mundt. Este, porém, olhava para Fiedler com a expressão desapaixonada de um carrasco que mede a sua vítima para a corda.

E subitamente, com a terrível clareza de um homem durante muito tempo iludido, Leamas compreendeu todo o medonho truque.

## 23 A COMISS RIA

LIZ ficou à janela, de costas para a guarda, o olhar vazio fixo no minúsculo pátio da cadeia. Encontrava-se num gabinete; havia comida sobre a secretária, mas þnão conseguia sequer tocá-la.

Sentia-se agoniada e extremamente fatigada; sentia o rosto tenso e congestionado das lágrimas.

- Porque não come? - perguntou-lhe a mulher. - Já passou tudo.

Disse-o sem compaixão, como se considerasse idiota a jovem não aproveitar a comida, uma vez que esta lhe era oferecida.

- Não tenho fome.

A mulher encolheu os ombros.

- Espera-a de certo uma longa viagem - observou -, que não vai terminar na abundância.

- Que quer dizer?

- Os trabalhadores sofrem fome em Inglaterra - declarou, complacente. - Os capitalistas deixam-nos morrer à fome.

- Quem lhe disse isso?

A mulher sorriu e não respondeu. Parecia contente consigo própria.

- Que é isto aqui? - perguntou Liz.

- Não sabe? - A vigilante riu-se. - Devia perguntar aos do outro lado. - E acenou em direcção à janela. - Eles podem dizer-lhe o que é isto.

- Quem são eles?

- Inimigos do Estado - respondeu. - Espiões, agitadores.

- Como sabe que são inimigos?

- O Partido sabe. O Partido sabe mais das pessoas do que elas próprias. Nunca lhe disseram isso? Isto é uma prisão para todos os que não reconhecem a realidade socialista, que julgam que têmþo direito de errar, que atrasam a marcha. Traidores - concluiu resumidamente.

Liz perguntou-lhe: - Que é que a senhora faz aqui?

- Sou comissária - replicou a mulher com orgulho.

- Deve ser muito inteligente - observou Liz aproximando-se.

- Sou uma trabalhadora - replicou a mulher com azedume. -- O conceito de que os trabalhadores intelectuais formam uma categoria superior tem de ser destruído. Não hþ categorias: só trabalhadores. Nunca leu Lenine?

- Então as pessoas detidas nesta cadeia são intelectuais?

A mulher sorriu.

- São - respondeu. - São reaccionários que defendem o indivíduo contra o Estado. . Sabe o que disse Khrushchev sobre a contra-revolução na Hungria?

Liz abanou a cabeça. Devia revelar interesse, obrigar a mulher a falar.

- Disse que nunca teria acontecido se um punhado de escritores tivesse sido liquidado a tempo.

- Quem é que eles vão liquidar agora? - perguntou Liz rapidamente. - Depois deste julgamento?

- Leamas e Fiedler - respondeu a outra com indiferença.

Liz sup“s que ia cair, mas a sua mão encontrou as costas de uma cadeira e conseguiu sentar-se. Depois balbuciou: - Que é que Leamas fez?

A mulher fitou-a com olhos pequenos e penetrantes. Era volumosa, tinha o cabelo ralo repuxado e preso na nuca, o rosto pesado, de compleição flácida e aguada.
- Matou um guarda - respondeu.
- Porquê?
A mulher encolheu os ombros.
- Quanto ao judeu, consta que conspirou com Leamas contra o camarada Mundt. O camarada Mundt sabe o que deve fazer aos judeus. Come ou não come isso? - perguntou, apontando para o prato sobre a escrivaninha.
Liz acenou negativamente.
- Então tenho eu de comer - declarou a mulher com uma grotesca simulação de relutância. - I)eram-þe uma batata. Você deve ter um namorado na cozinha.
O humor desta observação susteve-a até acabar a refeição de Liz.
LIZ regressou para junto da janela. Na confusão da sua mente predominava a pavorosa recordação da última imagem de Leamas na sala do tribunal, rigidamente sentado na cadeira, o olhar desviado do dela. Desiludira-o e ele não ousava olhá-la antes de morrer; não queria deixá-la ver o desprezo, o medo talvez, que se lhe reflectia no rosto.
Mas como podia ela ter procedido de outra maneira? Se ao menos Leamas Lhe tivesse dito o que ia fazer (mesmo agora não o sabia), teria mentido e þfornecido falsas pistas só por ele, teria feito tudo o que fosse necessário. Com certeza que ele o sabia; com certeza que sabia como ela era capaz, se possível, de arcar com o sofrimentm dele; como ela rezava para que lhe fosse dada a oportunidade de o fazer.
Mas como podia ela ter sabido que respostas dar àquelas perguntas veladas e insidiosas? Parecia-Lhe que causara uma enorme destruição.
Lembrava-se de, em criança, ter ficado horrorizada quando soubera que, a cada passo que dava, destruía milhares de seres minúsculos.
E agora fora forçada a destruir um ser humano; talvez dois, pois não havia também Fiedletþ que tão simpático se mostrara para com ela, lhe dera o braço e lhe dissera para regressar a Inglaterra?
Porque é que tinha de ser Fiedler. . . e não aquele loiro que sorrira todo o tempo? Sempre que se voltara vira-lhe a cabeleira lisa e loira e o rosto cruel a sorrir, como se tudo aquilo não passasse de uma anedota. Confortava-a saber que Leamas e Fiedler estavam do mesmo lado.
Voltando-se para a mulher, perguntou-lhe: - Porque é que estamos aqui a espera?
A vigilante afastou o prato.
- Estamos à espera de ordens. Estão a decidir se você tem ou não de ficar.
- Ficar? - repetiu Elizabeth, estupefacta.
- A questão e você ser uma testemunha. Fiedler pode ser julgado, já Lhe disse: suspeitam de uma conspiração entre Fiedler eO telefone tocou. A mulher ergueu o auscultador.
- Sim, camarada. Imediatamente - e pousou o aparelho.
- Você fica - disse secamente. - _ essa a vontade do camarada Mundt.
- Quem é Mundt?
A mulher fitou-a com uma expressão manhosa.
- _ vontade do Presidium que você fique - disse.
- Não quero ficar - gritou Liz, mas a mulher não respondeu.

Lentamente, Liz seguiu-a ao longo de corredores sem fim, atravessou portões gradeados guardados por sentinelas, passou por portas de ferro por detrás das quais não se ouvia nenhum som, desceu escadarias intermináveis, cruzou pátios subterrâneos, até pensar que descera às próprias entranhas do Inferno. E ninguém sequer lhe dizia quando é que Leamas ia ser morto.

N ão imaginava sequer que horas seriam quando ouviu passos fora da cela. Podiam ser cinco horas da tarde. . . ou meia-noite.

Estivera acordada, os olhos sem expressão fitos na escuridão, desejosa de ouvir qualquer ruído. Nunca imaginara que o silêncio pudesse ser tão terrível. Uma vez gritou, mas nem eco houve. Só a memória da sua própria voz. Visualizou o som a quebrar-se de encontro à escuridão sólida, como um punho contra uma rocha. Movera as mãos em redor de si, ao sentar-se na cama, e parecia-lhe que as trevas þ tornavam pesadas como se as movimentasse debaixo de água.

Sabia que a cela era pequena; que continha a cama onde se sentava e uma mesa nua; vira-as ao entrar. Depois a luz apagara-se e ela precipitara-se em direcção ao local onde sabia que se encontrava a cama, batera-Lhe e sentara-se sobre ela, tremendo de medo.

Até que ouviu os passos e a porta da cela se abriu de rompante.

Soube imediatamente que era o homem loiro e sorridente que vira no tribunal, embora divisasse apenas o contorno regular do rosto e o cabelo loiro e curto à luz pálida do corredor.

- Sou Mundt - disse o homem. - Venha já comigo.

A sua voz era altiva, se bem que sumida, como se não desejasse ser ouvido.

Liz ficou imóvel, aterrada. Lembrava-se da vigilante: þ.O camarada Mundt sabe o que deve fazer aos judeus." - Depressa, sua parva!

Mundt agarrou-a pelo pulso e arrastou-a para o corredor.

Estupefacta Liz viu-o fechar de novo a porta da cela.

Bruscamente, pegou-lhe no braço e conduziu-a ao longo do corredor, meio a correr, meio a andar. De vez em quando ouvia outros passos em corredores transversais, e notava que Mundt hesitava, recuava mesmo até se certificar de que ninguém vinha, após o que lhe indicava por gestos que avançasse. Parecia presumir que ela o seguiria, que conhecia o motivo. Era quase como se a tratasse como cúmplice.

Subitamente deteve-se e introduziu uma chave numa porta metálica suja. Liz aguardava, apavorada. Ele empurrou violentamente a porta e ela sentiu no rosto o ar doce e fresco do entardecer.

Ele .fez-lhe sinal, sempre com a mesma urgência, e ela desceu atrás dele dois degraus até um caminho de terra batida. Seguiram o caminho até um trabalhado portão gótico que dava para a estrada mais adiante. Estacionado junto ao portão viu um automóvel.

De pé, ao lado do carro, encontrava-se Alec Leamas.

- Espere aí - avisou Mundt quando Liz começou a avançar.

Afastou-se então sozinho e durante o que pareceu a Liz uma eternidade os dois homens conversaram em voz baixa. O coração batia-Lhe descompassadamente, e toda ela tremia de frio e de medo.

Finalmente Mundt retrocedeu e conduziu-a até junto de Leamas.

Por momentos os dois homens entreolharam-se.
- Adeus - disse Mundt numa voz indiferente. - Você é um louco, Leamas. Ela não presta; é como Fiedler.
Voltou-se e afastou-se, desaparecendo no lusco-fusco. .
Liz estendeu o braço e tocou Leamas, e este deu meia volta, afastando-lhe a mão enquanto abria a porta do automóvel.
Fez-Lhe sinal com a cabeça para que entrasse, mas ela hesitou.
- Alec - sussurrou -, Alec, que vais fazer?
- Cala a boca! - sibilou Leamas. - Não penses sequer, ouviste? Entra.
- Que é que ele disse de Fiedler? Alec, porque é que ele nos deixa partir?
- Deixa-nos partir porque fizemos o nosso trabalho. Entra no carro. Depressa!
Sob a compulsão da extraordinária vontade dele, Liz entrou no automóvel. Leamas sentou-se a seu lado.
- Que negócio fizeste com Mundt? - insistiu, numa voz que denotava desconfiança 'e medo. - Disseram que tu tinhas conspirado contra ele, tu e Fiedler. Nesse caso porque é que ele te deixa partir?
Leamas conduzia rapidamente ao longo da estrada estreita, ladeada de ambos os lados por campos por cultivar; à distância, colinas escuras e monótonas, que se confundiam com as trevas que se adensavam. Leamas consultou o relógio. - Estamos a duzentos e dez quilómetros de Berlim - disse.
þþTemos de contactar com uma pessoa em K_penick fora de Berlim, às dez menos um quarto. Não deve ser difícil chegarmos a horas.
Durante algum tempo, Liz permaneceu em silêncio; contemplava através do pára-brisas a estrada deserta, confusa e perdida num labirinto de pensamentos semiformados. Entraram numa auto-estrada.
- Foi por minha causa Alec? - perguntou por fim. - Foi por isso que levaste Mundt a deixar-me ir embora?
Leamas não respondeu.
- Tu e Mundt são inimigos, não são Ele permaneceu silencioso. Guiava agora com mais velocidade, o conta-quilómetros indicando cento e vinte quilómetros; a auto-estrada apresentava numerosos declives e lombas. Ele acendera os faróis na máximo e não se preocupava em baixá-los quando cruzavam com tráfego no sentido oposto. Guiava com brusquidão, dobrado pará a frente, os cotovelos quase sobre o volante.
- Que vai acontecer a Fiedler? - perguntou subitamente Liz e desta vez Leamas respondeu: - Vão fuzilá-lo.
- E porque é que não te mataram a ti? - prosseguiu Liz rapidamente. - Tu conspiraste com Fiedler contra Mundt, foi o que a comissária me disse. E mataste um guarda. Porque é que Mundt te libertou?
- Pronto! - gritou Leamas subitamente. - Eu conto-te!
Conto-te o que tu nunca, nunca devias saber; nem tu nem eu.
Escuta: Mundt é agente de Londres; compraram-no quando ele esteve em Inglaterra. Somos testemunhas de um sujo fim de uma imunda operação para salvar a pele de Mundt. Salvá-lo de um inteligente judeu do seu próprio departamento que começou a suspeitar da verdade. Obrigaram-nos a matar Fiedler, percebes? Agora já sabes, e que Deus nos ajude!

- SE assim é, Alec - disse ela finalmente -, qual foi o meu papel nisto tudo?

A sua voz era calma, quase monótona.

- Limito-me a fazer suposições, Liz, a partir daquilo que conheço e do que Mundt me contou agora mesmo fora da prisão.

Fiedler suspeitou de Mundt desde que Mundt voltou de Inglaterra; pensava que Mundt estava a fazer um jogo duplo. Odiava-o, claro, e porque não? Mas também tinha razão: Mundt era um agente de Londres. Como Fiedler era demasiado poderoso para Mundt o eliminar sozinho, Londres resolveu encarregar-se do assunto.

Mas Londres também sabia que não bastava eliminar apenas Fiedler, ele podia ter contado a amigos, publicado acusações; precisavam de eliminar a suspeita. Uma reabilitação pública foi o que eles organizaram para Mundt. . . Disseram-me que incriminasse Mundt. Que ele tinha de ser liquidado. E eu entrei no jogo. Seria o meu último trabalho. Assim abandalhei-me; bati no merceeiro, etc. Sabes tudo isso.

- E terminaste? - perguntou Liz calmamente.

Leamas sacudiu a cabeça.

- _ essa a questão. Mundt sabia de tudo. Conhecia o plano.

Ele e Fiedler mandaram que eu fosse abordado. Depois Mundt deixou Fiedler encarregar-se do caso, porque sabia que, no fundo, Fiedler se enforcaria a si próprio. O meu trabalho era deixar que Fiedler pensasse o que de facto era verdade: que Mundt era um espião britânico. Hesitou. - O teu papel era desacreditar-me. Fiedler foi condenado à morte e Mundt salvo, misericordiosamente libertado de uma conspiração fascistaþþ.

- Mas como sabiam eles que nos íamos encontrar? - gritou Liz. - Meu Deus, Alec, então eles serão capazes de adivinhar quando duas pessoas se vão apaixonar?

- Não dependia disso. Escolheram-te porque eras jovem e bonita e pertencias ao Partido, porque sabiam que irias à Alemanha se te convidassem. Sabiam que eu ia trabalhar na biblioteca. Esse tipo chamado Pitt, do Serviço de Empregos, mandou-me para a biblioteca. Pitt esteve no Circo durante a guerra e suponho que eles o contrataram. Só tinham de nos p“r em contacto um com o outro nem que fosse só por um dia, depois já podiam visitar-te e mandar-te dinheiro, como se fosse a meu pedido, criar a aparência de uma ligação, nem que não fosse. Uma paixão louca, talvez. Como nos apaixonámos, facilitámos-Lhe as coisas.

- Pois facilitámos. - Depois acrescentou: - Sinto-me suja.

amas permaneceu em silêncio.

- E isso aliviou a consciência do teu departamento? Explorar alguém do Partido Comunista em lugar de qualquer outra pessoa? -- continuou ela.

- Talvez - respondeu Leamas. - Mas eles não pensam de facto nesses termos. Tratava-se de uma conveniência operacional.

- Eu podia ter ficado naquela prisão, não podia? Era o que Mundt queria, não era? Ele não via necessidade de se arriscar; eu podia ter ouvido demais, adivinhado demais. _ estranho que me tenha libertado, mesmo como parte do negócio contigo. Eu agora sou um risco, não sou? Quero dizer, ao regressarmos a Inglaterra.

Um membro do Partido a saber tudo isso. . .

- Dá-Lhe uma oportunidade de assegurar a sua posição replicou Leamas. - Vai servir-se da nossa fuga para demonstrar ao Presidium que há outros Fiedlers no departamento que devem ser perseguidos.

- E outros judeus? Outras pessoas inocentes? Isso não pareþ preocupar-te muito.

- Claro que me preocupa. Não imaginas a vergonha e a raiva que sinto. . . Mas a minha vida tem sido diferente da tua, Liz.

Não vejo as coisas como tu as vês. As pessoas que jogam este jogo arriscam-se. Fiedler perdeu e Mundt ganhou. Londres ganhou, é essa a questão. Foi uma operação inconcebível. Mas resultou, e é esta a única lei.

medida que falava a voz crescia-lhe de tom, até que finalmente quase gritava.

- Estás a tentar convencer-te a ti próprio - gritou Liz. Praticaram um acto sujo. Como podes matar Fiedler? Fiedler era bom Alec; sei que era. E Mundt. . .

- De que diabo te estás a lamentar? - perguntou Leamas com aspereza. - O teu Partido está constantemente a sacrificar o indivíduo às massas. _ o que diz. Realidade socialista; travar dia e noite a batalha implacável... é o que dizem, não é? Tu, pelo menos, sobreviveste. Concordo, sim, concordo que podias ter sido destruída.

Mundt é um corrupto; não via qual a necessidade de deixar que sobrevivesses. A promessa dele (suponho que prometeu fazer o que pudesse por ti) não valia muito. Por isso bem podias ter morrido numa prisão no paraíso dos trabalhadores. Mas não é verdade que o teu Partido tem por objectivo a destruição de toda uma classe?

Retirando um maço de cigarros do bolso do casaco, passou-lhe dois com uma caixa de fósforos. Os dedos de Liz tremiam ao acendê-los e ao entregar um a Leamas.

- Estudaste bem isso tudo, não foi? - perguntou ela.

- Acontece que nós nos ajustávamos ao molde de que eles precisavam para a operação - insistiu Leamas. - E lamento.

Lamento também os outros. . . os outros que se ajustaram ao molde. Mas não te queixes das condições, Liz. São as condições do Partido. Um pequeno preço por um grande lucro. O sacrifício de um por muitos.

Não é bonito, bem sei, escolher a pessoa, aplicar o plano aos homens.

Ela ouvia-o; por momentos nas trevas, vagamente consciente do que quer que fosse para além da estrada que desaparecia à sua frente e do horror que lhe entorpecia o cérebro.

- Mas deixaram que te amasse - disse por fim. - E tu deixaste-me acreditar em ti e amar-te.

- Serviram-se de nós - retorquiu Leamas sem piedade. -- Enganaram-nos a ambos porque era necessário. Não havia outro melo. Fiedler estava já muito perto da verdade. Mundt seria apanhado. Não compreendes?

- Como consegues virar o mundo do avesso? - gritou derepente Liz. - Fiedler era bondoso e decente, e agora mataste-o.

Mundt é um nazi e um traidor, e protegeste-o. Como consegues?...

- Há só uma lei neste jogo - retorquiu Leamas -, Mundt é o nosso homem; dá-nos aquilo de que precisamos. Que julgas que os espiões são? Padres, santos, mártires? São uma procissão decadente de loucos, homossexuais, sádicos e bêbedos.

,Traidores também -- Julgas que eles se sentam às suas secretárias em Londres como monges, a pesar as virtudes e os pecados? Eu teria matado Mundt se pudesse; detesto-o. Mas não agora. Precisamos dele para que a grande massa de atrasados mentais que tu admiras possa dormir sossegadamente nas suas camas, toda a noite.

- E Fiedler? Não sentes nada por ele?

- Isto é uma guerra - retrucou Leamas. - Gráfica e desagradável porque se trava a uma minúscula escala num espaço fechado; por vezes à custa da perda de vidas inocentes. Mas não é nada, absolutamente nada ao lado de outras guerras, a última ou a próxima.

- Oh, Alec! - disse Liz em voz baixa. - Tu não compreendes. Não queres compreender. _ muito mais terrível o que eles`estão a fazer, a procurar a humanidade nas pessoas, em mim ou em qualquer outro que pretendam usar, para a transformar em armas nas suas mãos e servir-se dela para magoar e matar. . . Isso é muito mais perverso.

- Porque eu fiz amor contigo quando tu pensavas que eu estava destruído? - perguntou Leamas þdemente.

- Por causa do desprezo deles - retorquiu Liz - desprezo pelo amor, desprezo pelo que é verdadeiro e bom. Só Fiedler se importou comigo. O resto de vocês todos vocês. . . trataram-me como se eu não fosse nada. Só moeda para pagar. Vocês são todos iguais, Alec.

- Oh, Liz - disse ele desesperadamente -, por amor de Deus acredita-me. Detesto isto. Detesto tudo isto. Estou cansado.

Mas é o mundo, é a humanidade que endoideceu. Por toda a parte o mesmoþ vidas destruídas, pessoas assassinadas e presas, grupos e classes liquidados por nada. E tu, o teu Partido. . . Deus sabe como foi construído sobre os corpos de inocentes.

Enquanto ele falava, Liz recordava-se do sombrio pátio da prisão e da vi vigilante a dizer:.þ_ uma cadeia para aqueles que retardam a marchar. . para aqueles que julgam que têm o direito de errar.,þLeamas ficou subitamente tenso, perscrutando a estrada através do pára-brisas.   luz dos faróis Liz divisou um vulto na estrada que segurava na mão uma pequena luz que acendia e apagava à medida que o automóvel se aproximava. þþ_ ele,þ, murmurou Leamas.

Quando chegaram junto dele, Leamas inclinou-se para trás e abriu a da retaguarda. O homem entrou. Liz não se voltou. Olhava mente para a frente, para a chuva que caía na estrada.

- SIGA à velocidade de trinta quilómetros - disse o homem.

A sua voz era tensa, aterrada. - Eu indico-lhe o caminho.

Quando chegarmos têm de sair do carro e correr para o Muro. O projector vai apontar para o sítio onde têm de trepar. Deixem-se ficar dentro do facho do projector. Assim que este se afastar, comecem a trepar.

Têm noventa segundos para passar para o outro lado. Você segue à frente, Leamas, e a rapariga segue-o. Há degraus de ferro na zona inferior. . . depois tem de se içar como puder. Sente-se no cimo e puxe a rapariga. Compreende?

- Compreendemos - respondeu Leamas. - Quanto falta para lá chegar?

- Se guiar a trinta quilómetros à hora estamos lá dentro de aproximadamente nove minutos. O projector estará sobre o Mum às dez e cinco em ponto. Os guardas podem dar-Lhe noventa segundos.

- E depois dos noventa segundos? - perguntou Leamas.
- Só lhe podem dar noventa segundos - repetiu o homem -, senão é demasiado perigoso. Só um destacamento da guarda foi instruído. Julgam que vocês estão a ser infiltrados em Berlim Ocidental.
Disseram-lhes que não facilitassem demais. Noventa segundos bastam.
- Espero bem que sim - ripostou Leamas secamente. - Que horas são?
- Acertei o meu relógio pelo do sargento que comanda o destacamento. - No automóvel, uma luz acendeu-se e apagou-se rapidamente. - São agora nove e quarenta e oito minutos. Temos de sair às dez menos cinco. Sete minutos de espera.
Permaneceram num silêncio total, apenas interrompido pela chuva que tamborilava no tejadilho do automóvel.
A estrada empedrada abria-se diante deles, demarcada por sujos lampiões de cem em cem metros. Não se via ninguém. Sobre eles o céu estava iluminado pelo clarão artificial de luzes fluorescentes. De vez em quando o fácho de um holofote tremulava e desaparecia.
Estavam muito perto do fim da estrada.
- Não podem voltar atrás. Não há segunda oportunidade - avisou o homem. - Ele disse-Lhe? Se caírem ou se magoarem, não voltem para trás. Eles atiram a matar dentro da área do Muro.
Têm de passar para o outro lado.
- Já sei - replicou Leamas. - Ele disse-me.
- A partir do momento que saírem do carro estão dentro da área - disse o homem.
- Já sei. Agora cale-se - retorquiu Leamas. E depois acrescentou: - Você leva o carro embora?
- Logo que saírem do carro levo-o embora. Para mim também é um perigo - respondeu o homem.
- _ pena - comentou Leamas secamente. Seguiu-se novo silêncio. Depois Leamas perguntou: - Tem um revolver?
- Tenho - respondeu o homem -, mas ele deu-me ordens de não lho dar. . . que você de certeza mo ia pedir.
Leamas riu silenciosamente.
- Claro - comentou.
E ligou o carro. Com um ruído que pareceu encher a rua, o automóvel avançou lentamente.
Tinham percorrido cerca de trezentos metros quando o homem sussurrou, excitado: - Vire aqui, à direita, depois à esquerda.
Entraram numa estreita rua transversal, bordejada por barracas vazias de mercado que dificultavam a passagem ao automóvel.
- Agora à esquerda!
Descreveram nova volta, rapidamente, desta vez entre dois edifícios altos, e entraram no que parecia um beco sem saída. Uma corda de roupa atravessava a rua de um lado ao outro. Quando se aproximavam do fim do beco o homem disse: - Outra vez à esquerda. Siga a rua.
Leamas descreveu a curva, atravessou o passeio e seguiram por uma rua larga, bordejada à esquerda por uma sebe quebrada e à direita por um prédio alto. Ouviram um grito lá de cima, uma voz feminina, e Leamas murmurou: Cala-te la!þþ, enquanto contornava uma esquina em ângulo recto, entrando na estrada principal.
- Para onde, agora? - perguntou.
- Atravesse entre a farmácia e o correio. AíO homem apontava, tão inclinado para a frente que o seu rosto estava

quase ao nível dos deles.
- Chegue-se para trás - sibilou Leamas. - Como diabo posso ver com a sua mão a acenar à minha frente?
Meteu uma primeira e atravessou rapidamente a estrada larga.
Lançou um olhar rápido para a esquerda e, surpreendido, divisou a silhueta volumosa do Portão de Brandenburg, junto ao qual se aglomerava um grupo sinistro de veículos militares.
- Para onde vamos? - perguntou subitamente.
- Estamos quase a chegar. Devagar, agora esquerda, esquerda, volte à esquerda! - gritou o homem.
Leamas virou bruscamente o volante mesmo a tempo; passaram sob um arco estreito e desembocaram num pátio abandonado, na extremidade oposta do qual se abria uma porta.
- Atravese - sussurrou nas trevas a voz de comando, com uma nota de urgência. - Depois à direita. Vai encontrar um lampião à sua direita. O outro mais à frente está partido. Quando chegar ao segundo lampião, desligue o motor e deixe o carro deslizar junto ao passeio até ver uma boca de incêndio.
_ aí Atravessaram o portão e viraram à direita, entrando numa rua estreita.
- Desligue os faróis!
Leamas desligou os faróis do automóvel e guiou lentamente até ao primeiro candeeiro de iluminação pública. O segundo, logo adiante, não tinha luz. Desligando o motor, passaram silenciosamente junto dele até divisarem o vago contorno da boca de incêndio.
- Olhe - o homem apontava para uma rua lateral à esquerda, no fundo da qual, debilmente iluminada, se via uma porção de parede que culminava num cordão triplo de arame farpado.
- Como é que a rapariga vai atravessar o arame?
- Já está cortado no sítio onde vão subir. Há uma pequena abertura. Têm três minutos para chegar ao Muro. Adeus.
Saíram os três do carro. Leamas pegou no braço de Liz, que se afastou, como se ele a tivesse magoado.
- Adeus - repetiu o alemão.
Leamas pediu: - Não ligue o carro até atravessarmos a estrada.
Liz olhou para o alemão, na penumbra. Captou rapidamente um rosto jovem e inquieto; o rosto de um adolescente que se esforçava por parecer corajoso.
Quando entraram na rua ouviram atrás de si o automóvel ser ligado, dar a volta e afastar-se na direcção de onde tinham vindo.
þrDo DO FRþO CAMþttaþþ rapidamente, Leamas olhando de vez em quando por sobre o ombro para se certificar de que ela o seguia. Quando chegaram ao fim da rua, ele deteve-se, retirou-se para a sombra de um umbral e consultou o relógio.
- Dois minutos - segredou.
Liz permanecia em silêncio. Olhava fixamente para o Muro à sua frente e para as ruínas negras que se erguiam por detrás dele.
sua frente estendia-se uma faixa de trinta metros de largura.
Aproximadamente setenta metros à sua direita erguia-se uma torre de vigia, e o facho do seu holofote brilhava ao longo da faixa. A luz das lâmpadas fluorescentes, lívida e esbranquiçada na chuva miudinha, enquadrava o mundo para além. Não se via vivalma nem se ouvia um som. Um palco vazio.
O facho dos holofotes começou a seguir o Muro na direcção

deles, vacilante; de cada vez que a luz se detinha eles viam os tijolos separados e as camadas de argamassa colocadas à pressa. O foco deteve-se exactamente à sua frente. Leamas consultou o relógio.

- Pronta? - perguntou.

Ela acenou afirmativamente. Pegando-lhe no braço, ele começou a atravessar resolutamente a faixa. Liz queria correr, mas ele segurava-a tão firmemente que não Lho permitia. Haviam percorrido agora metade da distância que os separava do Muro, o brilhante semicírculo de luz a empurrá-los para a frente, o facho exactamente sobre eles. Leamas apertava Liz de encontro a si, como se receasse que Mundt não cumprisse a sua palavra e que, no último instante lha tirasse, de qualquer maneira. . .

Encontravam-se praticamente junto do Muro quando o facho do projector se desviou para norte; deixando-os momentaneamente imersos em escuridão. Sempre agarrado ao braço de Liz, Leamas guiou-a cegamente, impelindo-a para a frente, o braço esquerdo estendido, até que, subitamente, sentiu o contacto áspero dos tijolos.

Conseguia agora distinguir o Muro e, erguendo os olhos, viu o cordão triplo de arame farpado e os terríveis ganchos que o seguravam. Tinham sido introduzidos nos tijolos cunhas metálicas, como cavilhas de alpinistas. Agarrando a mais alta, Leamas alçou-se rapidamente até chegar ao topo do Muro. Puxou então com força o primeiro arame farpado, que se soltou.

- Vamos! - sussurrou com urgência. - Começa a trepar
Deitando-se ao comprido, esticou o braço e agarrou-lhe a mão estendida, içando-a lentamente à medida que os pés dela iam encontrando degraus de metal.

Subitamente foi como se o mundo úþnompesse em chamas; de todas as partes, de cima e dos lados, convergiam directamente sobre eles estonteantes fachos de luz.

Cego, Leamas desviou a cabeça e puxou desesperadamente Liz pelo braço. A jovem agora baloiçava no ar. Pensando que ela escorregara, chamou-a com um grito, continuando a içá-la.

Ouvir se então o silvo agudo das sirenes é gritos de comando.

Senúajoelhado no Muro, Leamas agarrou-lhes ambos os braços e começou a puxá-la para si, centímetro a centímetro, ele próprio prestes a cair.

Foi então que fizeram fogo. . . três ou quatro vezes. . . e sentiu-a estremecer. Os braços delgados escorregaram-lhe das mãos.

Ouviu uma voz gritar em inglês, do lado ocidental do Muro: - Salta, Alec! Salta, homem!

Agora todos gritavam simultaneamente, ingleses, franceses e alemães. Distinguiu muito perto a voz de Smiley: - A rapariga? Onde está a rapariga?

Protegendo os olhos com a mão, Leamas olhou para a base do Muro e por fim conseguiu vê-la, deitada, imóvel. Por momentos hesitou. Depois, lentamente, retrocedeu, descendo os degraus de ferro, até chegar junto dela. Estava morta, o rosto voltado de lado, o cabelo preto a cobrir-lhe as faces, como se a protegê-la da chuva.

Eles pareceram hesitar antes de abrirem fogo de novo. Alguém gritou uma ordem, mas ninguém disparava. Finalmente soaram dois ou três tiros. Leamas olhou em redor, estonteado, como um touro cego na arena. Quando caiu, reviu um pequeno automóvel esmagado entre grandes camiões e as crianças à janela, a acenarem jovialmente.

Jotþv þ cnRþ é um inglês ainda jovem, de natureza pacífica, chamado David Cocnwell. Nega ter sido espião, embora trabalhasse uma vez, como oficial do Exército, nos Serviços Secretos na  ustria. Até há pouco tempo trabalhou no Ministério dos Negócios Estrangeiros Britânicos, primeiro em Bona e depois em Hamburgo.

Nascido em 1931 e educado em Inglaterra, Comwell fugiu do colégio onde fora internado e acabou a sua educação na Universidade de Berna, Suíça, e em Oxford, interrompendo apenas os estudos paca o serviço militar.

Foi professor de Francês e Laúm no famoso Eton College em Inglaterra, e depois pintor, mas nenhuma dessas ocupações o satisfez. Foi durante os três anos que trabalhou no Ministério dos Negócios Estrangeiros que começou a escrever histórias de espionagem nos tempos livres geralmente na cama, de manhã cedo. Aos seus dois primeiros romances, Call for the Dead e A Murder of Quality, seguiram-se The Spy Who Came ln From The Cold (O espião que veio do frio), a respeito do qual afirma: Queria conduzir o leitor ao longo de uma trama colossal. O êxito deste livro permitiu a Cornwell abandonar a carreira diplomática e dedicar-se à criação literária em full-time.

FIM DO LIVRO.